

MEMENTO
DOS
QUADROS
DA
HISTÓRIA
DE
PORTUGAL

COORDENADOS PELOS PROFESSORES DE HISTÓRIA

CHAGAS FRANCO
DO COLÉGIO MILITAR

E

JOÃO SOARES

DOS FÚPILOS DO EXÉRCITO

ILUSTRAÇÕES DE

ROQUE GAMEIRO

E

ALBERTO DE SOUSA



MEMENTO

DOS

QUADROS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

COORDENADOS

PELOS PROFESSORES DE HISTÓRIA

CHAGAS FRANCO

Do Colégio Militar

E

JOÃO SOARES

Dos Pupilos do Exército

ILUSTRAÇÕES DE

ROQUE GAMEIRO E ALBERTO DE SOUSA



EDITADOS PELA PAPELARIA GUEDES

DE

PAULO GUEDES & SARAIVA

RUA ÁUREA 80
LISBOA

3-4-1915

EXPOSIÇÃO

Ao Ex.^{mo} Senhor

Ministro da Instrução Publica

E' hoje em dia incontroverso, evidente para os pedagogos e para os mestres, que o ensino da história pátria se impõe — entre o de todas as outras disciplinas das escolas primárias — como o de mais profunda e decisiva influência para a educação.

Principalmente nas repúblicas, nas sociedades que se orientaram para a forma mais perfeita das democracias, o ensino da história nacional é o mais próprio para desenvolver e fortificar no espirito das crianças sentimentos e aspirações nobilíssimas — como as do dever, da liberdade, da dignidade cívica e da crença tão moralisadora e tão proveitosa no futuro da nacionalidade.

Infelizmente esse estudo está ainda entre nós muito longe do que devia ser; os programas não foram ainda emancipados do arcaísmo e da rotina; os compêndios tem de, fatalmente, ser arcaicos também — e, completamente desprovidas as aulas de material próprio, nos moldes asfíxiadores, tão restritos em que as lições decorrem, escassamente elas poderão servir para revivescer e dignificar a raça, escassamente delas resultará a reflexão moral, o estímulo, o conselho, o santo orgulho pelas glórias da pátria, a compreensão da sua alta missão civilisadora, a justificação das suas

1916

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA GUEDES

RUA ÁUREA
LISBOA 80

revoluções, de todas as suas conquistas até á transformação republicana, o convicto despertar das consciências, a glorificação do trabalho, da dignidade e da persistência, que são — para o educador moderno — a mais elevada razão de ser do ensino da história.

Demais este ensino é ainda entre nós cruelmente abstracto, tão abstracto quasi como o das matemáticas puras — e só concretisando-o, só objectivando-o, só recorrendo á imaginação da criança, ella sentirá viver o passado, e poderá representar, tão exactamente quanto possível, os personagens e os acontecimentos.

A gravura é por isso um poderoso, um indispensável auxiliar dêsse ensino — só pela gravura a criança pode vêr, só por ella a criança pode sentir e comparar e apreender os factos, e compreender a evolução da nacionalidade, e estabelecer a diferença entre as várias épocas que estuda e a época em que hoje vivemos. Só pela gravura o ensino da história se pode modernisar, florescer em todo o seu útil rendimento; só pela gravura a criança — libertada de abstrações confusas — pode receber a noção viva e estimuladora do progresso, a noção justa, emancipadora e nobilitante das étapes vencidas, dos sacrificios produzidos, das liberdades e garantias conquistadas.

E' por isso que lá fora, na França, na Inglaterra, na Bélgica, na Itália, na Alemanha, nas libérrimas nações da América, as aulas de história brilham de coloridos painéis; todo um material perfeito e disvelado ornamenta os seus muros, enriquece as suas estantes — e artistas e editores rivalisam para conseguir as collecções mais bizarras, para realisar, pela tricromia ou pela pedra litográfica, os mais belos factos da nacionalidade ou as mais lídimas proezas dos heróis.

E' por isso que os presentes **Quadros da História de Portugal** se justificam e — iamós dizer — impõem para o ensino; é por isso que elles devem marcar nas nossas escolas primárias como um padrão e uma conquista benéfica; como uma intenção — que

fortalecendo na criança todas as suas qualidades morais, e porventura fazendo germinar nella algumas qualidades artisticas — é de um alcance patriótico insosfismável.

São evidentes os beneficios, os progressos que para o ensino da história e para a dignificação da mocidade escolar que resultarão dêstes **Quadros**.

Os EDITORES

Parecer do Conselho Superior de Instrução Pública

1 DE MAIO DE 1915.

.....

Examinou este Conselho com toda a atenção os *Quadros da História de Portugal* de Chagas Franco e João Soares, a que dão vida as belíssimas aguarelas de Roque Gameiro e Alberto de Sousa, e não hesita em afirmar que, pela discreta escolha dos assuntos, pela verosimilhança com que estes foram tratados, pela correcção do desenho, pela sobriedade e harmonia do colorido, constituem os referidos Quadros não só um *excelente auxiliar para o ensino e para o estudo da história pátria, como também um valioso elemento decorativo das aulas, e um factor, de não menor importância, para a educação do espirito de observação e do senso estético dos alunos.*

.....

E porque assim o entende, o *Conselho de Instrução Pública* é de parecer que o louvável empreendimento dos editores Paulo Guedes & Saraiva, pela sua alta significação patriótica, bem merece o patrocínio do Estado, nos limi-

tes e pela forma, porém, que elle tiver por convenientes.

Sala das Sessões do Conselho de Instrução Pública, em 1 de Maio de 1915.

(aa) *Júlio de Matos,*
José Caeiro da Mata,
Arlindó Varela,
Júlio Dantas,
Francisco M. da Costa Lobo,
Michel Angelo Lambertini,
Eugénio de Castro Rodrigues,
Ricardo Jorge,
Acácio Guimarães,
Rodolfo Guimarães.

Lisboa, 28 de Junho de 1916

Ex.^{mas} Snrs. Paulo Guedes & Saraiva

Lisboa

Desejam vosselencias que lhes dê a minha opinião sobre o valor artistico dos quadros a côres, compostos pelos snrs. Roque Gameiro e Alberto Souza para o estudo da nossa historia. E, como a abundancia não prejudica muito, não ponho duvida em a formular.

Vosselencias adoptaram para o fim alvejado a forma do quadro parietal; não discuto a questão respectiva, porque essa forma reúne muitos votos a seu favor.

A apreciação artistica, como a intendo, tem necessariamente de se dividir em duas partes: a que considere a obra em si, e a que estabeleça a sua relação com o ensino.

Sob o primeiro aspecto, admiro sinceramente o esforço que representa o conjunto de todo o trabalho e não posso deixar de louvar o valor de muitos dos quadros da colecção. É certo que o artista português, seja de que genero fôr, não se tem tornado até hoje notavel pelo talento da composição. O quadro historico, então, leva-me a considerá-lo como uma das provas mais flagrantes da nossa inferioridade nesse campo. O português faz a paisa-

gem, o retrato, a figura parada, o friso, quer nas artes plasticas, quer nas da palavra; escapa-lhe porém o dinamismo da acção, a sciencia dos agrupamentos e das estruturas vivas, a expressão das fisionomias e das atitudes. Ora, nesse terreno, é que justamente a sua publicação mais digna se torna, a meu vêr, de todo o aplauso. E confesso-me devêras e muito agradavelmente surpreendido.

Ha aí quadros notaveis como composição e como intensa expressão de vida, que até se diriam destinados a decorar as paredes dum grande edificio nacional. Julgo-os a par do que ha de bom neste ramo de arte lá por fóra; muito acima portanto de simples cromos de illustração livresca. Roque Gameiro, e ainda em grande parte o seu discipulo snr. Alberto Souza, impõem-se, por esse facto, á minha admiração.

Quanto ao valor pedagogico da obra, creio muito satisfactoriamente atingido o fim a que vizavam. Penso que se deseja aí, e deve desejar-se, dar uma impressão vigorosa e o mais exacta possivel da nossa vida, da nossa civilisação, de todas as nossas cousas; dos grandes factos historicos, das grandes figuras nacionais e das suas acções nobilitantes. E julgo que o conseguiram em larga escala.

A exactidão historica constituiria porventura o problema de mais difficil resolução. Num país dispersivo como o nosso, em que a obra de conjuncto é uma raridade, em que ninguem respeita o trabalho a'heio e em que a pobreza dos documentos é tão sensivel, o esforço realiado na reconstrução e, em pontos, na advinhação dos pormenores, é digno dos mais altos elogios. Boutet de Monvel poudeser o seu belo Album da Joana de Arc não só porque o

ajudava o meio intelectual e economico da Franga, como porque tinha atrás de si uma infinidade de Violets-le-Duc, de documentos e de museus a esclarecê-lo, a orientá-lo. Nada de isso, por assim dizer, existe entre nós. Esta preparação erudita falta-nos e o pêso dela caiu quasi inteiramente sobre os dois artistas. Louvo pois a nobre coragem com que encararam o problema a realisar e os resultados alcançados.

Aplaudo por egual a comecção que os animou ao conceber as scenas e as figuras na visão dos grandes factos da nossa historia; creio que fazem obra de bons portugueses e que despertarão nos alunos a admiração estetica, o entusiasmo e o amor pela sua patria; finalmente, que atingirão um ideal educativo justo e nobilitante.

Bem hajam pois.

Por ultimo, não posso deixar de encarecer toda a parte elucidativa, relacionada com os nossos monumentos, costumes, trajes, mobiliario, pratas, ceramica, armas, moedas, selos e bandeiras. Tudo isto está de facto muito longe do que me ensinaram no liceu: daquela unica serie, a dos reis, que um condiscipulo meu dividia em bons e em maus, limitando a isso tudo quanto ficou a saber da nossa historia.

As minhas felicitações e que a sua benemerita empreza seja coroada de todos os exitos possiveis.

At.^o Ven.^{dor} e Adm.^{dor}

Antonio Arroyo.

Revive toda a grandeza
da nossa pátria

NOS

QUADROS
DA HISTÓRIA
DE PORTUGAL

A obra de pedagogia e de história, o livro aberto e amplo de patriotismo a que nos referimos nas páginas que seguem, dispensam bem o fulgor doirado do reclame com que se costumam anteanunciar as produções esgotantes da indústria livreira, e as iniciativas literárias do nosso país.

Esta obra é a concepção mais levantada do ensino da história pátria. Os seus autores, os empreendedores da ideia, sentiram melhor do que ninguém neste período decisivo da nossa nacionalidade que é pela leitura das nossas bíblias, pela contemplação do nosso passado, pelo revigoração da nossa tradição, que as almas se levantam mais alto, e os olhos do espirito se abrem mais longe para desafiar o futuro. A's novas gerações está entregue o encargo de erguer o nome da raça ao círculo mais elevado da história de todas as pátrias. Que se havia de dar a ler, nas escolas, para que o sentimento nacional despertasse mais quente na alma da criança que se abre para o mundo, agora que o mundo vai transtornado e intranquilo? Os tratados úteis mas frios das sciências elementares? Os compêndios sóbrios das filosofias simples e ternas? Os catequismos místicos da doutrina de um cristianismo distante? Os pamfletos revolucionários das

ideias? As colunas inspiradas e arrebatadoras que defendem o Direito que se reivindica na guerra desta hora?

Não. A história da pátria! A indicação calma e solene das nossas grandezas! O quadro iluminado e espiritual da nossa fé, da nossa crença, transplantado dos códices do passado para o livro do presente!

E como o espírito das crianças e a trémula e indecisa energia das gerações escolares nem sempre possuem a força de assimilação, a facilidade de interpretação capaz de abranger todo o resplandescendente fulgor que se guarda há séculos atrás, foram os srs. Chagas Franco, João Soares e Paulo Emilio Guedes procurar o artista Roque Gameiro, que por sua vez indicou igualmente para colaborar outro artista, Alberto de Sousa, e assim a obra se illustrou com o concurso dos dois talentos nacionais da aguarela histórica e precisa, um e outro quentes e sugestivos, apaixonados das nossas cousas antigas, das nossas velharias, das nossas reconstituições; um e outro interessados no mesmo esplendor do livro, um e outro artistas de consagração, cujos pinceis, de tonalidades diversas, conhecem o segredo irisado das côres, o mistério indeciso dos planos, a graça espiritualizada dos tons, tão capazes de vincarem a noite sombria da dúvida como a aurora resplandescendente da verdade.

Os Quadros da História de Portugal assentam em oito ciclos cuidadosamente repartidos pelos autores segundo os períodos mais fecundos da História. Vai-se da Conquista de Lisboa até à Proclamação da República, e passa-se por Aljubarrota, pela Índia, pela Independência, pelo esplendor de D. João V, pela reconstrução depois de 1755, pelas Côrtes de 1820, de um salto, de um sôpro, de um fôlego, sempre a alma enebriada pelo perfume eterno do passado e os olhos iluminados pela vida maravilhosa que sobressai das tricromias.

Chagas Franco e João Soares ensinam a indumentária, a cerâmica, o mobiliário, a

numismática, a armaria. Descrevem as épocas, registam as leis, apontam aonde onde estão as planícies, os vales, os desfiladeiros, as colinas, as montanhas da História; o quer que seja que se pareça com a matança dos cristãos novos, com a expulsão dos judeus, com a Inquisição, o Alcácer Quebir, a Índia, Afonso de Albuquerque, o 1.º de Dezembro, a Maria da Fonte.

E aí está porque esta obra sendo uma obra para crianças é uma obra para toda a gente: para os que sabem e para os que querem saber; para os que se entreteem a rir pelo passado e a chorar pelo futuro; para os que crêem e para os que desconfiam; para os que amam a terra onde nasceram e para os que não deram ainda por esse amor; para aqueles, enfim, que não rezando nunca não tem dúvida de ajoelhar no altar ideal da pátria e erguer a sua prece até onde a voz da alma consegue chegar.

E como a Obra é para todos, nós daremos de fugida o desenvolvimento histórico e tradicional dos oito ciclos.

Vinde connosco. Façamos todos de conta que entramos agora numa catedral, e que vamos tranqüilamente admirar em cada capela o ouro lavrado e o linho em rendas dos períodos luminosos. E quando chegarmos ao fim, e sairmos novamente para fora, digam-nos depois se não vimos já com a alma mais robustecida e os olhos mais ateitos á luz do sol.

O PRIMEIRO CICLO

Aquarelas de Roque Gameiro

Portugal prehistórico. —
Povos, castelos, monu-
mentos. — A conquista de
Lisboa. — A batalha do Sa-
lado. — Martim de Freitas,
Egas Moniz, a Rainha Santa

parecidos, pela reconstituição sábia dos estudiosos, tal foi o encargo a que Roque Gameiro se dedicou, cuidadosamente, pacientemente, quasi scientificamente. A *Tomada de Lisboa* é uma maravilha de estudo e de identificação. Seria difficil attribuir com propriedade um erro de interpretação no quadro: a cidade velha, guardada de muralhas altas, macissas, impenetráveis, descança no amontoado pálido das suas casas, protegidas no alto pelo castelo, reconstituído do primitivo. A água do Tejo lambelhe carinhosamente as margens; na praia, os barcos de proas altas, em pescoço de cegonha, altivas e provocantes, transportam para o ataque centenas de homens armados, decididos, cheios de fé religiosa e potente, e elevam às desenas, em montes, em pilhas, tórres altas, enobrecidas de estandartes, cercadas de escadotes e vigas, por onde se disfruta toda a

O primeiro ciclo: têm-o-lo à vista. Arrancar da poeira dos tempos, descobrir da confusão das lendas truncadas a nota exacta da época, nos costumes, nos monumentos desa-

defesa do bárbaro inimigo. Aqui e além defesas improvisadas e seguras, por trás das quais se escondem os assaltantes, munidos da sua lança pesada e do seu escudo robusto; tendas baixas deixam a sua mancha de côr vaga na areia loura, habituada ao carinho húmido das águas do rio. Ao fundo as planicies verdes dos arredores descobrem a nudez citadina da época. Há neste quadro qualquer cousa de magestoso e bárbaro, que o flagrante do período histórico arranca ao espírito menos culto do observador. A *Tomada de Santarém*, nas suas muralhas atlas e negras, vencidas por assaltos successivos dos cristãos, é outra esplêndida incarnação da verdade histórica. A *Batalha do Salado*, grande na elevação do conjunto, reproduz o combate primitivo, as filas temerárias de cavaleiros, cobertos de ferro, ginetes defendidos de couraças de ouro brilhantes, homens como selvagens, lançando-se, perdidos de furor, contra as barreiras firmes dos adversários, protegidos de escudos largos; e nesta confusão de cavalos, de homens, de feras — um fundo erigido de lanças, de estandartes, de trofeus, tudo correndo, numa fúria devastadora, tropeando resfolgando, galopando, enquanto o sol ao alto se encobre de pavor e os sinos distantes do burgo entoam o cântico presenhado de vitória.

Martim de Freitas em Toledo relembra-nos o episódio duro e fundo que a tradição conserva; o quadro reproduzindo *D. Pedro castigando o bispo de Porto* é de um impressionismo fiel; a *Rainha Isabel em Alvalade* é outra reconstituição apreciável, cuja doçura de côres a contrastar a rudeza da figuração rememora o acontecimento, que ainda hoje se guarda como uma reliquia.

A *Sé Velha de Coimbra*, de um romano sóbrio, o *Túmulo de Inês de Castro*, o *Castelo de Almourol*, o *Castelo de Guimarães*, a reprodução da sala mourisca de Sintra, as figuras rudes de iberos, romanos, celtas, lusitanos, as interpretações do frade, do trovador, do cavaleiro medievo, do templário e do cruzado, acompanhadas de peças de ourivesaria medieval, armas, utensílios, selos, moedas, estan-

dartes de D. Afonso Henriques, de Sancho II, de Afonso III, da ordem de S. Fernando, de Aviz, de S. Tiago, balsão dos Templários — são tudo curiosas e exactíssimas rememorações do período primeiro da nossa nacionalidade. E sobre todos estes quadros, sobre toda a difficil execução de verdades, arrancadas da lenda, de tradição, do museu, das miniaturas, compediadas pelo estudo e pela assimilação, a destacar-se, a um lado, cheia de côres e de vigor — a figura nobre e agigantada de Egas Moniz, em Lião, diante do Rei, rodeado dos filhos, no meio do pasma dos bispos, dos validos, dos senhores, todos de brocado e de oiro em franjas, entre florestas de lanças, de bâculos e de cruzes, a testemunhar ao esplendor e à grandesa leonina a lialdade três vezes altiva da raça e da alma portuguesa.

O primeiro ciclo dos quadros da História é o começo da nacionalidade; passa nas interpretações dos desenhos aquele áspero e forte motivo da nossa independência, e sente-se bem nele o vinco audaz dos reis povoadores, dos reis conquistadores, dos reis cortejadores. É o período decisivo da história que, entrando em Ourique com o misticismo da exaltação religiosa, vai depois acabar nas crueldades do rei Pedro, o *justiceiro*, e descança eternamente a chorar uma lágrima de saudade por sobre o tûmulo tranqüilo e doce da triste Ignês de Castro

... .. a mísera e mesquinha
que ainda depois de morta foi rainha.

O SEGUNDO CICLO

Aquarelas de Alberto de Sousa

Aljubarrota e o Mosteiro da Batalha. — O infante D. Henrique e Ceuta, a pérola de África. — O conde de Andeiro. — As côrtes de Coimbra. — O alfaiate Fernão Vasquez. — O decapado. — Frades, bobos, poetas. — A Imprensa, a Bússola, a Bombarda.

O segundo ciclo representa na opinião autorizada de Teófilo Braga «o começo da existência histórica de Portugal». E' nos Quadros da História de Portugal o período que antecede o sonho da Índia. Alberto de Sousa interpreta algumas das fases históricas

da época com uma rigorosa propriedade, e aquele vigor de traço que são a sua mais segura nota de arte. *A Batalha de Aljubarrota* é a estampa assinalada do ciclo. De maiores proporções do que a *Batalha do Salado* do ciclo anterior, posto que de menor expansão de ideia, a aquarela, que a tricromia reproduz, dá a nota exacta do motivo histórico que representa. Surge nela a bravura inconsciente de Nuno Álvares, batida de misticismos novelescos apreendidos em criança. Cresce no quadro, de arremetida por sobre os cordões de lanças da infantaria de Castela, a firmeza audaz, indômita e avassaladora da cavalaria lusitana. Estandartes de quinas e cruzes vermelhas ris-

cam o ceu calmo; os escudos cruzados, blasonados, doirados, seintilantes de sois, guardam os punhos fortes dos companheiros do Galaaz, figura nervosa e loira, arrancada da inspiração celta de Távola Redonda. Capacetes, cotas, malhas, guantes, virotes, bestas, elmos, lombardas, defezas, peitorais doirados, tudo reluz, e avança, e treme, e cabe naquela confusão, naquela loucura, naquele encontro terrível de um contra dez, em que a nacionalidade marca definitivamente a sua independência. Por baixo do quadro que referimos formam tranqüilamente o perfil gótico da Batalha, as capelas imperfeitas e a casa do capítulo, epopeia de pedra a atestar eternamente a bravura e o gosto artístico de um povo que se ergueu por si às culminâncias mais atrevidas a que conseguiram chegar as nacionalidades distantes.

As *Côrtes de Coimbra* são outro interessante quadro, revelador do primeiro sintoma da vida consciente da pátria, elegendo em 1381 o Mestre de Aviz para a corôa de Portugal. O episódio do *Alfaiate Fernão Vasques*, ligando a ardência popular ao destino da nação, a *Morte do Conde de Andeiro*, a figura heróica e fulgurante do *Decepado*, cavalo branco em fúria, estandarte de quinas ao alto, pizando esplêndido de bravura e de heroísmo o campo ensanguentado do combate, um *torneio medieval*, a bússola, o estandarte e a espada de Nuno Alvares, o elmo de D. João I, selos e insígnias da época, armaria, moedas, o prelo primitivo com a rubrica cabalística do impressor, iluminadas letras dos códices, são outras tantas pequenas estampas que afirmam o espírito e o carácter próprio do período, e se podem arquivar como modelo precioso de gosto antigo.

Noutro quadro, por sobre os penhascos de Sagres o *Infante D. Henrique* olha o mar, tranqüilamente, naquela sugestão, naquela obcecção fatal dos descobrimentos marítimos. Uma faixa de Oceano encanta docemente o quadro, e ao alto as gaivotas, para quem o Oceano revólto não tem segredos, abrem docemente as asas por sobre a figura negra e cava do Infante.

A *tomada de Ceuta*, com luta nas ruas, dá uma impressão daquela perdida pérola de Africa à beira do Mediterrâneo; às lançadas os portugueses avançam, já caem os mouros atravessados pelas lâminas largas das próprias adagas, o sol fulvo como um pomo de oiro espreita pelos arcos da praça, por entre a prata dos estandartes, e o ferro polido das lanças ensanguentadas.

E' tudo isto o que o segundo ciclo nos representa. Parte-se da revolução popular de 1380, passa-se pelas côrtes de Coimbra, por Aljubarrota, pela Batalha magestosa, e entra se em Ceuta, a linda Ceuta, rainha dos Oasis de Africa, defendida por pomares perfumados e de muralhas enegrecidas a sangue, terra das mulheres mais lindas daquele tempo, mercado de oiro, de brocados da Pérsia, de corais e pérolas dos mares da Arábia, de frutos de Andalusia, de especiarias, e riquezas venezianas, e sobre cujas muralhas, onde fluctuava ao sol do mundo o pendão das quinas, se sonhava, se adivinhava, se espreitava já ao longe, a abrir-se cada vez mais, a terra prometida, o sonho, a glória, a India...

TERCEIRO CICLO

Aquarelas de Roque Gameiro

A época de ouro na nossa história. — A construção das caravelas. — A grandeza da Índia. — Gil Vicente, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque — A expulsão dos judeus. — Ourivesaria, monumentos, selos, moedas, bandeiras, trajos.    

ter nobre ao período do renascimento em Portugal. O sonho da Índia, de D. João II, realizou-se no reinado venturoso de D. Manuel, feliz herdeiro de uma fortuna nacional para que pouco trabalhou e cujo fausto elle soube apenas gozar. Na interpretação histórica este ciclo encontrou, de facto, em Gameiro a maior e a mais fulgurante verdade.

A construção das Caravelas reproduz a figura enérgica e firme do rei, o manto de púrpura e arminho arrepanhado, olhar fixo e ansioso, observando as plantas das caravelas no local da construção. Balouçam-se nas gáveas, em pilhas, os marítimos para lhe verem a pompa magnificante. Pararam os martelos e os ma-

O terceiro ciclo é um dos mais bellos de toda a coleção. Interpretando o ciclo de ouro da nossa história pátria, o pincel de Roque Gameiro, afeito a tratar as nossas cousas do século xv, deixou nos seus quadros a alegria, o esplendor, a beleza que deram o carác-

ter, os calafates encaram espavoridos o senhor que ordena a construção de tamanhas naus, e nos mastros, nas velas, nas proas, nos castelos das caravelas, ao largo, a marinhagem, que havia de ir um dia em cata da Índia, interroga a fronte amarelecida do rei, como que à espera do sinal de partida.

A partida de Vasco da Gama para a Índia é uma composição interessantíssima, de um estudo caprichoso, cujos detalhes, nas suas mais pequenas minúcias, são de uma rialidade histórica e inconfundível. O futuro Conde da Vidigueira afasta-se da praia, num batel, forrado de seda amarela à popa, no qual um homem de armas arvora o pavilhão das quinças. Na praia fica o rei, sob o pátio de vermelho e ouro, rodeado de uma nuvem de fidalgos, de bispos, de frades, de cortezãos, de grandes do reino, protegidos por filas cerradas de cruces, estandartes, báculos, imagens, tudo em ouro e prata, batido de chapadas de sol, emquanto pelas extensões de Belém, pelos outeiros, pelos montes, pelos tetos das casarrias, o povo acotovelandose, gritando, resando, em choro, em riso, em aclamações, em saudações, vê partir o maior marinheiro que Portugal teve, e que lhes trouxe mais tarde, ao povo e ao rei, com as lágrimas nos olhos e a tristeza já no coração, o presente da Índia.

O primeiro padrão na Foz do Zaire e Afonso de Albuquerque em Ormuz, completam a divagação histórica. A expulsão dos Judeus é, porém, com a recitação do Auto pastoril de Gil Vicente, uma das melhores interpretações do terceiro ciclo. Naquele, a verdade é flagrante: as ruas, peçadas de soldados, de frades, de judeus expulsos, de mulheres que choram, de crianças, de povoleu confuso, tem o aspecto a um tempo alegre e bárbaro das judiarias sujas. Das adufas, dos arcos, das gelosias gradiadas espreitam cabeças. A um lado, na parede de uma casa antiga e típica, o lampião de ferro, dentro do qual tremula uma chama pálida, vela tranquilamente a Santa Maria, de azulejo. Ao fundo, na facha do rio, balouçam-se as naus.

O quadro da recitação de Gil Vicente é esplendoroso. Mestre Gil, caracterizado escarninho, queixo apoiado nas mãos, que descansam sobre o bordão nodoso, desprende às faces papudas dos tonsurados, cheios de vermelho e cruzes de oiro, ao Rei feliz e venturoso na realização do sonho de seu pai, às damas, à corte, a todo o luxo estonteante do renascimento, que se abrigava, entre incensos e intrigas de amor, nos Paços Reais, as rimas leves e ingénuas do Auto Pastoril:

Diagal,

Que se hizo su corral?

Nos quadros do ciclo elevam-se as joias da architectura e da ourivesaria: a custódia de Belém, de Gil Vicente, primo do poeta dos Autos, cofres e salvas de difficil lavrante, o Mosteiro de Santa Maria, a joia maravilhosa da Torre de Belem, a janela do Convento de Cristo, moedas de oiro, cruzados da riqueza e felicidade dos tempos, os selos magníficos dos pergaminhos, dos alvarás régios, e os trajes elegantes, os gibões de punho, os mantos, os pantufos, as *modas* do sec. xvi.

A contemplação dos quadros dêste ciclo desperta um gôzo espiritual e alvorçado no intimo dos portuguezes, e quando o contemplarmos, na hora sombria da meditação, olhando a decadência da pátria, que se cançou, possivelmente as lágrimas cheguem aos olhos dos menos fortes em cousas de sentimento. Passou nele o esplendor ruído e fulgurante da nossa terra. Viveram nele Gil Vicente, Vasco da Gama e Albuquerque, três nomes que enchem um periodo. E no destino literário e idealíssimo da Renascença, que o acolheu, não nos esqueçamos que nele desabrochou a figura mais deliciosa de mulher de toda a história portugueza, a Infanta D. Maria, filha do Rei Venturoso, bela e linda como outra princeza nessa época não existiu, recolhida nos aposentos do Castelo dos Meiros, em Sintra, a iluminar a oiro as poesias de Petrarca, e a beijar de lagrimas os amores de

Raquel e de Jacob, traçados por aquelle fidalgo apaixonado e irreverente, que lhe soube acordar os sentimentos de mulher, e que um dia lançou para o mundo os imortais versos que nunca o mesmo mundo esquecerá:

Vereis então qual é mais excelente
se ser do mundo rei se de tal gente.

O QUARTO CICLO

Aquarelas de Alberto de Sousa

A Inquisição, seus proces-
sos. — Alcacer-Quebir. — A
Restauração — Felipa de
Vilhena arma seus filhos
cavaleiros — A indepen-
dência. — Moedas, faian-
ças, costumes, coche,
selos ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

ra-se *Um auto de fé*. A vítima, de Sambenito, sobre uma pilha de lenha em fogo, pés e mãos atados a um madeiro, agonisa, em contorções horríveis. O frade mostra-lhe a cruz de Cristo, por irisão; os juizes, oficiais, frades, tonsurandos, paramentados, toda a escala hierática inquisitorial, em larga roda, observa o espectáculo. Ao fundo, a turba agita-se e o rio esplendoroso corre mansamente... A batalha de Alcacer-Quebir é uma movimentada scena do desastre que nos fechou, com a perda da independência, o brilho de tres séculos de audácias e de triunfos. De mistura, estandartes portugueses e mouros, cavaleiros fidalgos de primeira estirpe, carregados de ouro e de ilusões, armaduras reluzentes, lanças, adagas e alfanges curvos, espadas flamejantes, agitam-se, destroem-se

mutuamente, em correrias loucas, em fúrias derradeiras e desesperançadas. Corre revólto o regato inundado de sangue, agonizam os combatentes abatidos, o sol encobre-se num fundo inverosímil e amarelecido de pavor, e por sobre esta desordem, esta loucura, este desastre épico e tremendo, a figura do rei, coberta de fulvas armaduras, montando um cavalo negro feroz, ele mesmo sem destino, destribado, endoudecido, tremendo, virginal e inútil, a rechazar, a esbracejar, a derruir, a deitar abaixo, abandonado e perdido, a última visão doentia de glória a esmorecer com a tarde que caía, com a vida que se lhe afastava, com a pátria que se perdia. A *chegada do rei espanhol a Lisboa* é um quadro que ultima o desastre a que aludimos. Curvados, humilhados, os poucos fidalgos da epoca, cruces pendentes de colar vermelho, esperam o rei intruso, que desce do bergantim, brilhante de brocados brancos, com que foi tecido o seu gibão, espada de punhos de ouro, olhar baixo e intranquilo. De franjas de ouro e veludos carmesim os bergantins da comitiva esturgem em aclamações. Alberto de Sousa dá em seguida os motins de 1657, em Evora, a alma do povo vociferando, a despertar o sentimento nacional. O *1.º de Dezembro de 1640* é admiravelmente lançado. Levantam-se bandeiras, estandartes, lanças, escupetas, chuços, armas velhas tornadas antes inúteis. Revive a alma da pátria. O quadro que representa D. Felipa de Vilhena armando cavaleiros os seus filhos é traçado com vigor e deixa-nos a impressão exacta da alma feminina, da grandesa feminina, do idealismo finissimo da mulher que se coloca ao lado da pátria cativa e humilhada. Ainda não são bem homens os dois filhos, há ainda na fisionomia de cada um a ingenuidade dos primeiros anos, tecidos de esperanças e de sonhos. Mas eles lá vão. Um Cristo aberto sobre uma cruz de ébano testemunhou o acto; pendente da parede branca um antepassado, desperta da poeira de tela e sorri; o reposteiro pesado, verde, no qual o escudo brasonado descança tranquilamente,

abafa de religioso socêgo, de mística tranqui-
dade o gesto varonil de D. Felipa de Vilhena.
Dias depois a independência abria de novo
asas a Portugal.

Uma *tortura inquisitorial*, faianças, moedas,
costumes, trajes elegantes da côrte, um pouco
d'Artagan, um coche filipino, um estandarte
da inquisição, completam o quadro do quarto
ciclo.

Ha nêste período uma tristeza pesada: a
que vem de Alcácer-Quebir, e uma alegria in-
tima e consoladora: a que surge da revolução
e da independência. Em Alcácer-Quebir im-
peravam as exaltações militares e a ambição
anormal, o delírio da conquista de um rei, re-
bento débil e degenerado de uma dinastia
afundada; e nem os condes de Mira e Redon-
do, o duque de Aveiro, Luiz de Brito, D. Jorge
Telo, e outros portugueses perdidos na nuvem
alvacenta de loucura, puderam evitar a coli-
são funesta e ante prevista, que deu às gen-
tes de Muley-Moluco, inchado de morte na sua
liteira, a vitória que o rei Sebastião sonhára
para si. Na restauração, foi a alma confiante
e sadia da fidalguia revigorada e do povo he-
róico, do povo eternamente ancioso de liber-
dade, que determinou o plano. E assim, a
patria salvou-se...

O QUINTO CICLO

Aquarelas de Roque Gameiro

A batalha de Montes Cla-
ros. — Os Conti. — As frei-
ras de Odivelas. — O luxo
da côrte de D. João V. —
O convento de Mafra e o
arco das Águas Livres. —
Mobiliário, selos, moedas,
bandeiras. ◆ ◆ ◆

O quinto ciclo
dos *Quadros da
História* e excelen-
tamente tratado por
Roque Gameiro. O
período de ouro e
requite que carac-
terizou o sec. XVIII
em Portugal, com a
scintilação prepon-
derante e faustosa

do nosso «Rei Sol», desenrola-se aos olhos do
observador com tal correção de traços e de
motivos, com tão exacta transparência de
beleza histórica, que bem se pode dizer que
êle, só por si, valoriza a obra e dignifica os
seus autores. A *batalha de Montes Claros*,
que ocupa o centro do quadro, movimentada
e impressionante, tem sido analisada detalha-
damente pelos técnicos, e condiz, em toda a
estensão das suas linhas, na disposição geral
das tropas, na situação da infantaria, da ca-
valaria, nas posições escolhidas para as gran-
des bocas de fogo, com o traçado militar que
da ação, mais ou menos precisamente, se tem
podido guardar.

E' já muito outra a côr, a vida, a colocação
das figuras em relação às composições ante-
riores das batalhas primitivas. Em *Montes*

Claros a ação desenvolve-se já sob um aspecto moderno na arte de combater. Dir-se-há que é, este quadro, a preparação metódica e consciente das futuras batalhas do tempo do «Corso».

Admira-se numa aguarela um recanto da sala de um convento da época, por cujos corredores as freiras, resignadas e leves, deslizavam como sombras nas noites de luar, a resar Ave-Marias e preces de amor. Esta composição é, sobretudo, fidelíssima de verdade, com as suas cadeiras de coiro lavrado, o seu Cristo pendente da tela anónima e baça, o oratório iluminado e feliz, o chão de tijolos frios, as paredes de rudes e ingénuos azulejos, e toda a alegria do sol coando-se irreverente e amigo pelas vidraças das janelas amplas, enchendo de luz as almofadas ve-melhas dos portões grossos, os linhos rendados das cómodas convertidas em altares, os resplendores da prata velha das imagens, e os olhos tranquilos das freiras, inundados de saudades.

O ciclo representa nos também os trajos fidalgos e ricos da corte, a construção do Convento de Mafra, a Torre dos Clérigos, os Arcos das Águas Livres, e nesta simples manifestação de riqueza e de vida nacional, que com a elevação de grandes monumentos e edifícios tão bem caracterizou o fulgor e a iniciativa do rei, cujos excessos perdulários não são ainda suficientes a deslustrar a sua memória — recebe o estudioso, pela côr exacta, pela tonalidade especial que envolve toda a mole de pedra, toda a concepção architectonica dos edificios, uma clara e nitida impressão dos acontecimentos. No quadro revivem ainda episódios férteis e deliciosos da época, *as Conti*, uma *penhora no século XVIII*, *D. Isabel Maria entrando no Convento da Esperança*, o mobiliário do tempo, faustoso e riquíssimo, bibliotecas, capelas e os coches principescos de uma magnificência de detalhes, dum atrevimento de linhas, duma preciosidade de curvas, dum esplendor de desenho, duma riqueza de conjunto, que fizeram a inve-

ja das outras côrtes, e ainda hoje se guardam, cobertos de veneração e de respeito, a atestar, séculos fora, o assombroso poderio de ouro, de vontade, de bom gosto, daquele rei solene, elegantíssimo, famoso na sua cabeleira de França, esplêndido na sua vestia brocada de seda, três vezes nobre no seu bastão de Limoges, na sua cruz de Cristo, no seu óculo de oiro, a desafiar a opulência de Luiz XV e o esplendor dionisiaco do Vaticano, e a perder-se, tonto de luxúria, em noites luminosas e cálidas de amor, nos braços ritimados e esbeltos daquela Vénus de Médicis que se escondeu no Convento de Odivelas, e se chamou a Madre Paula.

E' o quinto ciclo a época do esbanjamento, a época da devassidão, da febre no luxo, do delírio na riqueza, da loucura doirada no trajo, no mobiliário, no edificio. Perderam-se tesouros com tudo o que é postiço, com tudo o que é supérfluo. Mas, oh! foi o período irrisado da beleza, o período esplendoroso do deslumbramento: não houve salão de palácio, aposento de corte, côro de igreja, retalho de mundo, pedaço da terra onde não chegasse a fama do esplendor de Portugal, iluminado, divinizado, exagerado, como um manto precioso de tecidos raros, sobre os quais se tivessem estendido raios de oiro em fio do nosso Brazil, perolas e rubis da nossa Índia, corais e pedras preciosas das nossas Áfricas perdidas.

E tão bem o pincel de Gameiro nos reproduz o caracter e o estilo desta beleza, que ao sairmos da contemplação do quadro quasi nos succede ter de sacudir uma lagrima de pó da casaca verde, enfiar as luvas de Holanda, passar os dedos pela onda da cabeleira, ageitar o tricórnio, e, fechando os olhos, recolher no ouvido o minuete das cinco horas, cahindo lentamente do velho relógio italiano...

O SEXTO CICLO

Aquarelas de Alberto de Sousa

O terremoto — O Marquês de Pombal reedifica Lisboa. — A expulsão dos jesuitas. — O interrogatório do decrépito Marquês. — Moedas, faianças, bandeiras, monumentos e armaria. — ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

O sexto ciclo abrange um período relativamente curto, o período pombalino, o período histórico do revigoramento nacional, que sucedeu à época de beleza e de enfranquecimento que a abou em D.

João V. Alberto de Sousa, com um grande vigor, que é seu característico, um traço largo, e uma precisão inegualável de cópia e reprodução, interpreta com propriedade este período.

A execução dos *Távoras* é arripante de verdade; a mancha negra da governação pombalina, a crueldade feroz no suplício de meia duzia de fidalgos conspiradores, em nome da justiça e do interesse nacional, analisa-se, com a expressão brutal de todas as verdades, na ilustração de Alberto de Sousa. Sobre o tablado rolaram já cabeças, passaram gritos das victimas, caíram membros, rangeram ossos; agora a chama dos grandes madeiros crepitantes e ferozes começa a lamber os despojos das victimas, algumas ainda vivas. Ao fundo, confuso e bárbaro, um mar de ca-

beças ondula imperceptivelmente. . . O terremoto de 1755 é interpretado com firmeza, deixando toda a impressão do cataclismo. O quadro *O Marquês de Pombal estudando a reconstituição da cidade* é o maior do ciclo. A planta da cidade desenrola-se à vista dos observadores: olhares de homens rígidos assentam sobre cada detalhe, caem indicações, surgem pontos negros, dúvidas, dificuldades de execução. O Marquês olha firme a larga folha estendida; a sua cabeça, entre os anéis brancos da cabeleira forte, rosto vincado, olhar expressivo e duro, assenta bem o seu poderio de energia e de vontade sobre o tronco quasi hércules, adelgaçada a rudeza física com a elegância da sua casaca escura, punhos de renda, cruz pendente em rubis do largo colar vermelho, tricórnio debaixo do braço, a espada segura ao lado, o óculo descançando sobre o plano de um edificio que se levanta. Aquele cérebro, conhecedor de todas as intrigas, de todas as baixeiras, de todos os processos da corte, habituado ao conflito das ideias e das intenções, triunfador em inúmeros e contínuos assaltos traiçoeiros da política e da religião, da fidalguia devassa e da burguesia acomodada; aquele espírito decidido, que a diplomacia curtiu nas embaixadas das cortes sumptuosas, que as intrigas de Madrid, as astúcias de Londres, as subtilezas de Viena de Áustria não venceram — estava ha muito talhado de molde a não se ensombrar com o desastre formidável de um terremoto, que abalara, arruinara, derrubara, deitara abaixo, as belezas, as tradições, o fulgor apagado da cidade granle do Occidente, que vira partir, séculos antes, para o Oceano, ainda tenebroso, a frota voluntária das caravelas à cata de mundos. A cidade resurgiu, e este evocar repentino de indomáveis decisões resalta nitidamente da composição de Alberto de Sousa, a advinhar-se, um tudo nada, da tela esplêndida de Miguel Lupi. O ciclo sexto dá-nos ainda a expulsão dos jesuitas, o coche de D. José, admiravelmente reproduzido, a estátua equestre, a sala dos Capelos, em Coimbra, a fa-

brica da Marinha Grande, e lindos exemplares de faianças, de armaria, um tapete de Arraiolos primoroso, bandeiras, moedas, e a indicação típica dos trajes do tempo, que precederam, na forma e no corte, a graça portuguesa, eternamente lembrada; o cunho nacional bem vincado e definido que se ostentou depois na época das lutas liberais.

Período de decisão e energia, sacudidela vigorosa e audaz em todo o sentimento nacional embriagado com o fausto e o esplendor de D. João V, o ciclo sexto dos *Quadros da História de Portugal* eleva-nos a figura enormíssima, uma das maiores da nossa História, de Sebastião José de Carvalho e Melo, cujos despojos tranquilamente dormem na capelinha velha das Mercês, e cuja homenagem de gratidão a inconstância da nossa época criminosamente retarda a roda da classificação num concurso para o grande monumento.

O SÉTIMO CICLO

Aquarelas de Roque Gameiro

As invasões francesas e a fuga do Regente. — Guerrilhas. — A Batalha do Bussaco. — As lutas liberais — Revolução e as côrtes de 1820 — Maria da Fonte. — O terror miguelista — Gomes Freire é supliciado. — Moedas, medalhas, armaria, selos, trajes ◆ ◆ ◆ ◆

Voltamos ao pin-cel de Roque Gameiro, à sua côr e à sua alma essencialmente portugueza. Estamos no sétimo ciclo, que ainda vai perto e é já da história, que ainda se presente perto de nós e entrou já nos limites da saudade.

O sétimo ciclo é aquele que, melhor do que nenhum outro, nós sentimos e nós, homens do século xx, podemos compreender e reconstituir. A época da Índia é o apogeu, a elevação épica da pátria; o tempo de D. João V é o período da magnificência e do esplendor; o ciclo sétimo que descrevemos é momento histórico da liberdade. No primeiro existe a aventura, no segundo a beleza, e neste último a consciência.

Os quadros da Historia dão-nos neste ciclo as *Invasões francesas*, cuja contemplação recorda em nós os soluços da nacionalidade invadida,

e que são um primor de observação e de estudo. Vem depois a composição, que reputamos de magistral, que nos apresenta a fuga do Regente para o Brazil. Nada mais exacto à face da História. As berlindas chegam ao cais, pomposamente, apesar da covardia da hora; alguns fidalgos, alguns homens da governação, acompanham o monarca rotundo e grave, papudo, a cruz peitoral sumida no pallid da casaca; nas lages há manchas largas de luz, cães vadios e inconscientes, sombras de cavalos de tropa, de mulas de berlindas; o povo humilde, o mulherio, chora sem saber o quê; e a um lado, guardadas por figuras esguias de soldados de barretinas altos, esperam arcas de couro, baús de peles luzidias, sacos, malas, nas quais preciosidades entulhadas murmuram o último adeus à patria abandonada, às tradições esquecidas, às mãos obscuras e simples dos obreiros generosos que as conceberam; no Tejo abrem-se as velas das naus, e ao fundo a joia de Garcia de Rezende, descança solitária e afrontada.

A *Batalha do Bussaco* é um esplendido estudo da época militar e uma das mais perfectas composições de toda a obra; as *guerrilhas* uma curiosa interpretação do esforço da alma popular, debruçada sobre penedias, fuzilando, dizimando, espalhando as forças regulares dos invasores que avançavam tranquilos pelas margens louras de um riacho, onde os choupos altos inutilmente velam. O *suplicio de Gomes Freire* impressiona pelo rialismo da concepção: vem descalço, cabeça descoberta e rapada, manto branco seguro por cordões; os grana-deiros apresentam armas, mãos de frades piedosos mostram a cruz irónica do Cristo; S. Julião ostenta a sua configuração sobre o louro das areias queimadas, e na facha distante do mar um navio perdido abre as velas brancas em procura dos portos felizes da Africa.

Noutro quadro antevê-se a revolução, a Maria da Fonte, heróica e sublime, chapéu largo na cabeça, pistolas à cinta, espada erguida, à frente da turba que avança, apoplética, gritando, ululando, arrastando velhos, mu-

lheres e crianças, chuços no ar, pistolas, bamacartes, machados, armas improvisadas e terríveis, a apregoar a fúria, a pureza, o idealismo do povo, eterno e obscuro herói de todas as campanhas. O *terror miguelista, as córtés de 1820*, solemnes e admiráveis de exactidão, o *desembarque no Mindelo*, os tipos e os costumes da época, são tudo perfectas reproduções, que se avolumam por todo o conjunto do ciclo, e lhe dão a ultima e vigorosa pincelada de verdade. Há os mesmos selos, moedas, bandeiras e armaria da época, a acautelar o tom e o character histórico que se reproduz. Do primeiro ao ultimo quadro deste ciclo é sempre a alma popular que se cobre de glória, numa infinita e dulcíssima pureza de factos.

A grandeza do século passado revive neste ciclo como num alto relêvo tirado por algum mestre na arte divina da escultura. Desfilam nele aos olhos do espirito os intrusos do pericido invasor: o maneta Soison, assaltando e saquiando Leiria; Junot, cheio de orgulho e de oiro, em Lisboa, revistando as tropas reluzentes nos *kaulbachs* de cobre desafiando o sol. Passam os grandes da Constituição e o perfil épico de 1820 surge com todo o fulgor do seu sacrificio e da sua generosidade; evocam-se as lutas liberais, as figuras de estadistas, de marechais, de filhos do povo, dos *malhados*, dos *burros*; e por sobre todo este quadro, divina e sublime, a Maria da Fonte, Danton feminino e obscuro arrastando o povo, conduzindo, dirigindo as iras da população sedenta de justiça, e ainda, num grande fundo, esgrouviada e bela, a figura luminosa e genial do Bocage, passeando o seu estro pelas ruas de Setubal, pelas ruas de Lisboa, afrontando os fidalgos, cortejando as mulheres, desdenhando da força, amotinando os bohémios, desafiando a ronda, invadindo o *Nicolas* e o *Parras*, escarnecendo de Roma, escarnecendo do Intendente, escarnecendo do Rei, em chufas, estroinices, brigas, sátiras, motetes, outeiros, depravações, cantando o amor, adorando a mulher, e tecendo à pátria

o seu maior hino, naqueles versos imortais que são toda a consubstanciação do sétimo ciclo destes quadros:

« Liberdade querida e suspirada
que o despotismo acérrimo condena;
liberdade a meus olhos mais serena
que o sereno clarão da madrugada »

O OITAVO CICLO

Aquarelas de Alberto de Sousa

A actualidade — Centenário de Camões — O ultimatum — O 31 de Janeiro e a Proclamação da República. — Selos, armas e moedas. ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Chegamos ao final. O último ciclo representa a actualidade, dá-nos ainda a nota contemporânea, parte de qual os nossos olhos puderam ainda contemplar. O *centenário*

de Camões, a *manifestação a João de Deus*, a benção da primeira locomotiva que correu nas linhas de Portugal, as iras populares por ocasião do *ultimatum* inglês, são tudo cousas que o espírito menos fértil ainda abrange, e que Alberto de Sousa poudo, com maior ou menor propriedade, reproduzir. De essencialmente curioso destaca-se neste ciclo o quadro que nos mostra o rei D. Pedro V assistindo, na Academia das Ciências, a uma lição do historiador Rebelo da Silva. A precisão e a verdade do conjunto são incontestáveis; o autor da última *Corrida em Salvaterra*, prelecciona gravemente, sentado diante da mesa pobre da Academia, casaca negra de gola de veludo, peitilho muito branco onde descança a nódoa negra cruzada da gravata. Ao lado, o rei, moço e firme, escuta sem olhar, dedos apoiados no quinto botão do dólman azul, gola vermelha de grande do exército, espada adian-

te, encostada à trave da meza, como inutilidade que fôsse. O ciclo dá-nos ainda na Praça do Pôrto, defronte da Câmara, um 31 de Janeiro, brutal, cheio de fumo e de pólvora, com os soldados da guarda, de capacetes enfiados, bombardeando os revoltosos, almas de abnegação e sacrifício, lavadas na pureza idealíssima e redemptora que aureola todas as crenças. E ao centro, e em destaque, a proclamação da Republica em Lisboa, na Câmara Municipal, o largo cheio de povo, entusiástico, ébrio de alegria, louco de fervor pela ideia realisada, bandeiras erguidas ao sol, braços no ar, olhos cheios de lágrimas, almas levantadas ao céu.

Este periodo da história de Portugal está ainda muito perto para que a sua apreciação se faça, e não é esta a intenção dos autores dos Quadros. Ele vae desde o reinado de D. Pedro V até á proclamação do regime novo, e toca levemente os factos mais em relêvo destes 70 anos. Termina com brilho a edição do sr. Paulo Guedes; termina com a verdade.

Quanto a nós, ao fecharmos a descrição dos oito ciclos, somos tentados, por uma estranha e persistente sugestão de factos, que a memória revigora, a traçar aquelas mesmas palavras com que o académico Henrique Lopes de Mendonça, na Academia de Sciências de Lisboa, há meses, por ocasião do centenário de Albuquerque, e diante do primeiro magistrado do país, fechou uma sua notável e insigne oração; aquellas mesmas palavras que elle escreveu ácerca de 25 anos, e que andam hoje na boca do povo:

«Levantai hoje de novo
o fulgor de Portugal!»

* * *

Que destino formoso e redemptor está nesta hora sagrada guardado para a pátria querida que estremecemos?

Que clarão de glória se anuncia ao longe, entre a névoa, a adelgaçar se, da duvida?

Relamos todos nós a História da Pátria nos momentos dolorosos da meditação. Os *Quadros da Historia de Portugal*, que acabamos levemente de descrever, são a melhor e a mais consoladora das biblias que os nossos olhos podem absorver.

«Começa-se a vê-los, a admirá-los, com uma ansiedade de alma quê se não aqueda. Sai-se dessa contemplação com o coração jubiloso e as lágrimas nos olhos; e já se não sabe, então, se havemos de procurar os seus autores para lhes agradecer se havemos de abrir os *Lusiadas*, e nos pômos a rezar».

NORBERTO DE ARAÚJO

OPINIÕES

DOS

EX.^{MOS} PROFESSORES

Pela oportuna escolha dos assuntos e pela cuidadosa execução êstes quadros constituem um precioso auxiliar para o ensino da História Pátria.

Por meio das referidas estampas fugiremos à secura e aspereza que em geral realçam nos livros escolares; os acontecimentos animam-se, as épocas ressaltam nos seus traços mais característicos, e os alunos tomarão um acentuado interêsse pelo ensino desta disciplina.

Todas êstes motivos levam-me a aconselhar o uso dos Quadros Históricos nas nossas escolas.

Luiz Schwalbach

Professor do Liceu de Pedro Nunes

Bom serviço acabam de prestar ao ensino os autores e editores dos «Quadros da História de Portugal».

Ao ensino e à Arte, pois que o trabalho agora dado à estampa, além do seu valor pedagógico, revela também um notável bom gosto na escolha dos motivos e uma bem acabada execução da parte dos artistas que dêle se encarregaram.

Dos trabalhos congêneres, que de fora nos

chegam, nada me parecem ainda mais próprio para o ensino nas escolas. Porque eu sou daqueles que entendem que a Arte e o bom gosto devem ser despertados no aluno desde os bancos da escola primária, que para ser amada e compreendida tem que ser bem higiénica e bem alegre.

Principalmente alegre como essa infância que a enche de ruído, com os seus gritos e os seus risos.

Bem acertada foi, portanto, a escolha dos «Quadros da História de Portugal» para com elles beneficiar as escolas da República, que assim ficarão tendo além dum novo material de ensino, um novo encanto, uma nova atracção, ela que tão pobre e tão nua tem andado sempre, em Portugal.

Lisboa, 20 de Agosto de 1915.

Tomás da Fonseca

(Director da Escola Normal de Lisboa)

Ex.^{mos} Srs.:

Há longos anos que lecciono e nem sempre encontrei facilidade em fazer com que as crianças aprendam a história. Há nelas uma tendência natural para decorar palavras e até páginas inteiras, sem que nos seus pequeninos cérebros fique claramente impressa a idéa dos factos, em relação à época em que se deram.

Vi há dias os *Quadros Históricos* de que V. Ex.^{as} são editores, e, francamente, devo dizer que fiquei maravilhado, não sabendo que mais admirar: se a escolha dos assuntos, se a beleza que o artista lhes soube imprimir com tão assombrosa verosimilhança!

O estudo da História vai, sem dúvida, dar um grande passo e as crianças serão, em breve, aliviadas do peso dum grande fardo, pois o ensino desta disciplina tornar-se-há atraente, concreto e fácil.

Um bravo, pois, pelo empreendimento de

V. Ex.^{as}, que estou certo calará no ânimo de todo o professorado.

Setúbal, 22 de Agosto de 1915.

De V. Ex.^{as}

Am.^o mt.^o admirador

Saturnino Lopes das Neves.

(Professor da Escola Central)

Ex.^{mos} Srs. Paulo Guedes & Saraiva

Quiz a amabilidade de V. Ex.^{as} proporcionar-me o inefável prazer de contemplar, antes de serem expostos ao publico, os quadros de História Pátria, coordenados e sistematizados pelos bem conceituados e notáveis professores srs. João Soares e Chagas Franco, e a que deram todos os primores da factura artística os habilísimos e talentosos artistas do lápis e do pincel, que são Alberto de Sousa e Roque Gameiro, um e outro tão vantajosa e justamente apreciados no nosso meio pela delicada moção estética de que são dotados. Expressar a V. Ex.^{as} o intenso contentamento que a minha alma de português, doidamente amigo do rincão do extremo ocidente europeu em que nasci e tenho vivido, trouxe o espectáculo desses quadros, em que o génio da nossa raça vibra tão fortemente, é tarefa superior às qualidades da minha humilíssima pena que só mal e bem ténueamente poderia traduzir quanto o meu espírito sentiu e quão doce refrigério ele recebeu nesta época em que o desdém pelas nossas coisas, para muitos, se afigura o mais nobre e levantado timbre de distinção.

Consintam, porém, V. Ex.^{as} que lhes diga, com a rude franqueza que sempre me tem caracterizado, que, em meu entender, a obra delineada por João Soares e Chagas Franco, executada por Alberto de Sousa e Roque Gameiro, e editada por V. Ex.^{as}, é obra essencial e sãmente patriótica, digna do mais incondi-

cional auxílio dos poderes publicos, de todos os que labutam na porfiosa e inglória tarefa do ensino e de todos aqueles que em alguma conta tenham o bom nome desta nossa boa e querida terra portugêsa.

De feito, nessa acção deletéria de bastantes séculos tem arrastado Portugal numa torrente de de-nacionalização, que pavorosamente tem galgado sôbre todos os elementos de ordem moral, que constituem o mais forte esteio das nacionalidades na luta incessante, que as duras necessidades da vida das colectividades, cada vez mais dura e intransigente, fazem. A língua abastárda-se e, tão densa é já a camada de poeiras estranhas sôbre ela acumuladas, que quiçá não baste o espanador por Filinto aconselhado para a limpármos; a arte, em todas as suas múltiplas manifestações, é, não raro, uma ancila mesquinha de tudo quanto de além-fronteiras nos introduzem em casa, faltando-lhe aquele mergulhar na alma da nacionalidade, aquela absorção dos elementos fundamentais da psicologia da nossa gente, a única *vis* a que os povos, ainda nos últimos arranços, podem recorrer para tentarem a sacrosanta obra da sua ressurreição. Resultante fatal dessa acção a que aludi, cujos efeitos são mais danosos e perduráveis que a espíritos, mais vivazes do que profundos, possa parecer, é o olvido da nossa tradição, é a ignorância quasi absoluta, quando não o conhecimento inexacto, ainda mais nocivo que a ignorância, da nossa vida histórica, da linha evolutiva com suas saliências e reintrâncias, com seus desvios e afastamentos, que o povo português, no conjunto das sociedades civilizadas, tem vindo traçando na sua já longa existência de oito séculos de organismo social livre.

Ora, hoje, precisamente, estamos nós assistindo ao primeiro choque de ambições, por muito tempo represada, de povos, senhores de fortes e enérgicos elementos de vitalidade, ricos de recursos materiais de toda a ordem e não falhos daqueles factores morais, que, nunca será de mais repeti-lo, asseguram quasi inabalavelmente a vida dos povos. Amanhã,

vencidos e vencedores, se no temeroso prélio travado essa distinção se poderá um dia legitimamente fazer, procurarão uns ressarcir as suas desditas, outros valorizar as suas vantagens, à custa dos corpos nacionais, cuja consistência e equilíbrio se encontrem seriamente ameaçados pela falta de coesão dos seus diversos elementos, coesão essa que só um indelével amor à pátria, assente na consciência da sua vida histórica e dos seus destinos por esta preparados, pode produzir. E se algum país há na Europa, que careça de retemperar-se no amor às suas coisas, no conhecimento dos feitos brilhantes dum passado mais que nenhum outro glorioso, esse é Portugal.

As nossas gerações escolares, aquelas que, amanhã, hão de constituir a parte activa e a pensante da nossa terra, encontrarão nos **Quadros da História Pátria** por V. Ex.^{as} editados, com tão patriótico e generoso dispendio de capital, o mais precioso e inestimável auxiliar para a formação da sua consciência de bons, uteis e dedicados cidadãos portugêses. Os seus olhos, ao contemplarem a representação gráfica da partida de Vasco da Gama para a desejada Índia, ao verem o levantamento do padrão que assinalaria aos vindouros a nossa passagem por logares ignotos, desvendados através de *mares nunca doutrem navegados*, ao seduzirem-se com as galas e requintes de gosto duma janela manuelina, serão os construtores em sua alma do mais egrégio e nobilitante dos sentimentos, e amor pátrio. E, então, aparecerá nesses cidadãos portugêses o que até hoje, miseranda e infelizmente, nos tem faltado, o desvanecimento de se em cidadãos duma tão grande Pátria. E esse desvanecimento, *não movido de prémio vil*, será a muralha possante contra que virão esfarelar-se inofensivas as ondas alterosas de malquerenças e ambições de estranhos; e apagar-se-há, para sempre, a *vil tristeza* em que temos vindo mergulhando.

Aqui teem V. Ex.^{as} porque eu, que nada sou e nada valho a não ser pelo amor à minha terra, amor que outrem, quem quer que seja,

poderá igualar mas não exceder, não hesito nem hesitarei em proclamar, por toda a parte, que os Quadros da História Pátria constituem o mais subito acto de patriotismo que, no presente momento histórico, vontades portuguezas podiam levar a cabo, com tamanha perfeição que do estrangeiro nada conheço que se lhe compare. E', sinceramente o digo, obra de portuguezes e para portuguezes feita!

Que aos esforços de V. Ex.^{as}, de João Soares, Chagas Franco, Alberto de Sousa e Roque Gameiro correspondam a boa vontade e reconhecimento de todos cujo berço foi aquecido pelo nosso inigualável sol, e embalado pelas virações embalsamadas da nossa terra, são os votos ardentes de quem deve a V. Ex.^{as} um dos mais inestimáveis prazeres de espirito, e pede vénia para se subscrever

De V. Ex.^{as}

M.^{to} At.^{to} V.^{or}

Agostinho Fortes.

Professor da Universidade de Lisboa

22 de Setembro de 1915.

Pergunta-nos o sr. Paulo Emilio Guedes se julgamos convenientes para a instrução das crianças os *Quadros da História de Portugal*, coordenados por dois eruditos professores e pintados por dois notáveis artistas. A resposta a uma tal pergunta devia ser idêntica à que daríamos a quem nos perguntasse se os panoramas grandiosos da Natureza, os montes pitorescos e elevados, os bosques majestosos, os prados graciosos e floridos, o matiz das aldeias e casais, o buliço animado dos povos com seus vestuários variegados tinham alguma influência no interesse natural que o animal homem tem pela vida. O desenho, a fotografia e, melhor, a pintura bem feita dos tipos humanos, dos lugares, dos costumes e factos

notáveis ocorridos em diversas épocas com o seu respectivo cunho histórico local são não só convenientes para a instrução das crianças, mas igualmente o são para a instrução dos moços, dos adultos e dos velhos. Uma boa pintura vale muitas vezes mais, para a instrução, do que muitas páginas descritivas.

Este assunto merece que seja desenvolvido e que, correlativamente, sejam apresentados alguns exemplos, pois estes constituem, sem dúvida alguma, o mais convincente processo de demonstração.

Sem modelos, sem instrumentos, sem belas pinturas, sem bons desenhos ou, mesmo, sem modestas gravuras, qualquer descrição científica, por mais bem feita que seja, nunca deixa satisfeito o espirito do estudante. E' por isso que, no estudo de certas sciências, como por exemplo a da navegação, que conhecemos mais de perto, não só é indispensável o emprego de gravuras e pinturas, mas o é também o emprego de modelos e bem assim o dos instrumentos e maquinismos usados a bordo. Para que o estudo da historia seja verdadeiramente proficuo e para que dêse estudo fique impressão duradoira e estavel, é também, não só conveniente, mas indispensável que seja acompanhado de gravuras e, melhor ainda, de boas pinturas.

Quando criança, tivemos a nítida compreensão e demonstração d'este assêto. Uma pessoa de familia teve a feliz idéa de nos oferecer um elegante livro de mitologia grega com magnificas gravuras. Em uma página, sôbre egrégio trono, era ostentado o rei dos deuses, Júpiter, tendo ao lado a águia favorita e empunhando com gesto altivo, poderoso e ameaçador um feixe de raios. Em outra página via-se Vulcano, ao ser visitado pela formosa e tentadora Vénus, que era seguida das três Graças abraçando-se com meiguice, antevendo-se no fundo do quadro a caverna em que os Ciclopes executavam os trabalhos de serralharia, determinados e dirigidos por Vulcano; mais adiante topava-se com Plutão, deus do Inferno, vendo-se este com as fúrias infernais,

o rio Aqueronte e a barca do velho Caronte, não esquecendo o terrível cão Cerbero; e em outras páginas se mostravam muitos outros deuses e deusas de diversas categorias.

O texto do livro esquecíamos nós com facilidade, mas as gravuras fixavam-se no espirito por modo indelével. Mesmo com o livro fechado, continuávamos a ver representadas no cérebro as figuras e scenas mais notáveis: o gesto altivo, imperioso e majestoso de Júpiter, o aspecto ameaçador e terrível de Marte que, coberto do seu escudo impenetrável, vibrava com a invencível espada golpes profundos e mortais, etc. Com que interesse e quasi paixão acompanhávamos em idéa o valeroso Hércules no seu grande trabalho, talvez o maior, o de matar a hidra de Lerna! Com que prazer representávamos na mente a imagem de Tháseo, segurando uma das pontas do sanguinário Minotauro e dirigindo a espada mortífera contra o peito do monstro! Com quanta solicitude acompanhávamos a pobre deusa da agricultura, Ceres, no seu grande pezar, ao procurar a filha Proserpina que havia sido roubada por Plutão e que se via ao longe, no fundo do quadro, apertada nos braços do seu pérfido roubador, que a transportava num carro à desfilada em direcção ao Inferno!

Sem as gravuras, podíamos ler vezes inúmeras o livro, mas o resultado seria nulo ou pouco estável e duradouro; com o auxilio das gravuras, o resultado foi bem diverso, e a impressão no espirito foi duradoura, apesar da nossa péssima memória.

Muitos outros factos podíamos relatar, comprovativos da altíssima vantagem que, mesmo em estudos históricos, tem as pinturas, gravuras e desenhos. E' por pensarmos por este modo que, durante os três anos em que exercemos o cargo de senador, diligenciámos conseguir, infelizmente sem resultado, que os corredores do Congresso fôsem cobertos de cartas geográficas e que na Camara dos Deputados e no Senado houvesse, em cada uma das salas, uma grande lousa parietal em que

os membros do Congresso, querendo, podessem com numeros e com traçados expôr as suas idéas e fortalecer os seus argumentos. Com o nosso sincero e util empenho, conseguimos apenas a ironia dalguns senadores e a troça idiota dalguns jornais.

Para se provar a vantagem que há em pinturas, em quaisquer traçados e até em cartas geográficas, bastará citar o seguinte facto, succedido há dias.

Em 14 do corrente mês de Maio, alguns jornais deram a noticia, recebida do Cabo Finisterra, de que um navio inglês tinha sido perseguido, em Cabo Verde, por um submarino alemão. Um africanista, nosso conhecido, que tencionava ir a Angola, procurou-nos, muito aflito. Nós socegámos, um pouco, o nosso amigo, dizendo-lhe que a noticia não podia ser exacta, em razão da imensa distância dos dois lugares, acabando por tranquilizá-lo, quando lhe mostrámos, à vista duma carta de Espanha, que havia na imprensa sido trocado o nome do cabo espanhol Vares pelo de Verde.

Ainda como exemplo comprovativo da grande vantagem que tem, para o estudo em geral, o emprêgo de pinturas, gravuras ou mesmo modestos traçados gráficos, citaremos um facto muito conhecido dos que navegam.

As agulhas de bordo são sujeitas a desvios, por vezes muito grandes, e, para facilitar a correcção, costumam êstes ser catalogados em tabelas, em que a cada rumo corresponde o respectivo desvio. Para fazêrmos, à vista da tabela, uma idéa genérica do modo como se dá o desvio, temos que ler rumo por rumo, succedendo, porém, muitas vezes, para quem tem pouca memória como nós, que no fim de se fazer a leitura dos desvios para todos os rumos, já muitos dêles estão de todo esquecidos. Mas, se fizermos acompanhar a tabela dos desvios dum desenho ou gráfico com a curva dos mesmos, então, numa simples vista genérica, formamos uma idéa perfeita e duradoura do modo como variam.

Por último, diremos que todos os quadros da obra importante a que meteu ombros o

sr. Paulo Emílio Guedes são dignos dos créditos dos seus autores, tendo todos eles indiscutível valor artístico. Entre os quadros, merecem especial apreço os que representam os factos históricos por modo tão perceptível, baseado no aspecto das figuras principais, vestuários e topografia local, que torne difícil a confusão com outro facto análogo, em outra época e outro local. Ao mesmo tempo, para que um quadro estimule a atenção do estudante, é indispensável, que conjuntamente com o assunto principal, sejam apresentados um ou mais incidentes particulares que provoquem a curiosidade daquele.

Parede, 18 de Maio de 1916.

José Nunes da Mata.

Director da Escola Naval

Os Quadros da História de Portugal são um verdadeiro padrão de glória para os seus autores e editores: representam o primeiro passo dado em Portugal no ensino racional da história pátria às crianças portuguesas.

Creio que hoje ninguém lho agradecerá; elas, porém, mais tarde compreenderão e apreciarão devidamente o patriótico empreendimento de V. Ex.^{as}.

Francisco Augusto Xavier Rodrigues

Professor do Liceu Pedro Nunes

Oeiras, Quinta de S. Gonçalo, 16 de Setembro de 1915.

Ex.^{mos} Srs. Paulo Guedes & Saraiva:

Posto que na vida militante do Casino não tenha nome, que possa abonar, com pesado crédito, a minha opinião, tenho muito gosto em satisfazer o seu desejo, exprimindo-lhe o meu juízo acerca dos seus Quadros da Histó-

ria de Portugal. Considero tal obra como sinal de elevado tino pedagógico e distinta compreensão do papel educativo que cumpre à ciência histórica, por parte de seus autores, e como uma iniciativa esclarecida e audaz por parte dos editores. Não podia mesmo devidamente aprovar e recomendar tal obra, visto já haver proposto oficialmente a adopção de albuns históricos no nosso ensino secundário.

Quanto à execução da idéa, é de crer que seus ilustres autores, arredando juízos políticos e pondo-se de sobre aviso contra certas erradas interpretações históricas, correntes, recorram sempre às autênticas fontes e aos expositores mais seguros, de modo que façam não só obra de útil pedagogia, mas também de rigorosa verdade.

Sou, com mt.^a estima, mt.^o at.^o e ven.

Fidelino de Figueiredo.

(Director da Revista de História
e sócio da Academia de Ciências
e professor do Liceu Maria Pia

Ex.^{mos} Senhores

Como professor de história, de há muito vinha eu reconhecendo a necessidade de remodelar o processo de ensino nesta disciplina para a qual, geralmente, todos os alunos sentem quasi repulsão.

E' que a história, tal qual ela tem sido ensinada até hoje, por mais esforços que tenham feito os professores para tornar esse ensino racional e agradável, é um fardo pesadíssimo para o estudante, que só vê nessa disciplina uma coisa que custa a decorar, para amanhã ou depois se esquecer.

A história é para eles uma série de reis, um amontoado de factos notáveis sem ligação, sem aparentemente apparecerem relacionados. A história e para eles uma disciplina sem encantos, sem imprevistos, e como tal, a aula de história um suplicio.

Mas se nêsse ensino o professor lhes puder apresentar quasi ao vivo os vultos notabilissimos dos portuguezes doutras eras, se lhes puder mostrar os usos e costumes dos séculos já passados, se lhes fizer correr perante os olhos como numa fita animatográfica os feitos dos nossos antepassados, e tudo isto relacionado, tudo isto com ligação lógica, então o ensino da história se tornará atraente e a criança não assistirá às aulas de história pátria com enfado mas desejará que essas aulas se repitam.

Ora tudo isto conseguiram os autores e editores dos Quadros Históricos, e, se foram felizes na idealização da arriscada empresa, não menos felizes foram na escolha dos dois grandes aguarelistas para a realização da mesma.

Por isso eu felicito V. Ex.^{cias} e felicito a mocidade estudiosa.

Escolas primárias, liceus e todos os estabelecimentos onde se cultive o ensino da história pátria, deveriam adquirir essa esplêndida coleção.

Lisboa, 20 de Setembro de 1915.

Carlos da C. A. Villamain

Professor do 4.º grupo do Liceu de Faro

Lisboa, 24 — 8 — 1915.

Il.^{mos} Srs. Paulo Guedes & Saraiva:

Pêdem-me V. S.^{as} a minha apreciação sobre os *Quadros da História de Portugal*.

E', decerto, a mesma que a de todos os que os tenham examinado, por isso que, pela perfeição do desenho, belo colorido e apropriada escolha dos assuntos, devem êsses quadros vir prestar ao ensino da *História Pátria* um valioso auxilio, concorrendo poderosamente para fazer desaparecer a forma abstracta por que tal

ensino, até hoje, se tem feito, por falta de material adequado.

Felicitando V. S.^{as} por êste louvável empenhamento, que é muito para apreciar, estou certo de que todos os que se interessam pelos progressos da instrução devem receber com entusiasmo tão valioso auxiliar do ensino duma disciplina que é considerada como das que maior influência teem na educação.

De V. S.^{as}
At.^o, ven. e obg.^o

Ulysses Machado.

Professor Inscrito no Liceu
e das Escolas Primarias Officiaes

Prezados amigos

Desejam V. Ex.^{as} saber qual é a minha opinião sobre a empresa a que meteram hombros de publicar esses quadros e por ciclos diferentes a história do nosso querido Portugal.

Vou manifesta-la sem reboço esperando que V. Ex.^{as} vejam nas minhas palavras apenas o sentir veemente do patriôta e do professor.

A publicação dos seus quadros históricos reputo-a de um valôr e de um alcance extraordinários não só pela sua feliz escôlha e execução como pelo papel importantíssimo que êles, por certo, vão desempenhar nas nossas escôlas como auxiliar assás valioso para o ensino da história.

A história é uma sciência de memórias logo, quanto maior número de memórias excitarmos e quanto mais impressivas fôrem essas excitações para a fixação das ideias, tanto mais e melhor se fixarão os factos que com êles se prendem. Ora, até aqui, nós temos tido para o ensino da história como auxiliares: o livro com as suas imprecisas estampas, a visita, sempre difficil, aos museus e aos monumentos nacionais e algumas, poucas, des-

conexas e deficientes oleografias que se mostram ás crianças.

Os seus quadros históricos veem dar a esse ensino um dos melhores subsidios que é possível dar-se-lhe porquanto as crianças verão nêles a nossa história revivida com todos os seus tipos, trajes, costumes, moedas, bandeiras, edificações, objectos de arte, instrumentos, etc., próprios de cada época e próprios de cada povo na mesma história tratado. A história fixar-se lhes á assim melhor, tal como se elas recuassem até aos tempos passados e assistissem, de olhos abertos, ao desenrolar natural da vida nessas épocas que já vão longe.

E para conseguir um tal milagre deixem-me dizer-lhes, já agora, que não podia juntar-se uma melhor trilogia: Chagas Franco e João Soares, os delicados e escrupulosos *seleccionadores* dos assuntos a tratar; Roque Gameiro e Alberto Sousa, os infundíveis artistas que puzeram no tracejar e colorir dêsses quadros, além do seu saber de mestres aguarelistas, toda a naturalidade que as figuras e as épocas exigiam e, finalmente, os meus amigos que, sem temor de prejuizos, se abalançam a uma obra custosa e difficil e que muito os honra pelo que tem de patriótica e pedagógica.

De V. Ex.^{as} At.^{to} V.^{or} e M.^{to} Obg.^o

Lisboa, 3 de Setembro de 1915.

Ricardo Rosa y Alberty

Professor na Casa Pia de Lisboa

R. de Belem, 144, 1.^o D.

Guarda, 11 — 4 — 915.

Ex.^{mo} Sr.

Só hoje posso responder ao atencioso bilhete de V. Ex.^a porque um forte ataque de

gripe me tem feito estar de cama. Creia V. Ex.^a que não tenho palavras suficientes para exprimir a alegria que sinto por ver que em breve as nossas escolas vão ser dotadas com esse grande benefício, porque não pode haver Camara alguma que deixe de fornecer ás escolas esses valiosos *Quadros da História de Portugal*. Sempre que principiava com a lição de história notava nas crianças um certo aborrecimento — enfado mesmo — o que não vai succeder em ellas podendo analisar esses tão uteis *Quadros*. Em lugar de um estudo material de decorar inconsideravelmente o que atrofia o cerebro, tem a vantagem não só da comprehensão exacta, do estudo verdadeiro, do estímulo ao mesmo e acima de tudo de tornar os alunos de hoje os verdadeiros patriotas de amanhã e orientarmos verdadeiramente nas escolas as futuras mães na educação que devem ministrar aos filhos, visto serem ellas o primacial factor para a boa e sã educação das raças vindouras; e assim, terá V. Ex.^a um successo crescente e um aplauso unanime de todos os que estimam a sua querida Pátria.

De V. Ex.^a At.^a V.^a

e eternamente grata

Urbana da Conceição Ferraz

Professora da freguezia da Sé.

Alter do Chão, 5-5-916

Ex.^{mos} Srs.

Quando em fins do anno p. p. recebi um fac-simile de dois dos quadros históricos que V. Ex.^{as}, com tanta felicidade, editaram, jurei a mim mesmo, custasse o que custasse, de fazer a aquisição de 2 coleções, uma para a minha escola e outra para a de minha mulher. Tanto pedi e tanto insisti com a junta de Pa-roquia desta vila, que em sua sessão de hon-

tem fui autorizado, tanto como professor, como vogal da mesma, a fazer a aquisição de 2 coleções.

Rogo, pois, a V. Ex.^{as} que me digam com a maxima brevidade, se já teem os ciclos todos publicados, e bem assim o preço das 2 coleções e respectivo porte e embalagem.

Mandem com franqueza.

O Professor de Alter do Chão

Joaquim Salvador Pinheiro

P. S. — Pego que me digam mais: se teem á venda mapas corograficos de Portugal coordenados pela Direcção dos Trabalhos Geodesicos, e bem assim ardosias, digo, lousas quadriculadas, não esquecendo pôr respectivos preços e dimensões das ultimas.

Pinheiro

Azinhaga, 27 de Julho de 1916.

Ill.^{mos} Srs. Paulo Guedes & Saraiva

Recebi os quadros historicos que muito me aprazem. Julguei-os apreciaveis, mas não tanto como acabo de admirar. Como grandes e novos auxiliares que são, certamente o ensino da historia vai sofrer um novo aspecto.

Recebam V. Ex.^{as} os meus louvores, como humilde professor, pela bela e patriótica edição.

A devida importancia podem V. Ex.^{as} sacar da Camara da Golegã, ficando a percentagem em minha/c.

De V. Ex.^{as}

J. Caixinha Junior

Meu prezado amigo:

Só hoje consegui um momento para lhe escrever. Não pode imaginar como tenho o

tempo tomado. Só com grande método consigo que êle me chegue. Os dias em que não faço serviço por fora, passo-os em casa trabalhando das 6 às 22 horas, muitas vezes. Tive a infelicidade de encontrar um círculo onde o professorado, em grande maioria, está muito longe de ter a competência exigida a um moderno educador. A monarquia, meu amigo, legou-nos tanto escaracho, tanto, que é precisa uma vontade indomável para conseguir, aqui e além, arrancá-lo de modo que o terreno possa frutificar. As escolas de ensino normal, que ela nos legou, são antros que precisam ser demolidos, reduzidos a cinza e esta lançada ao mar. É uma coisa pavorosa! Os professores saem dali ignorando tudo. Mas neste círculo não só há falta de bons professores; há falta de tudo para a educação integral do povo. Os edificios escolares são pocilgas que os proprios porcos desdenhariam; não teem mobília, não teem material didático, não teem nada! É uma desolação. As crianças saem das escola mais imbecilizadas, no fim de 4 ou 6 anos, do que quando para ali entraram.

Sobre tudo isto, a politica infame, baixa, vil, com todas as manhas, vícios, abjecções e infâmias da monarquia. Nos 4 concelhos que constituem êste círculo só havia, antes de 5 de Outubro, uns 4 republicanos! Os adesivos só teem procurado, por todos os meios, e no próprio interesse, desonrar a República, conspurcando os seus princípios. E teem conseguido, os miseráveis, os sicários, divorciá-la da alma do povo. Não imagina, meu amigo, o trabalho insano, louco, que tenho empregado para neutralizar a acção deletéria de ge te tão baixa. Na época dos exames, em cada povoação, faço um comício, e em todas as inspecções, nas diversas terras, procuro engrandecer, aos olhos das crianças e de seus pais, a idéa de República. Mas que trabalho! Tenho dias em que saio completamente esgotado da escola. Esta pobre gente é ainda dominada pelo padre, que, nesta região, é verdadeiramente abjecto, seja qual fôr o aspecto porque se encare; e pelos mandões da vila, espécie

de régulos ou sobas, senhores de barão e cutelo que dominam, pelo terror, a ignorância lastimável que campeia pelas aldeias.

Tenho procurado modificar tudo isto pelo desenvolvimento da instrução; tenho trabalhado, sem cessar, para conseguir uma transformação completa do professorado, obrigando-o a estudar e incutindo-lhe a compreensão clara dos seus deveres profissionais; tenho procurado transformar as escolas, tornando-as o que devem ser — templos de luz e de amor. Ah! meu amigo, o meu trabalho tem sido quasi infructifero. Na minha frente, como terríveis fantasmas, tenho encontrado a Ignorância crassa, a Estupidez suína, a Maldade vilíssima, o Preconceito idiota e a Vaidade palerma. A descentralização, num país em que as câmaras municipais são compostas, na sua grande maioria, por individuos analfabetos, crassamente ignorantes, sem vontade própria, obedecendo cegamente ao régulo que o *elegeu*, como dizia, a descentralização da instrução foi um mal terrível. As escolas regressaram aos tempos ominosos de 1881 a 1892.

Perdão; só agora reparo que já escrevi duas folhas de papel sem entrar no assunto principal desta carta. Neste voar vertiginoso da Imaginação, não sei onde iria dar.

Com a sua carta, recebi da casa Paulo Guedes & Saraiva, de Lisboa, alguns exemplares prospectos dos *Quadros da História de Portugal*, de que o meu amigo e Chagas Franco são autores.

Antes de mais nada, deixe-me felicitá-lo pela admirável empresa a que dedicou a sua robusta e privilegiada intelligência e o seu grande amor por esta querida Pátria, de tão gloriosas tradições, que portuguezes degenerados, procuram aniquillar, para satisfação de insaciáveis egoismos e interesses inconfessáveis.

Nesses belos quadros revela o meu bom amigo, como professor de história, uma bela orientação pedagógica.

A história em as nossas escolas, desde as primárias às superiores, não tem sido um fa-

ctor educativo; muito ao contrário disso. Tem sido um elemento poderoso de estagnamento intelectual.

Isto não é uma afirmação gratuita; é um facto do domínio público, que todos os dias observamos em conversa, em discussão com pessoas que se reputam ilustradas.

A causa sabêmo-la todos nós: é a maneira como é ensinada a história nas nossas escolas. É um ensino livreco, dogmático, sem crítica filosófica. Mas se alguma escola se desvia do pântano e envereda por um caminho scientifico, racional, esbarra com um grande obstáculo: — a falta de meios para objectivar o ensino. Para que o aluno fixe épocas, factos, faça o encadeamento sociológico destes, é preciso *ver*, examinar, dissecar. E como há de fazê-lo, se as nossas escolas não possuem material didático para esse fim e os passeios escolares, por incapacidade e falta de patriotismo, não passam... de luxo para ser admirado em dias solemnes?

Os *Quadros da História de Portugal*, feitos sob a sua direcção e a de Chagas Franco, resolvem o problema do ensino da história pátria. Utilizados por professores hábeis, devem dar resultados maravilhosos no ensino desta disciplina.

Em frente deles, a criança fixa melhor os factos, a sua imaginação exalta-se, transportando-a às diferentes épocas históricas em que, identificando-se com personagens e factos, com eles *vive*, estudando-os e estabelecendo comparações entre essas épocas e a presente; o seu espirito desenvolve-se harmónicamente; os mais nobres e belos sentimentos do patriotismo, da liberdade, da honra e do dever fortalecem-se-lhe, tornando-a um factor de progresso e de engrandecimento nacional.

O meu amigo foi duma felicidade extraordinária na escolha dos assuntos e dos artistas que encarregou da execução da obra, que, sem favor, é a melhor que existe. Nada conheço que possa compará-lo.

Vou ver se consigo que as câmaras deste círculo e as Juntas de Paróquia comprem al-

gumas collecções. Estou plenamente convencido de que a educação cívica dêste pobre povo, que tão lamentavelmente ignora que faz parte duma nação que já foi grande, há de fazer-se com o auxílio dos *Quadros da História de Portugal*; por isso vou trabalhar para que êles ornamentem as escolas do círculo a meu cargo

Sôbre o mesmo fim, escrevi aos meus colegas dos círculos de Bragança, Mirandela e Moncorvo e vou escrever ao de Arganil.

A *Instrução*, de 27 de Novembro último, em artigo de fundo, que por sinal veio truncado, referiu-se aos *Quadros*. Na secção *Cosas diversas* não saiu outro artigo, porque os senhores tipógrafos, por conta própria, retiraram-no. Será publicado no próximo número.

Não sei se conseguirá ler toda esta enfadonha carta, que é maior que a légua da Póvoa. Mande sempre, como quizer, o

Seu amigo certo e admirador

Mogadouro, 7-12-1915.

José Candeias Duarte.

OPINIÕES

DA

IMPrensa

Do *Diário de Noticias* de 6 de Abril de 1915:

Ensino da História Pátria

Os srs. Paulo Guedes & Saraiva, que, com a publicação de vários livros didácticos, teem prestado bons serviços à instrução, vão publicar agora uma colecção de oito belos *Quadros da História de Portugal*, de que, há pouco, acabam de submeter à apreciação do sr. Ministro da Instrução os dois primeiros, que, pelo belo desenho, boa combinação das côres e apropriada escolha dos assuntos, são garantia de que o ensino da história pátria, tão própria para desenvolver e fortificar no espirito das crianças sentimento e aspirações nobilissimas, poderá sair da rotina ainda hoje, em grande parte, seguida e poderá igualar o que se faz na França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, etc.

Os editores teem a mais nutrida esperança de que o govêrno, reconhecida a utilidade dêste novo empreendimento, que proporcione aos estudantes a apreciação do que em épocas remotas se passou, familiarizando-os assim com os tempos antigos e com os grandes feitos, e dadas as mesquinhas condições no nosso meio editorial, há de patrocinar condignamente um trabalho de tanta valia e que, sem êsse patrocínio, se não poderá levar a cabo.

Do Mundo de 16 de Abril de 1915:

Quadros da História de Portugal

Os distintos professores e nossos amigos srs. João Soares e Chagas Franco, orientados por um alto critério pedagógico, que muito os honra, acabam de organizar uns excelentes quadros para o ensino da história pátria, dois dos quais, os primeiros da colecção, vimos, ontem, no gabinete do sr. dr. João de Barros, conservando-se ali para serem apreciados pelo Conselho Superior de Instrução. Êsses quadros, que são executados pelos distintos artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa, constituem uma bela obra e representam uma iniciativa digna de todo o aplauso, visto servir para que o ensino da história nas nossas escolas, até agora péssimamente orientado, se modifique por completo, de forma a que o aluno aprenda, sem esforço, o que necessita saber. Os distintos professores, num longo e bem elaborado relatório, explicam os intuitos da sua obra. Transcrevemos o seguinte trecho:

Êste ensino (o da história) é ainda, entre nós, cruelmente abstracto, tão abstracto quase como o das matemáticas puras — e só concretizando-o, só objectivando-o, só recorrendo à imaginação da criança, ela sentirá *river* o passado e poderá representar, tão exactamente quanto possível, os personagens e os acontecimentos. A gravura é, por isso, um poderoso, um indispensável auxiliar dêsse ensino — só pela gravura a criança *pode ver*, só por ela a criança *pode sentir, comparar, apreender* os factos e compreender a evolução da nacionalidade, e estabelecer a diferença entre as várias épocas que estuda e a época em que hoje vivemos. Só pela gravura o ensino da história se pode modernizar, florescer em todo o seu útil rendimento; só pela gravura a criança — libertada de abstracções confusas — pode receber a noção viva e estimuladora do progresso, a noção justa, emancipadora e nobilitante das *étapes* vencidas, dos sacrificios produzidos, das liberdades e garantias conquistadas.

.....
E' por isso que os presentes *Quadros da História de Portugal* se justificam e — vamos dizer — impõem para o ensino, é por isso que elles devem marcar nas nossas escolas primárias como um padrão e uma

conquista benéfica; como uma intenção que — fortalecendo na criança todas as suas qualidades morais, e porventura fazendo germinar nela algumas qualidades artísticas — é dum alcance patriótico e insofismável.

Aplaudimos a patriótica idéa e felicitamos vivamente João Soares e Chagas Franco.

Da República de 13 de Maio de 1915:

O ensino da história portuguesa — Uma obra artística e patriótica

Examinámos ontem, na sala do Conselho Superior de Instrução Pública, um interessante trabalho pedagógico e artístico dos srs. Roque Gameiro e Alberto de Sousa, destinado às escolas primárias e às três primeiras classes do curso dos liceus.

Trata-se duma série de quadros, cada um dos quais representa um ciclo histórico representando os principais acontecimentos e reproduzindo os modelos da indumentária, da moeda, da armaria, tipos, homens ilustres, obras de arte, monumentos, bandeiras e pavilhões das diversas épocas.

A aplicação da imagem ao estudo da história, que pela primeira vez se faz em relação à nossa, é dum grande alcance educativo, achando-se suficientemente consagrada na generalização do processo noutros países, onde se procura avivar na mentalidade das crianças o sentimento do passado e dar-lhes a compreender, por uma forma simples, impressiva e por assim dizer concreta, a evolução da nacionalidade.

As aquarelas que Roque Gameiro e Alberto de Sousa apresentam são primorosas e especialmente as do primeiro, que podemos contar entre os seus trabalhos mais felizes.

Os quadros são editados pela casa Paulo Guedes & Saraiva.

Da *Era Nova* de 4 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal

Desde ha muito que em as nossas escolas se sentia a falta de um tratado em que fossem apresentados com especial relevo, os feitos mais notaveis da Historia Nacional, de modo a despertar interesse na moridade em bem conhecer os feitos gloriosos e empolgantes com que os nossos maiores honraram as paginas da Historia Portugueza.

Tão alevantada e altruista cruzada foi levada, agora, a efeito, por dois distintissimos professores de Historia, srs. João Soares muito illustre deputado da Nação e primoroso escriptor e Chagas Franco, brilhante publicista.

O plano geral da obra é muito bem elaborado, o que vem confirmar as altas qualidades dos dois benemeritos professores, que assim prestam um alto serviço ás letras patrias.

O interessante trabalho, que se divide em *ciclos* é acompanhado de aguarelas de Alberto de Souza e ilustrações de Roque Gameiro.

Oportunamente publicaremos o sumario dos oito primeiro *ciclos*.

Aos nossos estimaveis leitores e assinantes, recomendamos tão apreciado tratado de Historia, ao mesmo tempo que saúdamos os dos talentosos professores.

A elegante edição é da Papelaria Guedes, que recebe pedidos para assinatura na rua Aurea, 80, Lisboa.

D'O *Combate* de 6 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal, coordenados por Chagas Franco, professor de História do Colégio Militar e João Soares, professor de Ensino Livre

Surpreendidos fomos com a recepção de um *fac-simile* de uma obra de educação empreendida pelos dois nossos amigos, que são tam-

bem dois altos espiritos de civismo e dedicação republicana.

Chagas Franco é o distinto escritor do valioso livro *O Resgate*, do qual ha mezes falamos com caloroso louvor, livro que demonstrou o privilegiado talento que já era conhecido por magníficos artigos jornalísticos; João Soares é essa bela alma que toda a Guarda ficou conhecendo e amando, desde que aí esteve exercendo o logar de governador civil e a quem se deve a obra santa da Cantina Escolar entre nós.

Espirito de civismo e dedicação republicana, eis-os cogitando numa obra soberba que faça germinar, crear, acender, — em labareda bendita — na alma da creança, do portuguez de amanhã, na sociedade do futuro esse mesmo espirito, esse que, bem ao contrario, tem sido aniquilido em germen, amarfanhado a qualquer manifestação, não desaparecido de todo da alma portugueza mercê de qualidades etnológicas reconhecidamente superiores.

E essa obra aí a temos. Anuncia-se e vae correr o Paiz, e vae preencher uma lacuna existente na escola portugueza, instruir e educar a creança pela mais bela forma de instruir e educar.

Escolhendo os assuntos mais em evidencia da nossa historia pátria, os factos mais altos, mais característicos, mais incisivos e imperativos da vida nacional atravez dos seculos, os dois illustres professores formam uma historia nova, rediviva pela gravura, pondo na escola, em frente da creança o quadro proprio, o simbolo, a acção, transmittindo, pela impressão visual e pela emoção, sem esforço, nem cansasso, sem prejuizo do trabalho fisico da creança o conhecimento preciso à sua alma incipiente.

Depois, que motivo poderoso para o professor se expandir, para ensinar, posto em frente do aluno e do quadro, dele extraindo a lição logica, natural e social, sem esforço tambem de maior, — pois que o quadro lhe sugere mais facilmente o pensamento e a palavra, — assim fazendo uso do metodo intuitivo, o mais racional, assim fazendo a evocação precisa para

que o aluno fixe e assimile *viendo e sentindo*.

Esta obra está destinada a um successo soberbo. Prevemo-lo: porque nem uma escola deixará de ser dotada e decorada, valorizada com ela, adquirida pelo Governo e pelas Camaras Municipaes. Nem um pae de familia deixará de adquiril-a para o instruir e educar de seus filhos, desde que possa fazer a aquisição, — visto que a muitos, maioria, a não poderá fazer por incompativel com os seus recursos economicos. E é por isso que falamos nos Governos e nas Camaras: é que estes teem a obrigação de suprimir aquelle impossivel dos paes pobres, dotando as escolas com o material que elles não podem ter nos seus lares para o ensino de seus filhos.

O specimen que temos á vista traz as apreciações de individualidades abalisadas, entre outras Agostinho Fortes, Ulysses Machado e Thomaz da Fonseca, apreciações as mais enaltecentes do valor excepcional da obra de que falamos, para a qual os dois illustres professores Chagas Franco e João Soares, chamaram os dois grandes artistas Roque Gamaireiro e Alberto Souza, encarregados da sua parte artistica a que dão o melhor do seu conhecido talento.

Os *Quadros da Historia de Portugal*, dividem-se em oito ciclos, dos quaes em outro numero daremos a divisão por cada ciclo, terminando hoje com um caloroso aplauso e felicitações aos nossos valiosos amigos, felicitando ao mesmo tempo o Povo Portuguez, que é quem mais tem a lucrar, e a Republica por ter assim dedicados apostolos a servil e a glorificall-a.

De *O Debate* de 11 de Novembro de 1915:

Modificando e facilitando o ensino — Uma bella iniciativa

Portugal, com a sua enorme e vergonhosa percentagem de analfabetos, é, indubitavelmente, dos paizes que mais afastados se encontram da moderna pedagogia.

O espirito jesuitico que durante muitos anos orientou o ensino, exerce ainda hoje sobre ele uma influencia esmagadora. O nosso ensino, ainda é essencialmente livresco. Desse grande defeito pedagogico, que afeta o ensino de todas as disciplinas, o estudo da Historia é, sem duvida, o que mais se recente, por ser exatamente o que mais se presta ao abuso do livro.

A criança não estuda historia; decora de má vontade o compendio que lhe mandam comprar, e depois de fatigar a memoria, e aborrecer o estudo, apenas consegue papaguear a narrativa mais ou menos longa de alguns factos historicos, como qualquer conto da carocinha, a que não liga a menor attenção.

Mas poderá modificar-se tão rotineiro e anti-pedagogico processo de ensino? Póde e deve.

As crianças gostam geralmente de contemplar as estampas. Quando se lhes dá um livro, o seu primeiro cuidado é verificarem se as teem. Aproveite-se-lhe portanto essa tendencia natural. Se em vez de um livro, tantas vezes massudo, lhes apresentarmos uma collecção de estampas habilmente escolhidas e completadas com as explicações do professor, obter-se-ha esta triplíce vantagem: decorar a escola tornando-a mais atraente e confortavel; provocar e desenvolver na criança o gosto artistico, e, sem esforço nem fadiga, dar-lhe uma noção nitida dos factos mais notaveis que impulsionaram e caracterisaram a nossa vida passada.

Por este processo, o ensino da historia tornar-se-ha agradavel, continuo e até involuntario. A criança, logo que levante os olhos para as paredes encontrar-se-ha em presença de um facto historico, que o respectivo quadro reproduz de uma fórma bem visivel, bom palpavel, e, ainda que não queira, tem de rememorar esse acontecimento do passado e as explicações que sobre ele o professor lhe deu. A imaginação por sua vez não pode ficar ociosa, e o ensino da historia, não sendo fas-

tidioso, torna-se por assim dizer quasi insensível. A criança não decóra historia como qualquer papagaio, mas aprende historia.

Pelo lado economico ainda este processo tem uma enorme vantagem. Dispensando o livro, o estudo da historia é acessível a todas as crianças pobres, que geralmente lutam com falta de meios para o adquirir.

Esta ideia, que ha muito defendemos, é hoje felizmente uma realidade, graças á bella iniciativa de Chagas Franco e João Soares, que acabam de publicar uma interessante coleção de *quadros da Historia de Portugal*, divididas em coleções de 8 ciclos, habilmente seleccionados e coordenados.

A reconhecida competencia dos seus autores, e o nome dos artistas que os ilustraram, os srs. Roque Gameiro e Alberto de Sousa, são mais que suficientes para os recomendar, dispensando portanto os nossos encomios. Não precisam reclames; impõem-se por si só.

Tal obra, tão necessaria nas nossas escolas, vem fazer uma verdadeira revolução no ensino da historia modernizando-o e facilitando-o. Para ella chamamos portanto a attenção de todos aquelles que se interessam pelas questões do ensino. E como a nossa camara tem mostrado pela instrução a seu cargo um interesse que tanto a nobilita, certamente dotará pelo menos as escolas centrais desta cidade, com uma coleção completa, visto que o seu custo é apenas de oito escudos.

De *A Capital* de 19 de Novembro de 1915:

«Quadros da História de Portugal», por Chagas Franco e João Soares, com illustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa

Vai ser brevemente lançada no mercado uma obra verdadeiramente notável: — é a vulgarização pela gravura das scenas mais importantes da nossa história. Destina-se, principalmente, ao ensino nas escolas, para que as crianças melhor possam sentir e

preender os episódios das nossas glórias antigas, perfeitamente integrados na sua época.

Pertence essa admirável inovação no nosso meio aos srs. Chagas Franco e João Soares, sendo os quadros executados pelos dois grandes artistas que se chamam Roque Gameiro e Alberto de Sousa. O Conselho de Instrução Pública, apreciando tão patriótica iniciativa, escreveram as seguintes palavras:

«Não hesita em afirmar que, pela discreta escolha dos assuntos, pela verosimilhança com que estes foram tratados, pela correcção do desenho, pela sobriedade e harmonia do colorido, constituem os referidos quadros não só um esplêndido auxiliar para o ensino e para o estudo da história pátria, como também um valioso elemento decorativo das aulas e um factor de não menor importância para a educação do espirito de observação e do senso estético dos alunos.»

Os srs. Chagas Franco e João Soares estabeleceram o plano geral da sua obra dividindo a nossa história n'estes oito ciclos:

.....

Todas as illustrações serão feitas segundo um rigoroso estudo da indumentária e dos costumes da época. Algumas reproduções que conhecemos são dum alto-valor artístico, bem digno dos nomes de Roque Gameiro e Alberto de Sousa. Na fidelidade histórica das narrativas e do seu brilho literário são garantia bastante as qualidades dos srs. Chagas Franco e João Soares, professores distintos, que no ensino tem affirmado a sua alta competência.

Da *Alvorada* de 18 de Novembro de 1915:

Uma iniciativa louvável — Quadros da História de Portugal

As lições de História Pátria, que tanto ainda se ressentem dos velhos moldes do ensino, estão, felizmente, soffrendo uma modificação acen-

tuada e viva, muito para louvar e estimular.

A parlenga enfastiante *dos factos mais notáveis dos reis*, onde tanto se denotava essa crise do engrandecimento do poder real que de longe vinha absorvendo a politica e o livro; o emaranhado de datas e de bosquejos biográficos que, por não terem *nexo critico*, a percepção do aluno não assimilava e só a custo a sua memória digeriria, estão sendo substituídos — nesta hora que é de reconstrução e de fé na Democracia — por um ensino basicamente científico e popular.

Demonstrado que o grande campo de batalha é o da educação e da escola, natural é que professores e artistas se nutram e inspirem no estudo da psicologia infantil, buscando dar aos métodos de ensino uma orientação moderna e progressiva. Assim veem de fazer os ilustres professores Chagas Franco e João Lopes Soares, de colaboração com os considerados artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa, lançando a iniciativa duns quadros didáticos para o ensino da História Pátria, a exemplo do que lá fora se usa.

Diz Herbert Spencer que os programas de educação vão diariamente amoldando-se á opinião das crianças. E' um facto. Os quadros coloridos para o ensino da nossa história veem exuberantemente demonstrar a afirmação do grande educador inglês. Mais do que a forma, a criança, por uma faculdade reflectiva, adora mais a côr. «*Esse grande amor pelo colorido que não é so proprio das crianças, diz Spencer, mas que persiste em muitas pessoas durante a vida inteira, deve ser constantemente explorado como natural estímulo ao estudo.*»

Pode dizer-se que as imagens e as côres são da primeira percepção infantil. A motricidade da criança é vivamente agitada, diz o autor das *Notas dum Pai*, quando esta vê figuras e côres. Talvez por isso é que Néel empregou as tintas preta e vermelha no seu método, e que Trindade Coelho, depois de outros, subordinou o alfabeto a expressões figuradas. As emoções intellectuais só mais tarde é que aparecem.

Ensinar, pois, a História de Portugal por meio de bizarros quadros coloridos é, sem duvida, emotivar os sentidos mais delicados do aluno. A escôlha dos assuntos, pelo programa que temos aqui sôbre a nossa mesa, não podia ser mais inteligente. Da sua execução apenas diremos que são um primor da mais fina concepção artistica.

Mede cada quadrado $0,70 \times 0,97$, sendo a colecção composta de 8. Neles se traduz o ciclo da nossa história com todas as características da época e dos costumes.

Posta dêste modo a arte como valioso auxiliar do ensino da história, êste tornar-se-há mais fecundo em seus efeitos cívicos e patrióticos — tanto mais que nesses painéis vê-se que o povo é integrado no seu verdadeiro papel de cavouqueiro das sociedades.

Justo é que a simpática iniciativa tenha o auxilio das entidades votadas aos assuntos da instrução, devendo por sua vez a nossa Câmara fazer aquisição dalgumas colecções para servirem não só como elemento auxiliar do professorado primário, mais ainda como um interessante elemento decorativo das escolas.

Os oito quadros parietais, que os particulares podem e devem igualmente utilizar, custam 8 escudos e podem ser pedidos para a rua Aurea, 80, Lisboa.

São devidas felicitações aos promotores dêste trabalho, — tam sugestivo e tam belo pelos motivos de ensino que encerra.

D'O Seculo de 19 de Novembro de 1915:

A escola primaria — A imagem no ensino da historia — Um trabalho interessante dos srs. capitão Chagas Franco e João Soares

Todos nós, que passámos pela aula de instrucção primaria, podemos recordar as horas de fastio que nos custou o ensino da historia. Aquilo era invariavelmente uma serie de reis que faziam a guerra aos mouros, quando não e entretinham a pelear contra Castela, e que

mais tarde mandavam naus ás descobertas — tudo isto quasi sem narrativa, em sequissimos sumarios, que era preciso decorar e que não nos permitiam fazer uma vaga idéa d'esses tempos. Quanto mais interesse havia nas simples historias de fadas e de principes encantados na meninice ouvidas, n'essas narrativas que a gente seguia de olhos muito abertos, vendo passar, na nevoa d'ouro da imaginação, todas essas personagens da legenda, tão diferentes umas das outras, e que foram, afinal, os nossos primeiros mestres no sentimento — ensinando-nos a simpatia e a repulsão? A culta historia... Que vinham a ser, na verdade, aqueles cartaginezes, aqueles godos, aqueles romanos, aqueles fenicios, todos esses desconhecidos bandos á bulha, reduzidos, pela deficiencia dos processos com que nos metiam todas aquelas coisas na cabeça, a um simples jogo aborrecido de palavras?

Isso foi no meu tempo, que vae á distancia do primeiro cabelo branco...

Outros garotos vieram depois coçar as calças nos mesmos bancos que os de então haviam brunido, e mais felizes do que nós — segundo parece — porque teem achado n'essa historia mais alguma coisa do que um *fait divers* de reis á lambada em mouros e castelhanos. No entanto, o ensino da historia não perdeu inteiramente a velha pecha, o seu character abstrato.

Porque não introduzir n'ele, por exemplo, a imagem, tornando vivos os acontecimentos e reconstituindo os, por assim dizer, no seu mais imprevisito pitoresco?

Dois professores distintos — um d'elles até homem de letras de valor demonstrado nas paginas cintilantes d'um romance, sem reclamo *O Resgate* — a quem esta reflexão havia acudido, decidiram ultimamente resolver o problema.

Como?

E' o outro, o sr. João Soares, ainda até ha pouco governador civil em Braga, quem m'o vae dizer, no seu gabinete, no Conselho Superior de Administração Financeira do Estado:

— A idéa não é nova, a não ser entre nós, visto os quadros representativos dos principaes sucessos da historia serem considerados hoje um instrumento pedagogico importante, um eficaz auxiliar da criança. Tendo visto Chagas Franco, no Colegio Militar, onde, como sabe, rege aquella disciplina, alguns quadros francezes, pensou quanto equivaleria preencher, entre nós, uma lacuna e organizar quadros do mesmo genero, exclusivamente inspirados na historia de Portugal — vindo depois expôr-me, com entusiasmo, a idéa. Tratava-se d'um brilhante material, de natureza a impôr-se á imaginação das crianças e a fazer-lhes sentir, comparar e apreender os factos historicos, já largamente consagrados pela pratica das escolas de França, Inglaterra, Belgica e Alemanha. Pouco depois abalançavamo-nos ao trabalho, na investigação de elementos que pudessem servir-nos, fazendo largas demoras nos museus e na Biblioteca Nacional, cuja secção iconografica percorremos, especialmente para o estudo da indumentaria, que, até ao reinado de D. Fernando, é difficilimo de fazer. D'ahi para traz vemo-nos obrigados, quasi sempre, a recorrer ao palpito... Terminada esta jornada, que durou seis mezes, reunidas todas as materias que sobre artes, costumes, armaria, bandeiras, etc., havia sido possivel recolher — dirigimo nos a dois artistas distintos, Roque Gameiro e Alberto de Sousa — aos quaes, a empreza, assim como ao editor, o sr. Paulo Guedes, a idéa sorriu desde logo.

Conforme o plano que haviamos traçado, os quadros constituiriam os seguintes ciclos:

O trabalho de Roque Gameiro e Alberto de Sousa é perfeitissimo. Um com a sua incomparavel delicadeza, outro com a sua côr vigorosa, realisaram uma obra ao pé da qual tudo — pode crêr — que lá fóra ha no genero ficará a perder de vista. Alguns dos originaes já estiveram expostos na sala do Conselho Superior de Instrução Publica, e consola-me poder dizer-lhe que obtiveram as mais lisonjeiras referencias, já pela execução, já pela intenção patriótica que nos inspirou a todos... E para

que nos demos por compensados de todos as canceiras que esses trabalhos nos custaram, basta que essa intenção tenha sido absolutamente reconhecida.

— E a obra acha-se já concluída? — perguntei.

— Não. Deve-o ficar, porém, em dezembro proximo. E, já agora, que v. entendeu ouvir-me, quero afirmar-lhe que a prestimosa colaboração, no que respeita á evolução da bandeira, a obtivemos-a d'uma autoridade no assunto — o major sr. Santos Ferreira, cuja coleção de flamulas navaes desde D. João II constitue um riquissimo documento da historia nacional. Va vê-la um dia. Deante d'aquelas reliquias das nossas glorias comover-se-ha profundamente.

De *O Combate* de 20 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal, coordenados por Chagas Franco, professor de História no Colégio Militar, e João Soares, professor de Ensino Livre

Como dissemos no penultimo número, damos hoje o *plano geral da obra* soberba que dois espiritos cultos, dois professores de elevado critério educativo conceberam e se propozeram realizar, obra que vai ter um exito extraordinário pelo fim a que se destina, pelo valor decorativo que lhe dão os dois grandes artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

Os oito quadros em que a obra se divide formam uma coleção superior, que nenhuma familia de bom gosto pode deixar de adquirir para decorar a sua sala, especialmente onde houver crianças a quem proporcionar momentos de prazer e encantamento, que são ao mesmo tempo lições de história e da vida nacional.

O plano geral da obra é pela forma seguinte:

.....

Do *Noticias de Alcobaca* de 21 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal

A idéa de vulgarizar, quanto possível, pela gravura todas as scenas mais importantes da História do nosso país lèvou os srs. Paulo Guedes & Saraiva, da rua Aurea, 80, Lisboa, a editar os trabalhos de dois distintos professores do ensino secundário, srs. Chagas Franco e João Lopes Soares, que pensaram em dotar as nossas aulas de história com um material verdadeiramente notável pela sua intenção patriótica e pela sua soberba execução artística.

Esse material, composto de 8 esplêndidos quadros parietais, evocando, numa coleção magnífica, os mais belos factos da nacionalidade e as mais lídimas proezas dos seus heróis, será executado pelo nossos melhores artistas, como Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

Com efeito, urgia dotar as escolas com esse brilhante material, que tanto se impõe á imaginação das crianças, com as esplêndidas gravuras que o adornam, mercê das quais os pequeninos cérebros podem sentir, comparar e aprender os factos históricos, obra que igualmente interessará altamente aos particulares.

Cada um dos 8 grandes quadros, com as dimensões de 6,70×0,97, compôr-se-há dos mais diferentes assuntos de arte, de indumentária, de armaria, de história política, de pitorescos costumes e todos os quadros serão reproduzidos pela fotografia a cores com tal perfeição, que a obra será verdadeiramente um monumento, um padrão, uma conquista do nosso tempo, benéfica e civilizadora.

Da *Semana Alcobacense* de 21 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal

Os srs. Chagas Franco e João Lopes Soares, aquele professor de história do Colégio Mili-

tóricos, no local onde se desenrolaram os factos mais culminantes da nossa história. Ora, na impossibilidade de utilizarmos este processo de ensino real, devíamos, pelo menos, servir-nos do processo edigráfico. Este processo no ensino da história é duma efficacia extraordinária, como temos experimentado. Pois não seria admirável, dum resultado surpreendente, o ensino da história auxiliado por quadros históricos em que estivessem representadas as figuras heróicamente lendárias de Nun'Alvares, Afonso de Albuquerque, O Decegado, Duarte de Almeida Pacheco e audaciosos marinheiros que, rompendo as lendas do mar tenebroso, abriram caminho aos temerários aventureiros que levaram a civilização europeia ás mais longínquas regiões e nelas fundaram um império maior que o de Alexandre, assombrando o mundo inteiro com as suas estupendas façanhas; os vultos patrioticamente gigantescos de Filipa de Vilhena, de Brites de Almeida; a batalha de Aljubarrota; Fernão Vazquez, o audacioso caudilho do povo de Lisboa; os mosteiros da Batalha e dos Jerónimos, que simbolizam a nossa maior epopeia; a proclamação de nossa independência e as batalhas que se seguiram para a sua consolidação; a attitude serena e generosa dos herois da Rotunda proclamando a República?

Era uma série de quadros parietais desta natureza que todas as escolas primárias deveriam possuir para que o ensino da História Pátria fôsse eficaz. Mas o Estado, que pouco cura do problema educativo, nada se tem importado com o que se prende ou pode auxiliar tal ensino. Porém, o que elle não faz, procura efectivá-lo a iniciativa particular. Queremos referir-nos aos *Quadros da História de Portugal*, coordenados pelos eruditos professores de ensino secundário Chagas Franco e João Soares. Esta obra, composta de diferentes quadros históricos, representando os motivos que mais simbolizam a Alma Nacional, é um auxiliar maravilhoso para o ensino da História Pátria.

O Estado prestará um serviço admirável á

causa da instrução obrigando as câmaras a dotar as suas escolas com uma colecção dos referidos quadros.

Da Leiria Illustrada de 27 de novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal, por Chagas Franco e João Soares, antigos professores de História, edição de Paulo Guedes & Saraiva, Rua Aurea, 80 — Lisboa — Colecção de 8 ciclos — 8 escudos — Um só ciclo — 1\$20. — Um problema resolvido.

A sagrada missão do ensino da história acaba de obter um grande triumpho no nosso país. Assim, tendo as sciências experimentais entrado, desde alguns anos, numa fase de rápido avango, mercê dos seus aparelhos engenhosos, as suas instalações e exemplares magníficos, elas deram os mais surpreendentes resultados nas artes, no comércio e nas indústrias.

A riqueza económica das nações deve a esse ensino experimental os melhores e mais duradouros frutos, de tal maneira se intensificaram e multiplicaram a iniciativa e a energia humanas.

As leis da física, química e da matemática continuariam a ser uma especulação filosófica de isolados espiritos, se á sua descoberta não correspondesse desde logo a *industrialização* dos respectivos inventos.

De facto, de que serviriam á grande indústria do aço, da navegação, da electricidade, da aeronáutica, da ótica, engenhos de toda a ordem para tecelagem, para as minas, para os submarinos, obra de vida e de morte em permanente contraste, se as leis de Newton, de Tyndall e Lavoisier, se a Mannita de Papin e a máquina pneumática, o ácido sulfúrico continuassem a ser fórmulas abstratas, objecto de simples teorias e especulações de sábios?

Pois bem; por muitos anos essas leis, essas

fórmulas e aparelhos, se não fôra a renovação prática do ensino sob a base da ciência pedagógica, seriam ainda privilégio dos seus descobridores; ou seriam apenas acessíveis aos raros institutos de ensino que pudessem com as dispendiosas somas da sua aquisição.

De forma que a maior parte dessas invenções só era conhecida da mocidade estudiosa através uns desenhos, por via de regra mal feitos, e nós somos do tempo em que nas aulas nos obrigavam a meter na cabeça a sua descrição, com todos os números de válvulas e alavancas e parafuzos, como se fôsse possível com essa descrição, metida como prégio em madeira verde, dar uma idéa prática e inteligente do mesmo aparelho!

Uma reacção se produziu, felizmente, entre os melhores pedagogos, e foi fácil provar que mais valia uma máquina ou aparelho que se palpava e se desmontava pelas nossas mãos, do que as melhores descrições.

O avanço que o ensino teve, em virtude desta transformação pedagógica foi enorme, e dela falam alto as indústrias nos povos civilizados, onde os conhecimentos científicos foram ministrados sob a base experimental.

Mudou-se a face do mundo, e ninguém pôde, de um modo geral, considerar hoje irresolúvel qualquer problema científico, tais e tantas são as fontes do saber temperadas na experiência cada vez mais audaciosa do género humano.

Todas as sciências progrediram enormemente, e só um ramo de ensino, o da história, porventura aquele que mais deve marcar no espírito dos jovens o amor da sua terra, aquele *saber de experiências feito* que é mister ter sempre presente, êsse ensino, iamos dizendo, continuava a ser aquela série abstrata de reis e concubinas, de rainhas e eguariças, de fidalgos e histriões, heróis, traidores, guerreiros e frades de que os compêndios rezam nessa beatifica monotonia capaz de morfinar o mais agitado dos seres, tal era a falta de incentivo, tal era a falta de *material* de ensino,

obrigando a *memória* em detrimento da *inteligência*.

E' este problema que os antigos professores, os beneméritos professores de história srs. Chagas Franco e João Soares — este ultimo nosso ilustre patricio e deputado da nação — acabam de solucionar, publicando oito quadros da nossa história, que representam outros tantos ciclos históricos, nos quais estão *materializados* artisticamente os factos mais importantes do nosso passado, quer aqueles que vincam a nossa grandesa e heroicidade, quer aqueloutros que vergastam as nossas defeições e cobardias.

Além da vantagem da *materialização*, desses factos emancipadores de garantias e estadios conquistados, vencidos ou postergados, há ainda a notar, que, tratando-se de uma obra de arte, êsses quadros, pela cuidada e meticulosa escolha dos assuntos, e ainda pela rigorosa investigação histórica, constituem uma viva documentação da armaria, da numismática, costumes, história, política, indumentária, artes decorativas, etc., a que dois artistas consagrados deram o melhor dos seus recursos — Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

Trata-se, pois, de uma benemerita iniciativa, de um problema felizmente resolvido, e que, por patriotismo, por dignidade, pelo levantamento moral do espírito português, tão lamentavelmente esquecido das suas tradições e glórias, convém espalhar e difundir, e isso fazemos gostosamente, humildes pedagogos amadores, sinceres crentes do futuro da nossa raça, conhecendo, pois, as necessidades e as dificuldades que esta bela iniciativa veio resolver.

Pires de Campos

D'O Seculo de 29 de Novembro de 1915:

Uma obra notavel

«Quadros da Historia de Portugal» se intitula um criterioso trabalho dos srs. Chagas

Franco, professor de historia do Collegio Militar, e João Soares, tambem antigo professor, que os srs. Paulo Guedes & Saraiva, da rua Aurea, 80, vão editar com primorosas illustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

O plano explicativo d'esta obra diz bem do seu patriotico intuito, nos seguintes expressivos termos:

«A idéa de vulgarisar quanto possível pela gravura todas as cenas mais importantes da historia do nosso paiz levou-nos a editar os trabalhos de dois illustres professores do ensino secundario que pensaram, pela primeira vez entre nós, em dotar as nossas aulas de historia com um material verdadeiramente notavel pela sua intenção patriotica e pela sua soberba execução artistica.

Esse material, composto de oito esplendidos quadros parietaes, evocando n'uma coleção soberba os mais belos factos da nacionalidade e as mais lidimas proezas dos seus heroes, será executado pelos nossos melhores artistas como Roque Gameiro e Alberto de Sousa, reproduzido pelas mais belas tricromias que se tem conseguido em Portugal e merecerá igualmente um acolhimento favoravel não só dos directores das nossas escolas como dos simples particulares.

Com effeito urgia dotar as nossas escolas com esse brilhante material que tanto se impõe á imaginação das crianças, com essas magnificas gravuras — de que juntamos um specimen reduzido — mercê das quais os pequeninos cerebros podem sentir, comparar e apreender os factos historicos; urgia pôr-lhes deante dos olhos a noção viva e estimuladora do progresso, a noção justa, emancipadora e nobilitante dos estádios vencidos, das liberdades e garantias conquistadas; urgia que as escolas portuguezas, como as da França, da Inglaterra, da Belgica, da Alemanha, como as das libérrimas nações da America brilhassem de coloridos paineis, agasalhassem as coleções bizarras que — fortalecendo na criança todas as suas qualidades moraes e por ventura fa-

zendo germinar n'ella algumas qualidades artisticas — são de um alcance patriotico insosismavel. Esse alto fim, conseguido pelos Quadros da Historia de Portugal, que editamos, de tal maneira se impoz ao Conselho de Instrução Publica, que esta elevada estação official os apreciou assim no seu parecer: «Não hesita em afirmar que pela discreta escolha dos assuntos, pela verosimilhança com que estes foram tratados, pela correção do desenho, pela sobriedade e harmonia do colorido, constituem os referidos Quadros, não só um esplendido auxiliar para o ensino e para o estudo da historia patria, como tambem um valioso elemento decorativo das aulas e um factor de não menor importancia para a educação do espirito de observação e do senso estético dos alunos».

Todas as tricromias que illustrarão esta esplendida obra estão sendo executadas nas oficinas da *Illustração Portuguesa*.

Do *Éco da Avenida* de 28 de Novembro de 1915:

Quadros da Historia de Portugal coordenados por Chagas Franco e João Soares

Editados pelos nossos dilectos amigos Paulo Guedes & Saraiva, proprietarios da Papelaria Guedes, luxuoso estabelecimento da rua do Ouro, annuncia-se para breve a publicação d'este importante trabalho historico, que virá preencher uma lacuna ha muito sentida no nosso meio artistico e intellectual.

Temos presente o prospecto da publicação e por elle podemos desde já avaliar o grande commettimento a que os arrojados editores vão metter hombros.

Sem falar da parte litteraria, confiada a dois escriptores dos mais competentes no genero, diremos que a parte artistica, por certo a de maior responsabilidade da obra, está a cargo de Roque Gameiro e Alberto de Sousa, dois artistas competentissimos na materia.

De *O Seculo* de 30 de Novembro de 1915:

Quadros da História de Portugal

Retificando a noticia que hontem demos sobre esta interessante publicação, cumpre-nos esclarecer que nas oficinas da *Ilustração Portuguesa* serão executados, não todos os trabalhos de tricromia, como por lapso saíu, mas apenas uma parte d'elles.

De *O Combate* de 4 de Dezembro de 1915:

Quadros da História de Portugal, por Chagas Franco e João Soares, professores de história, edição de Paulo Guedes & Saraiva, Rua Aurea, 80 — Lisboa — Coleção de 8 ciclos — 8 escudos — Um ciclo — 1\$20

Uma extraordinaria obra destinada ao ensino da Historia de Portugal por um processo inteiramente novo, de um modo superior integrado na moderna pedagogia, vem obtendo o successo que lhe é devido.

Satisfeitos estão os seus creadores, os nossos amigos srs. João Soares e Chagas Franco, os distintos professores que se arrojavam a esse empreendimento, um dos mais notaveis em assuntos editoriaes, animando-os a crença de um Portugal novo com uma geração nova, geração que sómente pode sair da Escola, mas da Escola Moderna, reformada, transformada quer na parte material, quer na moral, quer nos processos de ensino e educação.

A obra de que falamos constitue um processo de ensino e educação no sentido apontado. Ela vae ser um instrumento por meio do qual o professor gravará na memoria incipiente da creança as belas lições de historia patria, formando o conhecimento e formando o sentimento, deixando cair a semente que amanhã ha de florir e frutificar em civismo e patriotismo.

Que por demais estas duas primacias qua-

idades se amorteceram na alma portugueza, mercê do processo de ensino e educação introduzido em Portugal pelo jesuitismo, sob a vontade do imbecil reinante D. João III. E' certo que desde então, pelo decurso de quatro seculos que vão passando, algumas tentativas se fizeram para uma reforma considerada necessaria; mas o jesuita é astuto e bastante vil para se amoldar a todos os contrastes, por isso soube sempre contrariar essa reforma, cedendo apenas o terreno que não podia embargar. Assim, a Escola se manteve, só á poucos anos se iniciando algumas medidas de que não saíram ainda resultados de maior. Tanto assim que ainda a Republica luta com dificuldades para nela assentar o espirito laico, absolutamente indispensavel para que possa exercer a sua missão social.

Quando nós nos lembramos do que foi a escola primaria que frequentamos, uma onda de indignação e de revolta nos toma. E perguntamos a nós mesmos como foi possível tal escola atravessar seculos e seculos?

Pois bem preciso é que dela nada fique. A transformação impõe-se e com urgencia. Ainda ha muito efeito funesto dessa causa:— a Escola. A crise de carácter é conhecida de todos.

Pois que todos os que prezam a vida, os que não chafurdam no atoleiro que aquela crise fez, todos os que possuem o sentimento do civismo concorram como possam para a transformação de que falamos. Uns com a sua intelligencia, o seu trabalho, o seu sacrificio; outros com o seu estímulo, que pode ser expresso por varias formas.

Nós apenas podemos concorrer com o estímulo do nosso aplauso aos que concorrem com a sua intelligencia e esforço.

Com intelligencia esforço aí estão os autores da bela obra, que vem preencher uma lacuna em historia. Que outros surjam a preencher as outras, de outros ramos de ensino, e que os Governos, patrioticamente orientados, secundem todos os esforços e iniciativas. A. de Chagas Franco e João Soares

bem merece a atenção do Governo, como a de todos os Municípios, de todas as Associações, de todos os Patriotas.

Da República de 23 de Dezembro de 1915:

A arte ao serviço da pedagogia — «Quadros da História de Portugal» — Um interessante trabalho de Chagas Franco, João Soares, Roque Gameiro e Alberto de Sousa, editado por Paulo Guedes

Trata-se de uma encantadora e maravilhosa obra, destinada às mais fecundas consequências no ensino, a que acabamos de admirar na Papelaria Guedes, à rua do Ouro.

Dois professores de espíritos modernos e esclarecidos, os srs. João Soares e Chagas Franco, delinearam-na, por certo a amaram por muito tempo no exclusivo domínio da fantasia e das longínquas, acariciadoras esperanças.

Um dia, o sr. Paulo Guedes, um homem audazmente empreendedor, um desses espíritos de larga iniciativa tão pouco vulgares em Portugal, ouviu-os — e aos ouvidos esboçaram planos e pormenores, idades e acontecimentos, maravilhas das nossas antigas epopeias, triunfos do nosso génio e da nossa antiga audácia, logo se encantou com o valor da obra, logo se pôs incondicionalmente, generosamente ao seu dispor.

Os dois melhores aguarelistas portugueses, os srs. Roque Gameiro e Alberto de Sousa, um com o incomparável poder da sua mestria, outro da sua audácia juvenil toda em promessas e realizações soberbas, começaram, então, a executar os planos — e a pouco e pouco as velhas scenas ressuscitadas, as bizarras do passado redivivo, as aguarelas soberbas das liberdades e garantias conquistadas em oito séculos de história, os documentos de indumentária, de armaria, de pitorescos costumes, as notas fúlgidas da nossa arte e dos nossos monumentos, toda a vida de uma pátria, res-

suscitada, glorificada no alto relêvo do talento e do saber, foi constituindo a preciosa colecção que já hoje não pode admirar-se sem ternura.

Os autores tencionam agrupar essas belíssimas aguarelas, maravilhosamente reproduzidas pela Tricromia, em oito ciclos ou grandes quadros parietais — e da beleza que dêles resultará para as nossas aulas de história, da sua utilidade pedagógica, do seu incontestável alcance patriótico só poderão falar com emoção aqueles que já tiveram admirado as scenografias inolvidáveis da partida do Gama ou da conquista de Lisboa.

Trata-se absolutamente de um mimo para as nossas escolas primárias, para as aulas dos nossos liceus — mimo em que não sabemos que mais admirar, se a prova de competência e de patriotismo prestada pelos aguarelistas, se o esforço assombroso, verdadeiramente hercúleo dos autores e do editor.

E, a dentro de cada ciclo, quantas coisas preciosas para o adorno de um gabinete ou de um interior confortável, quantas lindas scenas, quantas delicadas, pequeninas maravilhas de que mal se conseguem desviar os olhos!

Sinceramente desejamos que a obra se complete quanto antes, para que a sua utilidade, a sua beleza seja reconhecida por todo o país, para que o público a consagre definitivamente.

D'A Montanha de 26 de Dezembro de 1915:

Na Montanha

No rapido da noite de hontem chegaram ao Porto e deram-nos o prazer da sua visita, os nossos illustres amigos srs. Sesisnando Chagas Franco, professor do Collegio Militar, e Paulo Emilio Guedes.

Veem no desempenho de uma importante missão patriótica e artistica, a que supomos estar destinado um grande exito. Dessa missão falaremos num dos proximos numeros d'A Montanha. Por hoje limitamo-nos a agradecer a visita dos distinctos correligionarios e ami-

gos, que vieram até nós acompanhados pelo illustre secretario do ministro da instrução, o nosso presado amigo sr. Augusto Ribeiro da Silva.

Do *Journal de Noticias* de 29 de Dezembro de 1915:

Quadros da Historia de Portugal Uma iniciativa patriotica

Recebemos hontem a visita dos srs. capitão Chagas Franco, illustre professor de historia do Collegio Militar, e Paulo Emilio Guedes, que tiveram a gentileza de nos vir mostrar alguns dos bellos quadros da historia patria, que estão realisando.

Trata-se de uma obra patriotica e meritoria, que muito honra os dois distinctos professores Chagas Franco e João Soares, e que não pôde deixar de obter o applauso franco e decidido de todos os que se interessam pela educação do nosso povo.

Comprehendendo quanto o ensino historico tem, entre nós, de abstracto e vago, por falta dos meios usados em França, Inglaterra e Alemanha, onde abundam os albuns e quadros de historia que facilitam, notavelmente, ás creanças, esse genero de estudos, os srs. Chagas Franco e João Soares lançaram hombros á tarefa espinhosa que a si mesmo se impuzeram e que lhes tem merecido o caloroso applauso das mais competentes auctoridades no assumpto.

Em synthese, a sua tarefa consiste em facilitar o ensino da historia, resuscitando, pela gravura suggestiva, o nosso belo passado e promovendo, assim, o levantamento da raça, que, na lição dos factos, colherá incentivo para novos feitos que a exaltem e nobilitem. Assim, para a realisação da sua bella obra, dividiram a historia de Portugal em 8 ciclos, cada um dos quaes é representado por um quadro, primorosamente aguarelado, em que os respectivos factos mais notaveis apparecem evocados

pelo lapis de um artista, de modo a sugerir, rapida, fiel e impressivamente, uma ideia d'esse periodo historico.

Ahi apparecem, n'esses quadros admiravelmente detalhados, todas as bellezas da nossa gloriosa história, os nossos mais notaveis monumentos, indumentaria, arte, numismatica, bandeiras, etc., que os nossos estudantes quasi completamente desconhecem. D'este modo, os Quadros da Historia de Portugal exercem uma poderosa acção educativa, não apenas sob o ponto exclusivo da historia, mas ainda como preparação esthetica das creanças que, n'elles, se acostumarão a deter a vista no que é bello e artistico. Simultaneamente, esses quadros, que constituem um pequeno museu de arte portugueza, servirão, na escola, para facilitar notavelmente o ensino da historia e decorar as salas de aula, habitualmente tão nuas e tristes entre nós.

Completando estas breves notas, diremos que a execução artistica d'esta patriotica obra está a cargo de duas individualidades competentissimas, que n'ella teem mais um legitimo padrão da sua gloria — Roque Gameiro, o admiravel aguarelista, verdadeiramente unico no seu genero, e Alberto de Sousa, desenhador vigoroso e cheio de observação.

Actualmente, e apezar de todas as difficuldades resultantes da guerra europeia, encontram-se já publicados seis Quadros, relativos a outros tantos ciclos, encontrando-se os restantes em execução nas officinas do nosso collega *Commercio do Porto*.

Os srs. capitão Chagas Franco e Paulo Guedes, a quem agradecemos a honra da sua visita, retiraram já para a capital.

De *O Comêrcio do Pôrto* de 29 de Dezembro de 1915:

Quadros da História de Portugal

Deve brevemente iniciar-se uma valiosa e interessante publicação de quadros da história

de Portugal, devido à iniciativa dos srs. Chagas Franco, professor de história do Colégio Militar e distinto militar, e João Soares, professor de ensino livre, e cujo intuito principal é vulgarizar, quanto possível, pela gravura todas as scenas mais importantes da história do nosso país. E' a história pela imagem.

Esta obra, composta de esplêndidos quadros parietais, evocando, numa magnífica colecção, os mais belos factos da nossa nacionalidade e as mais lidimas proezas dos seus heróis, será executada pelos nossos melhores artistas, tais como Roque Gameiro e Alberto de Sousa, reproduzida pelas mais belas tricromias que se teem conseguido em Portugal, devendo igualmente merecer um acolhimento favorável dos directores das nossas escolas e simples particulares, principalmente dos primeiros, que, com esta magnífica colecção, poderão auxiliar a memória dos seus alunos no estudo dos factos mais importantes da história.

Era para lamentar, rialmente, que no nosso país — de uma história tão intensa e brilhante — nada existisse nesse género, de tão alevantados intuitos.

Felizmente que os seus autores, srs. Chagas Franco e João Soares, com a boa vontade e actividade do seu editor, sr. Paulo Guedes, metendo mãos à obra em tão importante trabalho, não recearam os obstáculos naturais a esse género de iniciativa, conseguindo ver realizados os seus esforços.

Tivemos o prazer de ver já reproduzidos pela tricromia vários assuntos que hão de constituir os «Quadros da História de Portugal», em 8 ciclos, entre outras belas gravuras de factos históricos. do terceiro ciclo, como a «Expulsão dos Judeus», «Partida para a Índia», «D. João II nos estaleiros», «Afonso de Albuquerque em Ormuz», «O mosteiro dos Jerónimos», «A janela de Tomar», «A côrte de D. Manuel», etc., acompanhados dos trajes e costumes da época, moedas, bandeiras, etc.

Cada ciclo tratará, assim, dos factos mais importantes da época, reproduzidos em estampas de uma soberba nitidez, e constituindo

um valioso auxiliar, não só para estudantes como também para as próprias pessoas ilustradas.

Nesta importante obra nada será esquecido, e isso se póde ver pela multiplicidade dos assuntos, como a numismática, a arte antiga, a indumentária, a armaria das magníficas reconstituições históricas de Roque Gameiro, em aguarelas magníficas.

A impressão que nos deixaram os trabalhos que tivemos ocasião de ver, foi o mais agradável possível pela maravilhosa execução dos assuntos, nitidez e conjunto dos coloridos, o que nos faz profetizar um verdadeiro triunfo para os seus autores, os srs. Chagas Franco e João Soares, dois distintíssimos professores e publicistas, e Paulo Guedes, editor da magnífica e valiosa obra, homem de arrojada iniciativa que aqui devemos registar.

E dizemos arrojada iniciativa porque os «Quadros da História de Portugal» hão de constituir um dos mais brilhantes estudos da literatura e da arte portugêsa.

De *O meu Jornal* de 2 de Janeiro de 1916:

Quadros da Historia de Portugal

Com êste titulo vai publicar-se em breve uma obra sadia, obra bela, de arte e de educação.

Li com cuidado um specimen de alguns dos mesmos *Quadros*. Passei horas avaliando a coordenação dos factos, a escolha dos assuntos, etc., e. . . confesso, foi para mim uma surpresa cheia de encanto e de prazer espiritual.

Aquilo é mais alguma coisa do que uma obra. E' uma revolução no ensino da história. E' a escola ideal libertando-se da rotina. E depois detive-me um momento a pensar nos seus autores — João Soares e Chagas Franco. Aquele conhecia eu e, ficara-o conhecendo bem desde uma ocasião em que o vi falar publicamente. No seu olhar, recordo-me, havia

fulgurações, havia centelhas luminosas; deles saltavam chispas de luz. As palavras saíam-lhe ás catadupas em torrentes de eloquencia e tropos, cheias de vida, cheias de fé e impregnadas de sentimento. Eram como a sua alma, um clarão. A sua alma devia ser bela. Não me enganára. A ultima prova de beleza da sua alma é essa obra — *Quadros da Historia de Portugal*.

Chagas Franco vira-o apenas uma vez. Falava para um seu amigo.

As suas palavras, cheias de ritmo, eram candenciadas e sonoras. Revelavam espirito de coordenação, e denunciavam o erudito. Pois bem; esses dois homens deram o melhor do seu sentimento e da sua illustração á obra a que me refiro. E' soberbo de grandeza moral o seu gesto.

Eles não pôdem ganhar; eles deviam perder dinheiro, se a especulação fosse o seu alvo. Eu fui já vêr os proprios quadros, e posso afirmar que lá fóra, no estrangeiro, não ha melhor, nem mesn.o tão perfeito.

Neles resalta claro o sentimento, a dedicação cívica dos seus autores, a que o pincel de Roque Gameiro dá o brilho do seu talento e o melhor do seu genio.

A' sciência e ao sentimento aliam-se a arte e o genio.

Monteiro de Andrade

De *A Montanha* de 2 de Janeiro de 1916:

A escola moderna — Uma obra notavel — Quadros da Historia de Portugal por Chagas Franco e João Soares

O formidavel impulso intelectual e civico produzido depois de 5 de outubro e fortificado dia a dia com as emancipadoras instituições republicanas, acaba de ostentar-se num grande e encantador trabalho — incontestavelmente o mais belo e o mais fecundo, o mais patriótico e o mais profundamente creador entre os que

nos ultimos vinte ou trinta annos se tem produzido em Portugal.

E' sabido quanto uma acção deleteria de seculos, toda em perversões e torpêsas, tola em abastardamento e corrupção — minando tudo com o jesuitismo, desmoralizando tudo com o sebastianismo, ferindo gerações e gerações consecutivas com as horrorosas infamias do Santo Officio — produziu até 1580, até 1820, até 1910, uma obra nefanda de degenerescencia, de desnacionalisação, de aviltamento, de renuncia, de cobardia, de indifferença por quanto é nobre ou quanto é belo e emancipador. E' por isso evidente que, antes de mais nada, a obra da Republica devia efficazmente inspirar-se nas mais distantes e mais puras origens da nacionalidade, devia absorver os elementos fundamentaes da nossa primitiva força, do nosso character historico, da nossa psicologia dos tempos heroicos da raça, devia ser antes de tudo uma ressurreição para vir a ser um resgate.

Esse trabalho — impossivel já nos egoistas e nos corrompidos — devia tentar-se principalmente nas futuras gerações; devia fazer-se principalmente na escola.

Era uma grande, dignificadora obra de educação e de ensino, de generosidade e de altruismo, de amor e de sacrificio — e nem a escola poderia continuar a ser mais ou menos disfarçadamente pautada pelos velhos moldes jesuiticos, nem o ensino dirigido superiormente por bacharelitos anonymos ou adherentes conselheiros sedícios ou desmiolados.

Assim a escola devia ser toda em catequeses de patriotismo e de dignidade, orientada na salvadora destruição dos erros e dos preconceitos, das hipocrisias e das subserviencias, das mentiras e das ignobeis pêchas que tres ou quatro seculos de tirania e de clericalismo acumularam na consciencia nacional; devia ser o resurgir das nossas tradições beneficas, e, amparado a ellas, tentando o triunfo definitivo da raça, o esboçar de todos os nossos ideaes, de todas as nossas anciedades, de todas as nossas aspirações de povo emancipado e livre.

Logo na escola primaria, ao desabrochar dos primeiros sonhos, dos primeiros generosos pensamentos, as crianças comungariam assim — numa sacrosanta iniciação — a eucaristia sublime da Patria e do Dever, da coragem e do altruismo, da honra e do trabalho — e para isso todo o capitulo de doutrina seria como um hino ou como um cantico, e de cada disciplina de cada lição resultaria um mais poderoso incentivo, de cada mestre um mais nobilitador apostolo.

Para isso a aritmetica e a geometria seriam a concretisação rigida da honra e do dever, a gramatica protesto ardente contra os estrangeirismos e a desnacionalisação, o desenho todo um honrado esforço para nos reintegrarmos na nossa primitiva arte, nas nossas tradições, na nossa altivez e independencia antigas.

Lá fora, na Europa central contorce-se enraivecida a mais formidavel, a mais sanguinolenta das grandes pugnas da historia; é bem a hora das nacionalidades se revigorarem em si mesmos, nos seus factores morais, no resurgir das suas aspirações antigas, no desvelado amor aos seus heroes, aos seus grandes antepassados, á sua historia.

A historia seria assim a mais importante, a mais inextinguivel origem da nova educação e do novo patriotismo, a grande creadora dos novos caracteres, a grande semeadora do porvir.

Em vez do antigamente tão arido, tão em extremo fatigante ensino, todo apoiado na memoria, todo tão abstrato tão seco por vezes como uma taboa cronologica ou uma longa efeméride, o ensino da historia — se os governos da Republica tivessem já querido ou podido satisfazer as ambições dos mais nobres espiritos de Portugal — seria o longo drama intenso e empolgador da raça, a longa luta dos nossos sonhos e da nossa liberdade, o enlace dos antigos sacrificios heroicos e das nossas modernas aspirações, que bem poderia quasi por completo aprender-se nas estrofes dos nossos poetas, nos rendilhados dos nossos monumentos, na exclusão das nossas revoluções.

A historia seria assim a sciencia mãe, a sciencia germen — e, para a impôr á imaginação das creanças, para com ela as sensibilisar até ao enternecimento, até á devoção, logourgia que os artistas nela se inspirassem e nos dessem em obras de arte, em obras belas e comovidas, proprias das creanças, para com ela as sensibilisar até ao enternecimento, até á devoção, logourgia que os artistas nela se inspirassem e nos dessem em obras de arte, em obras belas e comovidas, proprias das creanças, a significação e o alcance das grandes verdades historicas.

E' o que se tem feito lá fóra em quasi todo o mundo culto: as escolas de França, da Inglaterra, da Belgica, da Alemanha, as das liberrimas nações da America brilham ha muito de coloridos paineis, agazalham coleções bizarras, albuns primorosos, que — fortalecendo nas creanças as mais belas qualidades morais e fazendo germinar em muitas delas grandes qualidades artisticas — são de um alcance patriotico insofismavel.

E' evidente que em Portugal um trabalho semelhante seria uma benemerita cruzada contra a desnacionalisação e o egoismo, contra a «apagada e vil tristeza» da nossa educação jesuitica, contra o clericalismo ainda hoje ameaçador e as tórpes sobrevivencias dos ultimos dois ou tres seculos de ignominia. E todos aqueles que melhor conhecem o povo português, todos os que um dia pensaram no seu resurgimento e no seu porvir sabem perfeitamente quanto seria fecundo difundir, melhorar, facilitar o ensino da historia falando á imaginação, falando ás almas das creanças, pondo-lhes deante dos olhos — num brilhante material decorativo e suggestionador — de maneira que elas pudessem sentir, apreender devéras, atravez dos oito seculos da historia nacional, a marcha toda em relevo e todo estimulo, dos factos historicos, a noção viva e estimuladora do Progresso, a noção justa, emancipadora e

nobilitante dos estadios vencidos, das aspirações em marcha, das liberdades e garantias conquistadas.

* *

Esse grande designio, essa obra admiravel destinada a constituir o enlevo dos estudantes e dos mestres, essa grandiosa sementeira de verdade, de patriotismo e de beleza, acabam de empreende-la dois queridos amigos e correligionarios nossos, os srs. Chagas Franco e João Soares, nos «Quadros da Historia de Portugal», com um tal brilho e uma tal ternura que Agostinho Fortes os aprecia assim:

«E' o mais subido acto de patriotismo que, no presente momento historico, vontades portuguezas podiam levar a cabo, com tamanha perfeição que do estrangeiro nada conheço que se lhe compare. E', sinceramente o digo, obra de portuguezes, sentida estremecidamente por portuguezes, e para portuguezes feita.»

Os autores são já conhecidos por antigos trabalhos e antigos triunfos; Chagas Franco, um escritor de raça, ilustre entre os ilustres, é o autor do «Resgate», o precioso romance que a revolução de 5 de Outubro fecha como um cantico. João Soares, o ilustre publicista, o deputado por Guimarães, o antigo governador civil da Guarda, de Braga e Santarem, é um proficientissimo professor de historia nos Pupilos do Exército e uma figura de brilhantissimo destaque com serviços bem provados á Patria, á Republica e ao nosso partido.

Vimos ha pouco na nossa redacção dezenas de preciosas aguarelas para os «Quadro da Historia de Portugal»; e ouvimos esboçada a já longa e interessante série de investigações e de esforços que os nossos ilustres correligionarios realisaram para o seu trabalho.

Com um olhar iluminado de crença e de ternura por tudo quanto é grande, patriótico, republicano, Chagas Franco ia-nos dizendo as dificuldades vencidas, os resultados conseguidos, os pormenores da obra quasi acabada já — e ouvindo-o esboçar os planos dos oito qua-

dros ou ciclos com as suas notas de arte, de indumentaria, de armaria, de numismatica, de historia politica, de pitorescos costumes, evidenciado o poderosissimo alcance educador e patriotico do belo trabalho, logo nos lembrou como êle ao mesmo tempo havia de interessar os particulares, como havia de espargir em tantos lares modestos as consoladoras notas da arte pura — e como, acima de tudo, publicada em breve a obra, dela resultará um monumento, um padrão, uma conquista do nosso tempo, verdadeiramente benefica e civilisadora.

* *

Os oito quadros, com as dimensões de 0^m,97 × 0^m,70, abrangem toda a existencia da raça desde os tempos prehistoricos até á proclamação da Republica; divide-se cada um em quinze ou vinte assuntos habilmente executados pelos distintos artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa e o que vimos dêles é verdadeiramente empolgador.

As aguarelas de Roque Gameiro, principalmente são tão sentidas, tão belas, tão delicadamente sugestivas, tão cuidadas e vividas em cada pormenor, em cada ligeiro traço que, atingindo muitas vezes a fascinação das obras primas, são absolutamente inegalaveis.

Não podemos deixar de cumprimentar o glorioso artista, honra da raça portugüesa, segura garantia do valor estetico da obra que tão intensamente nos impressionou.

Egualmente reiteramos a João Soares e Chagas Franco e ao sr. Paulo Guedes, o intelligente editor lisboeta que com tanta dedicação contribuiu para a realisação da obra, o nosso mais caloroso aplauso.

Os autores estiveram nesta cidade coligindo notas sobre os nossos monumentos e tratando de fazer reproduzir alguns dos quadros nas afamadas oficinas d'O *Commercio do Porto*.

Publicamos a seguir o plano geral desta esplendida obra:

.....

De *O Mundo*, de 4 de janeiro de 1916:

Um artista bem português — Uma tarde em casa de Roque Gameiro — A fotografia e a aquarela — O que este respeito nos disse o artista da «tomada de Lisboa» — A actividade de Roque Gameiro — Geração de aquarelistas — Um lar caracteristicamente nacional

.....

— Vê esta desarrumação? Pois é o meu sistema. Sei onde tenho tudo, recordo tudo: esta aparente confusão é um método, e até succede, quando ás vezes por aqui passa a mão cuidadosa e feminina a dar um pouco de capricho, que d'pois já não sei o lugar das coisas...

Paulo Guedes, o editor arrojado e prestimoso dos *Quadros da História de Portugal*, que está presente, entretém uns momento a conversação descuidosa. O dia entristecera de novo. Por sobre os moveis, os quadros sem ordem, involuntariamente expostos, teem um momento o tom negro, em fundo dos mares enlouquecidos pelas tempestades. E, enquanto o sol não abre, Roque Gameiro sabe-nos descrever episodios curiosos da sua vida de artista, succedidos nos campos, entre ingenuos aldeões, quando o mestre, do flagrante e vivido tom natural, copia a pé firme as arvores, os campos, a vida, as coisas...

.....

Quando deixamos a casa de Roque Gameiro, nós que temos o gosto, a educação e o sentimento nacional adulterado por todos os exemplos e por todas as leituras, sentiamos-nos mais do que nunca portugueses. Fez-nos bem o passeio. E como se passou num instante a tarde! Olhamos: ao fundo, no horizonte, ainda ha pouco coberto de tintas, as tintas morriam...

Norberto de Araujo.

De *O Primeiro de Janeiro* de 7 de Janeiro de 1916:

A arte na escola. — Quadros da Historia de Portugal, por Chagas Franco e João Soares.

O ensino da historia nas escolas primarias e, nos liceus é, incontestavelmente, entre todos o mais necessario e o mais proprio para a educação da mocidade.

Esta ha de em todos os tempos apaixonar-se pelos grandes assuntos nacionaes, ha de commover-se com o abatimento ou a derrota dos seus antepassados, ha de elevar-se toda n'um fremito com as suas conquistas, com os seus epicos esforços nos campos da batalha, nas plagas remotas, nas velhas, quasi sagradas, barbicans em que gigantes do patriotismo e do valor pelejaram os portuguezes de outr'ora.

A historia é a grande mestra da vida, a grande criadora dos ideaes gentis, dos sonhos audazes, dos entusiasmos ardentes e emancipadores, das supremas reivindicações.

Da antiguidade classica todo um concerto de maravilhas, toda uma aluvião de beleza, que faz ressurgir o decorrer das idades, deslumbrar, melhorar os homens — ensinar-lhes o amor da Patria em Leonidas e nos seus bravos, a arte impecavel, quasi sobrehumana á força de divinamente bella, em Fidias e nos seus discipulos, o sentimento da liberdade, o amor da Republica, o sacrificio aos grandes ideaes em Demostenes e em Catão.

Esses heroismos, esses rasgos de genio, essa efflorescencia toda em primores, toda em enlêvos da quimera e do sacrificio, torna-se o patrimonio commum da humanidade — e ninguem poderá affirmar que não contribuiram poderosamente para o seu progresso, para a sua belleza, para as suas victorias, para a sua civilisação.

Pois bem. Como esse patrimonio commum ha em cada patria, em cada nacionalidade, um outro mais restricto mas não menos bello,

vivendo a dentro de fronteiras mas não menos fecundo e util — o encantador, o sacrosanto patrimonio da raça, que nos dá a justa medida do seu progresso, das suas conquistas, dos seus soffrimentos, das suas anciedades, das suas glorias, nas estrofes rutilas das epopeias, nas agulhas rendilhadas dos monumentos, no sangue vertido pelos heroes, nas proezas dos paladinos, no verbo ardente e emancipador dos apóstolos.

Esse patrimonio é, a dentro de cada patria, o melhor brazão, o melhor *paladium* contra o abatimento, o infortunio e a degenerescencia da raça — e por isso por toda a parte mãos sollicitas o cultivam com mil disvelos, por toda a parte o ensino da historia é considerado o mais patriótico, o mais fecundo para a formação do character, o mais proprio para o amor do passado e para a conquista do futuro, o mais essencial, o mais necessario.

Entre as outras disciplinas do ensino primario a historia é assim a grande semeadora, a grande germinadora do Futuro porque o futuro vem em linha recta do passado — e ha de ser com elle tão logico e homogeneo, tão coerente e concertado com as fases de um mesmo organismo, de uma mesma collectividade.

E, posto tudo, lá fóra os grandes pedagogos, os grandes mestres, de ha muito tem ao seu dispôr nas aulas de historia todo um material completo, perfeito, eminentemente proprio, em que os grandes artistas do lapis ou do pincel vasaram e reconstituiram todas as vicissitudes, todas as proesas, todos os soffrimentos, todos os heroismos da raça. E' assim que de ha muito, na Inglaterra, ou na Belgica, na França, ou na Allemanha as aulas de historia são pequeninos museus de arte nacional — em cujos paineis as creanças vêem e sentem e comparam e aprendem melhor os factos historicos, quer se trate de uma grande garantia conquistada, quer de justa reivindicacão de uma idade, de uma grande ideia em marcha ou da morte épica, resgatadora de um heroe.

O estudo orientado assim ressuscita melhor o passado, impõe-se em definitivo á imaginação das creanças, reconstitue quasi por completo os factores moraes, appproxima o presente das antigas origens, dos antigos designios, das antigas aspirações; e, sendo um grande obstaculo contra a desnacionalisação e a degenerescencia tão perigosas, é uma solida garantia de que as creanças se enterneçam, se enlevem, se apaixonem pelas coisas do seu paiz, pela evoluçãõ da sua raça, pelas glorias do passado, e pelas futuras e grandiosas aspirações nacionaes.

Para lamentar muito seriamente — e proficientissimos professores de historia o tem lamentado — era que nenhuma d'essas colleções que ornamentam e espiritalisam as escolas estrangeiras existisse em Portugal; mas esta grave, desoladora lacuna vai desaparecer em breve.

Com effeito, os srs. Chagas Franco e João Soares, dois apóstolos da instrucção e do progresso da patria portugueza vão dar-nos nos «Quadros da Historia de Portugal», um trabalho tão notavel, tão completo, delineado e colligido com tanto amor que, na opinião de todos que o tem admirado, excede tudo quanto ha de melhor lá fóra.

Chagas Franco é um notavel professor e um talentoso litterato que nas bellas paginas espirituaes do «Resgate» se impoz como um dos nossos melhores romancistas; João Soares, professor egualmente illustre, é uma intelligencia multiforme, um patriota desvelado e um character de eleição que o norte do paiz bem conhece e aprecia.

Com um tacto verdadeiramente superior, os dois brilhantes autores dos «Quadros Historicos», assente o plano, colligidos os apontamentos para a obra, souberam escolher os seus collaboradores artisticos em Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

Do valor artistico dos «Quadros da Historia de Portugal» acabamos de receber a mais lisongeira, a mais confortante impressão — vimos dezenas de gravuras reproduzidas da

aguarella pela tricromia, já acabadas e prontas para a publicidade.

Algumas vibram ainda na nossa retina á força de perfeitas, de primorosas, de fascinadoras: — é o «Embarque de Gama no Restello», com todo o povo da cidade a acompanhá-lo, o rei sob o palio aurifulgente, as mulheres em lagrimas heroicas, e, sob o glorioso sol, o lendário velho vociferante; é o «Primeiro padrão» portuguez erguido na foz do Zaire, entre imbondeiros ciclopícos e olhares nostalgicos de marinheiros; é «Affonso de Albuquerque em Ormuz», n'um gesto unico na historia, imperecível nos tempos; é na «Côrte de D. Manuel» Gil Vicente, de peregrino, na moldura dos Arrazes e tapetes persas, dizendo os maliciosos versos da sua musa travessa; é a «Custodia dos Jeronymos» toda na fina renda dos pareas, nos finos esmaltes policromos dos apostolos adorando o hostiário, n'um enlevo místico, imperturbável.

E, por entre os grandes assuntos, toda uma multidão de pequeninas notas pulula, attráe, fascina — aqui um cofre, ali uma salva ou uma moeda antiga, quasi gasta, acolá uma velha bandeira desfraldada, supremamente heroica.

Decididamente não é só para as escolas este trabalho — o conjunto que d'elle resulta, a graciosidade da sua arte maravilhosa bem poderá adornar os interiores dos lares mais modestos ou mais confortavelmente elegantes, bem poderá espalhar n'elles a pujança do genio artistico, a profunda emoção da mais bella obra estetica que se tem publicado em Portugal.

Asseguramos aos autores todo o nosso caloroso applauso, garantimos-lhe que o paiz ha de reconhecer n'um éxito absolutamente certo quanto lhes deve e não podemos furtar-nos a significar-lhes, bem como ao intelligente editor o sr. Paulo Guedes, a satisfação que nos deu o anticipado conhecimento da sua bella obra.

De passagem no Porto os autores estiveram ha dias reunindo notas sobre monumentos his-

toricos do norte do paiz, e tratando de fazer reproduzir algumas das magnificas aguarellas nas officinas de tricromia do «Commercio do Porto».

Para que os nossos leitores o possam apreciar publicamos o seguinte plano geral da obra:

De *A Ilustração Portuguesa*, de 31 de janeiro de 1916:

A Conquista de Lisboa dos «Quadros da História de Portugal», por Chagas Franco e João Soares

Por especial gentileza dos auctores e do editor sr. Paulo Guedes, offerecemos hoje aos nossos leitores a reprodução, executada nas nossas officinas, de uma das maravilhosas aguarellas de Roque Gameiro para esta encantadora obra a que a imprensa diaria se tem referido com tanto aplauso e que deve ser posta á venda muito em breve

Da *Republica*, de 29 de fevereiro de 1916:

Quadros da História Ilustrada de Portugal

Na acreditada papelaria do nosso prezado amigo sr. Paulo Guedes, da rua do Ouro, tivemos ontem o prazer de apreciar mais um trabalho do insigne e ilustre aguarelista, sr. Roque Gameiro, sobre o 5.º ciclo da história de Portugal ilustrado e assim traduzido pelo seu pincel notável.

Sobressai entre todos os assuntos do 5.º ciclo a batalha de Montes Claros, onde a autonomia de Portugal para sempre se consolidou. É um trabalho soberbo, que se não observa sem comoção e sem justificado orgulho e que por certo, quando publicado, fará vibrar a nossa alma de patriotas e de portuguezes. O país poderá regosijar-se por possuir mais uma

obra que tão alto falará do seu glorioso passado, sr. P. Guedes é o editor.

De *A Luta* de 3 de Março de 1916:

Um trabalho notavel—Quadros da Historia de Portugal—Aquarelas de Roque Gameiro e Alberto de Souza, editadas por Paulo Guedes & Saraiva.

A historia é indiscutivelmente entre todas as outras, a sciencia mais importante para a formação das qualidades moraes, aquela de que em todos os tempos os mestres e os educadores tem sabido tirar mais ensinamentos e mais conselhos.

Com effeito, quantos nobres caracteres, quantas generosas aspirações tem estimulado ha um seculo as paginas épicas da Revolução franceza, quantas intelligencias creadoras quantos rasgos de heroismo, de abnegação, de inolvidaveis sacrificios têm inspirado atravez das edades, as paginas austeras das Republicas grega ou romana.

Como essas a nossa historia nacional é sublime de heroismo e generosas aspirações; é toda ella um bem intenso e empolgante drama marcando algumas das mais belas conquistas da Humanidade, vibrando atravez de oito seculos a ancia constante da emancipação e da liberdade rigorosa.

Por isso o estudo da historia nacional foi em todos os tempos o mais proprio para o desenvolvimento e educação moral das novas gerações; por isso o alto exemplo de Albuquerque, do Gama, de Phebo Moniz, de Gomes Freire, dos Passos é o mais fortificante, o mais resgatador germen a lançar na alma gentil das creanças.

Infelizmente o ensino da historia portugueza tem-se feito sempre de uma maneira abstracta e por isso mesmo incompletissima; as creanças nunca puderam concretizar, apreender, sentir em toda a sua verdade e em toda a sua emoção os factos historicos — e ao passo que lá fóra

na Inglaterra, na França, na Belgica ou na Alemanha, as aulas de historia brilham de ha muito esmaltadas de coloridos paineis, ao passo que os maiores artistas d'aqueles povos de ha muito trabalharam para esse fim, o ensino da historia continua ainda entre nós a ser, como outr ora, um trabalho de memoria seco e estiolador, uma quasi torturante fadiga.

Pois bem. Esse ensino vae ser dentro em breve completamente modificado, vae tomar um desenvolvimento e uma modalidade tão interessantes e tão belas como nos paizes mais adeantados da Europa, graças ás esplendidas collecções dos *Quadros da Historia de Portugal*, coordenados pelos professores srs. Chagas Franco e João Soares.

São oito esses quadros, cujas aquarelas foram realizadas pelos dois grandes artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa — e para a brilhantissima execução dos ass ntos que já vimos na casa do inteligente e audaz editor, o sr. Paulo Guedes, na rua do Ouro, 80, não encontraríamos nós palavras que exprimissem tudo o que sentimos de belo e reconfortante.

Esses *Quadros da Historia de Portugal* hão de marcar como um admiravel estadio na historia da arte portugueza; e os auctores, os artistas e o editor estão prestando o mais belo, relevante serviço, que nos ultimos quinze ou vinte anos se tem prestado em Portugal á instrução.

Mesmo para o adorno de um interior elegante — de um gabinete de trabalho, por exemplo — quantos quadrinhos encantadores, quantos admiraveis traços da mais pura arte portugueza se encontram na obra que acabamos de admirar!

Felicitemos, calorosamente, pela sua feliz patriotica, utilissima obra, os referidos artistas principalmente Roque Gameiro, o inegalavel mestre e o simpatico editor, por ter sabido entender e amparar, desde os primeiros passos o grande alcance educador da obra.

A todos seguramente agouramos, no incondicional aplauso do publico, uma definitiva consagração.

De *O Combate*, de 11 de março de 1916:

Quadros da História de Portugal, por João Soares e Chagas Franco

Males de que resultam bens... isto acontece a toda a hora e com toda a gente.

A extraordinária obra de João Soares e Chagas Franco, essa obra que vem fazer uma revolução na escola primaria, não ficou pronta ha mais de dois mezes por causa da guerra europeia.

Foi o caso dum navio bombardeado, onde vinha material necessario, tendo preciso fazer nova encomenda e esperar a sua chegada.

A nova encomenda espera-se por estas lias e a obra deverá ficar concluida por todo este mez.

Oxalá que novo precalço não apareça a retardar o prazer de quantos contam com essa prazer desde ha mezes; a retardar o inicio de revolução de que falamos acima.

Andam aí os inimigos seculares da instrução do povo a barafustar contra tudo que tende a revolucionar essa instrução, a aperfeiçoar-la e torna-la o que jámais foi mas deve ser, — instrumento de luta pela vida, de aquisição de conhecimentos e elementos valorisadores do individuo, — andam esses inimigos lançando a intriga, a mentira e a calunia sobre a inconsciência, a cretinagem e a exploração... bom é que os homens dignos e sabedores, bom é que o professorado honesto, o que não faz da dignidade um esfregão venha opôr-lhes a verdade, o sentimento do civismo e patriotismo.

A' escola catolica, a designada de *escola com Deus*, o qual Deus não é mais do que um acervo de mentiras e sandices donde tem saído uma civilização avariada, indigna e monstruosa; donde tem saído as inauditas matanças e os temerosos saques; donde agora mesmo, sae ainda essa infamia alemã, sinistra e lugubre; a que fez de Portugal o que aí vemos, — um chiqueiro de engorda de frades e lascivia de freiras; á escola catholica temos de opôr a

escola social; de janelas rasgadas e abertas ao sol, de modo a não mais contaminar a creança e, assim, o povo com os bacilos desenvolvidos na sombra e no ar mefitico, bacilos em germinar constante na alma pôdre do clericalismo.

E isto se quizer sair-se do chiqueiro, donde frades e freiras já foram banidos mas onde ficaram descendentes, representantes, herdeiros que fazem todo o possivel para conservarem a herança, — o nepotismo, o parasitismo, os meios de engorda sem canceiras, a coberto de todas as contingencias que possam exigir sacrificio.

Aos dirigentes da Republica incumbe proceder com intelligencia e consciencia, empregando energias e secundando energias, aplaudindo e ajudando iniciativas como essa, por exemplo, de João Soares e Chagas Franco, essa de que vae sair uma obra grandiosa de valor educativo, que vae dar á escola primaria um elemento novo, original, de primeira ordem no aperfeiçoamento do ensino, em especial na educação, que é ainda ao que a escola tem de atender, iniciando a modelação do caracter e duma verdadeira Alma Portuguesa.

Porem, agora reparamos, ainda os leitores não viram a razão da frase com que principiamos este artigo: — Males de que resultam bens. — E' o caso que do afundamento no mar, do material necessario á obra de João Soares e Chagas Franco é, assim, da demora á espera da chegada da nova encomenda, resultou que estes distintos professores e escriptores se resolvessem a escrever um livro com que aquella obra será acompanhada.

Assim, á obra de gravura, aos quadros historicos postos artisticamente deante dos olhos da creança, dando-lhe a noção e a emoção, junta-se a obra do livro, o texto a explicar com maior precisão, a ampliar o conhecimento, a acentuar a ação assimiladora, a facilitar ao professor, por ventura menos intelligente, a tarefa que lhe incumbe para que as suas lições tenham o melhor e mais salutar aproveitamento.

O livro de que damos noticia terá umas quatrocentas paginas, nas quaes se encerrará bem uma história portugueza, escrita num approposito original e superior, perfeitamente adquada ao espirito incipiente da creança, como do adulto que o destino e condições sociaes não leva a frequentar escolas superiores.

Mas já vamos longe, por agora; se bem que nunca será demais falar de assuntos assim illuminados da luz creadora da beleza e do sentimento de civismo e patriotismo.

Da *Escola Movel*, Março de 1916:

Material escolar

O nosso illustre Inspector não poz de lado o seu proposito de dotar as Escolas Moveis com o material de ensino indispensavel ao seu bom funcionamento, resolvendo, desviar todos os anos uma parte do subsidio destinado á compra de livros e objectos escolares, para directamente pela Inspecção serem adquiridos esses objectos que comprados em grande quantidade se tornam menos custosos.

Assim, e pela verba deste ano, serão enviadas brevemente a todas as Escolas Moveis caixas nutrico-geometricas.

.....
A seguir ás caixas métrico-geométricas deviam as Escolas Moveis ser dotadas com uma collecção de quadros parietais da Historia de Portugal, agora editados pelos srs. Paulo Guedes & Saraiva, os quais, evocando os mais belos factos da nacionalidade e as mais lidimas proezas dos seus herois, seriam um precioso auxiliar do professor nas suas patrioticas palestras.

De *A Instrução* de 16 de Março de 1916:

Quadros da História de Portugal

Consta-nos que as câmaras municipais d'este círculo vão adquirir para as suas escolas de

instrução primária os *Quadros da História de Portugal* editados pela acreditada livraria de Lisboa, Paulo Guedes & Saraiva, e de que são autores os illustres professores de ensino secundário João Soares e Chagas Franco.

E' um serviço importante que prestam á causa da instrução e á educação cívica do povo, pelo que as julgamos dignas de louvor.

De *A Capital* de 30 de abril de 1916:

Uma obra de portuguezes e de patriotas—Os *Quadros da Historia de Portugal*—Legitimam o orgulho dos seus coordenadores Chagas Franco e João Soares e dos seus editores Paulo Guedes & Saraiva.

«Não hesita em afirmar que pela discreta escolha dos assumptos, pela verosimilhança com que estes foram tratados, pela correccção do desenho, pela sobriedade e harmonia do colorido, constituem os *Quadros*, não só um esplendido auxiliar para o ensino e para o estudo da historia patria, como tambem um valioso elemento decorativo das aulas e um factor de não menor importancia para a educação do espirito de observação e de senso esthetico dos alumnos.»

Estas são as palavras do parecer do Conselho de Instrucção Publica apreciando a monumental e patriotica obra de trez portuguezes Paulo Guedes, editor, Chagas Franco e João Soares, coordenadores dos *Quadros da Historia de Portugal*, alindados pelo alto merecimento artistico de dois mestres de desenho e da aguarella Roque Gameiro e Alberto de Souza.

Os «*Quadros da Historia de Portugal*» representam um esforço gigantesco no nosso mercado de livraria, e representam tambem uma iniciativa que honra aquelles que a tomaram, no intuito benemerito de contribuir para a vulgarisação da nossa historia e no proposito patriotico e louvavel de afervorar o

culto pelos nossos heroes, pelos nossos guerreiros e pelos nossos soldados.

Tal iniciativa só podia originar-se em alma de verdadeiros patriotas.

Na verdade, assim é.

O sr. Paulo Guedes é um industrial intelligente, portuguez do coração, activo, empreendedor, que consagra os maiores arrojões a obras de vulgarisação educativa. Não gasta a sua atenção em trabalhos de fancaria. Edita apenas trabalhos de utilidade; que sejam porveitosos á educação do povo e que sejam favorecedores dos pequeninos estudantes. A sua casa da rua Aurea, 76, 78 e 80, é um «sanctuario expositivo de tudo quanto pode auxiliar a instrução. Lá se encontram os melhores modelos de arte libresco, de gravura, de desenho, de photogravura, de chromotypia. E' lá que se faz deposito dos melhores specimens do insigne caligrapho Godinho; que se faz deposito do A B C da Topographia em relevo e do Mapa de Portugal; que se faz o deposito de «Uma pagina da Historia de Portugal», por Chagas Franco e Annibal Magno; que se faz deposito das caligraphias Dornellas; que se faz ainda o deposito do método intuitivo Grainha, leographico e mechanic. Em resumo, o sr. Paulo Guedes, como socio da casa Paulo Guedes & Saraiva, não se prende com futilidades. E' um industrial que faz o seu commercio, a par d'uma proverbial honestidade com a orientação d'um pedagogo, a intuição d'um grande artista e a alma d'um patriota.

E' preciso que se diga que o sr. Paulo Guedes não é só homem de arrojo mas de uma actividade pasmosa. E é preciso que isto se diga porque homens do seu temperamento, rareiam na nossa terra, para infelicidade nossa.

Nós conhecemos um traço inedito de actividade e orientação do illustrado industrial.

Chamado ao Porto, para alli mostrar o valor excepcional, da obra que a casa Paulo Guedes & Saraiva editava os «Quadros da Historia de Portugal de Chagas Franco e

João Soares, levou consigo os preciosos originaes dos desenhos e aguarellas do grande mestre e insigne aguarellista Roque Gameiro e do notabilissimo artista Alberto de Sousa. E os criticos d'arte, os jornalistas do Porto e os homens de letras do norte, n'uma significativa unanimidade expressando-lhe o mais fervoroso elogio pela iniciativa de editar os «Quadros que hão de ficar na historia da litteratura portugueza, como a mais completa documentação dos ciclos heroicos da nossa nacionalidade, da arte, da indumentaria, da historia politica e dos nossos pittorescos costumes e como o padrão de justo orgulho que nós, portuguezes podemos ter pelo talento do intelligente professor de historia Chagas Franco, do professor João Soares, que coordenaram e escreveram os «Quadros» e pela arte do mestre da aguarella Roque Gameiro e do bello artista Alberto de Sousa.

Pois, esses elogios não o «adormeceram» ao ponto de descuidar o seu feitio buliçoso de industrial. Não. Andou pelo Porto, n'uma vibratibilidade incessante, procurando por toda a parte artigos que falhavam no mercado lisboeta e cuidando de «arrebauhar» todas as canetas de forma triangular a que o caligrapho Costeira dá preferencia e que só a casa Paulo Guedes & Saraiva possui!

Não descansou pelo Norte e nós que lá o acompanhámos, fomos testemunhas presencias do que pode e vale este homem, que hoje, para beneficio da instrucção patria, lança uma edição d'uma obra, litteraria, artistica, escripta pelos mais auctorisados historiadores e aformoseada pelos mais notaveis aguarellistas...

Os «Quadros» estão em publicação. Futuramente-lhe um exito colossal, que de resto merece. Quem tem amor pelo estudo e tem interesse em conhecer a historia do seu paiz, esmaltada na prosa vibrante de dois litteratos e documentada pelo lapis de dois artistas tem, forçosamente de adquirir os «Quadros». Esta é a nossa opinião. Esta é, de resto, a base optimista de venda do patriotico «livro-album».

Tambem assim o pensa o sr. Paulo Guedes, que hontem nos disse:

— Editei os «Quadros» porque tenho a absoluta certeza de que presto um grande beneficio ao paiz. Custam caros, alguns milhares de escudos!... Mas que importa? O seu exito está garantido. Tem verdade historica, tem intenção patriotica, tem belleza litteraria e tem mimo artistico...

E o sr. Paulo Guedes, na franca communicabilidade que dá a conversa de amigos, contou-nos que os poetas, os historiadores, os professores, os litteratos e os jornalistas, todos, haviam reconhecido nos «Quadros da Historia de Portugal» um insophismavel lance patriotico e uma obra cuja belleza de material corria parallelamente ao interesse que podia despertar nos cerebros dos pequeninos estudantes a imagem viva, animada vibrante do descriptivo e da trichromia dos mais bellos factos da nossa Patria, nos seus ciclos historicos e na sua acção nobilitante, atravez dos tempos, para manter sempre, sagrada e intangivel, a integridade do nosso solo.

Como se vê e repetimos os «Quadros da Historia de Portugal» são obra de portuguezes e de patriotas, de gente com acendrado amor pela terra onde nasceu. Os «Quadros» legitimam o orgulho de Paulo Guedes, de Chagas Franco e de João Soares, em os coordenar e em os editar.

P.

De *O Combate*, de 13 de maio de 1916:

Paulo Guedes & Saraiva, rua Aurea, 76 a 80
—Lisboa

Paulo Guedes não é somente um belo espirito de artista, com altas e nobres qualidades de trabalhador e de patriota, um desses espiritos que se eplevam no pensamento de serem uteis à sua terra, de se dedicarem por ideais de beleza social: é tambem proprietario duma papelaria e tipografia donde saem continuos e

belos trabalhos, especializando os que dizem respeito a instrução e educação.

De lá nos enviam agora os seus bem orientados cadernos de escrita, conhecidos por *Caderno Popular Caligrafico Godinho*, o mais facil e explicito para os que precisam aprender escrita.

Enviam-nos tambem uma bela musica para piano *Pen Painting* do sr. Porfirio da Cruz, distribuida como *brinde de 1916*.

Deste importante estabelecimento, um dos mais notaveis no seu genero em Lisboa, é que vae sair em breve a grandiosa obra de educação civica e de ensino historico *Quadros da História de Portugal*, a que se abalancaram os dois grandes cidadãos, grandes no amor patriotico, na dedicação republicana, na intelligencia bem orientada, os distintos professores e nossos amigos João Soares e Chagas Franco.

Aos srs. Paulo Guedes & Saraiva os nossos agradecimentos, cumprimentos, e votos pela continuação da sua prosperidade.

De *O Mundo* de 2 de Maio de 1916:

A nossa patria! — Como revivem os fastos da historia — Uma iniciativa honesta que alcançou o louvor do governo da Republica

A melhor maneira de engrandecer a nossa patria é dar-lhe, para a servir, perfeitos cidadãos, com a noção tranquila dos seus deveres a cumprir e dos seus compromissos a honrar. E a melhor maneira de fazer de um homem um grande cidadão é dar-lhe a conhecer na integra a historia da nossa terra. Nos momentos tragicos da vida dos povos, é pela leitura das suas biblias, pelo estudo dos seus catecismos, que o sentimento nacional se avigora e intensifica. O ensino da historia é a base do progresso de uma nacionalidade, o culto do passado exercido nas escolas é a unica religião que convem a uma nacionalidade. *O Mundo*

tem hoje ocasião de se referir a uma iniciativa honestíssima e patriótica que iniciada ha mezes, está a breves dias por desabrochar, exactamente no momento grave em que Portugal, sacudido pela afronta brutal de uma declaração de guerra, desafia o futuro com os olhos no passado. A historia da nossa patria, transportando a realidade das paginas dos cronistas para os quadros vividos dos desenhadores, é a historia melhor que convem ao povo; a interpretação pelo pincel e pela côr dos costumes, dos factos, das glorias, dos fulgores de Portugal medievo, do Portugal da Renascença, do Portugal contemporaneo, é o melhor auxilio prestado ao nosso paiz, secundando lhe as energias, tocando-lhe o orgulho e definindo-lhe o caracter. Os srs. Paulo Guedes & Saraiva tomaram a iniciativa de levantar a historia do seu paiz com o realismo do desenho; buscaram os dois mais fortes tipos de aguarelistas historicos Roque Gameiro e Alberto de Sousa, procuraram dois historiadores conscienciosos e firmes Chagas Franco e João Soares, e atiraram agora ao publico a novidade de uma edição em ciclos da Historia portugueza, que, merecendo o louvor de todas as pessoas honestas e ardentemente patriotas, mereceu tambem do governo, pelo ministerio da instrução, uma portaria publica de louvor.

Arredai, arredai da nossa pena, ó maledicente de profissão, a ideia pequenina do réclame!

OS PORTUGUESES DE OURIQUE
E OS PORTUGUESES DA INDIA
— A EPOCA DOIRADA QUINHENTISTA

«Se a Europa conhecesse o quadro da cooperação do genio português... Portugal não se veria exposto ás ameaças de doutrina imperialista...» Atira esta frase lapidar do nosso orgulho a figura levantada e enormissima de Teófilo Braga. Pois leitores, amigos e patriotas ardentes, vamos nós todos, de raio do olhar, pôr em memoria as paginas dos nossos

historiadores e analisemos os quadros animados do nosso passado no colorido vigoroso e alegre, impressionista e forte, sadio, confortavel, consolador do pincel de Gameiro e Alberto de Sousa. Ali vereis o começo da nacionalidade portugueza, no flagrante quadro a *Tomada de Lisboa*, reconstituição espantosa de uma epoca remota e enevoadá da nossa vida independente. Ourique, com o seu misticismo perdido, as victorias dos povoadores, o brilho de ouro de um periodo dinastico consistente, Salado, o romance de Inês, o romance de Leonor Teles. Justas, torneios, combates de armas, a nossa cavalaria, a nossa galanteria, o nosso espirito ardente de cortejadores, eternamente namorados, tudo revive, nos quadros dos primeiros ciclos, na reprodução dos costumes, das bandeiras e dos trofeus. Vem depois a India: o sonho de D. João II realizado, o renascimento quinhentista, Gil Vicente, os *Lusiadas*, o nosso fulgor, o apogeu da nossa gloria de conquistadores e de descobridores. Tudo passa, como num *ecran* maravilhoso pelo nosso espirito. Este periodo. Este periodo aureo da patria risca eternamente a memoria. Impossivel afastar da imaginação de quem o vir o quadro soberbo que nos dá Roque Gameiro, apresentando Gil Vicente, diante da magnificencia da côrte, recitando passagens dos seus autos. O rei, os cortesãos, os fidalgos, os conselheiros, frades indecisos, purpuras de fogo, damas da rainha e da senhora infanta, trovadores, poetas, capitães da India, açafatas, escudeiros, pagens louros, tudo numa explosão de luz, de oiro, de marmores floridos, de sedas, de brocados, em derredor sob quinas de pedra e reposteiros brasonados, num circulo de esplendor, entre tapetes da Persia, e almofadas de Damasco— a ouvirem quedos, extasiados, tolerantes, da boca irreverente do criador do nosso teatro, caracterizado e escarninho as suas soltas intencionais:

*Conociste á Juan Damado
Que era pastor de pastores?*

Pois leitores, a alma pátria sente em seguida, no desastre de Alcacer-Kibir, o declive de uma pátria que cançou. Passam a nossos olhos os conjurados de 1640, os quadros da Restauração, a dinastia brigantina com todos os seus fulgores e os seus rebaixamentos, Montes Claros, Ameixial, o período dominante e magnífico de D. João V, e depois o aparecimento dessa figura que enche meio século: o Marquês de Pombal, enorme na sua cruz peitoral de rubis, na sua cabeleira anelada, na sua luneta provocadora de miepe, cheio de segredos diplomaticos divulgados em Londres, e de intrigas palacianas transmitidas de Madrid. Desfilam os grandes da Constituição, 1820, desenha-se em todo o seu perfil evocador, as lutas liberais com as figuras enormes de marechais, guerrilheiros, estadistas, sacrificados, filhos do povo, os *burros*, os *malhados*, e por sobre este período irrequieto da nossa historia, de mistura, num contraste admiravel, a Maria da Fonte, levando o povo de arraste como um Danton maravilhoso e obscuro, e a figura esgroviada e genial de Bocage esbanjando o seu estro iluminado pelas ruas de Setubal, pelas ruas de Lisboa, em chufas, brigas, estroinices, escarneos, satiras, outeiros:

... a cosinheira faz mais,
que o papa faz cardiais
e a cosinheira faz papas.

A *História* termina com a queda da dinastia brigantina, impelida para um fim predestinado, e aquelle 'inco de Outubro consolador que trouxe à alma republicana do povo um raio de esperança, que se vivifica, um clarão luminoso de fé, que se irradia, e uma certeza consciente no futuro, que se entreabre. Começa a ler-se, a admirar-se a *História de Por-*

tugal nos seus quadros em oito ciclos, com uma ansiedade de alma que não se aqueda. Sái-se dessa contemplação com o coração jubiloso e as lagrimas nos olhos; e já se não sabe, então se havemos de procurar os seus autores para lhe agradecer, se havemos de abrir os *Lusiadas* e nos pormos a rezar...

De *O Combate*, 8 de Julho de 1916:

A escola sem Deus, como dizem brutinhos, Deus lhes perdõe, vae ser revolucionada com a introdução nela dum elemento novo, que deve exercer uma acção consideravel.

Esse elemento vem sendo preparado desde ha mezes, com disvelo e carinho, por dois distintos professores, a quem animou sempre um alto espirito civico, por isso dedicando se ao melhorar da escola, como precisa de ser melhorada.

Esses professores são os nossos amigos srs. João Soares e Chagas Franco, aquele bem conhecido pela sua acção de propaganda republicana por terras do Paiz, em que tivemos o prazer de o acompanhar quando no concelho e distrito da Guarda esteve como administrador e Governador Civil; este bem conhecido tambem como official distinto e distinto jornalista e escritor autor do notavel romance *O Resgate*.

Depois da revolução operada pelo aparecimento da *Cartilha Maternal*, obra do divino poeta João de Deus, que deu á escola uma intensa luz, como a tem dado a milhares d'almas escurentadas pelo analfabetismo, ainda não tinha aparecido, parece-nos, elemento revolucionario como este dos *Quadros da Historia de Portugal*.

Esta obra, que a imprensa tem enaltecido, demorou a aparecer devido a circunstancias creadas pela guerra, tendo-se afundado um navio que de Londres trazia material necessario.

Aparece agora e anciosos estamos porque a Comissão Executiva da Camara mande vir a

primeira coleção, até que possa mandar vir outras, pois certamente dotará com este melhoramento, se não todas, ao menos aquelas escolas que se encontrem instaladas em condições de nelas poderem colocar-se os preciosos *Quadros*.

Como dissemos em outro numero do nosso jornal, aos *Quadros da Historia de Portugal* juntam os autores um livro, tornando assim a sua obra duplamente valiosa, mas a falta de papel faz com que esse livro só possa apparecer lá para Novembro, demora que deveras sentimos.

Contamos, porém, dar em breve aos nossos leitores o prazer, que será nosso tambem, da publicação dum trecho desse livro, para o que já temos promessa dos seus autores.

Da Republica de 28 de Julho de 1916:

Uma obra notavel para o ensino.—Quadros históricos de Portugal

Acha-se já publicada a serie de *Quadros historicos de Portugal*, dos professores srs. Chagas Franco e João Soares, e executados pelos srs. Roque Gameiro e Alberto de Sousa, — a que já nos temos referido e que sendo uma obra erinientemente patriótica constitue no nosso meio uma absoluta novidade.

Destinada especialmente á instrução primaria, êsses quadros, divididos em oito ciclos e representando os factos mais notaveis, os costumes, as armas, as moedas de cada um dêles, vem revolucionar o ensino da história, pondo ao alcance do professor um precioso instrumento de ilucidação e facilitando aos alunos uma visão pitoresca das diversas epochas. A influencia da Imagem sob o ponto de vista pedagogico está já largamente reconhecida e reputada, lá fóra, de eteitos excellentes nos cerebros infantis. Daí a vulgarização nos países mais adiantados, como meio de primeiro ensino, dos quadros do genero daqueles de que os srs. Chagas Franco e João Soares

são entre nós iniciadores e para os quaes, destinado aos professores, estão escrevendo um livro, que os seguirá ciclo a ciclo, desenhando a desenhos.

Os originaes dêstes vão ser expostos no Theatro Nacional. Nessa grande coleção não faltam admiraveis obras de arte. Assim, a par dos trabalhos conscienciosos do sr. Alberto Sousa, ver-se ha o que Roque Gameiro fez de maravilhoso. Se Alberto Sousa manifesta uma probidade, um proposito de fidelidade histórica que o honra, Roque Gameiro poz nas suas aguarelas um ardor, um hausto de vida, um movimento, um ritmo que surpreendem. As batalhas que êle nos evoca não são batalhas de teatro travadas com comparsaria; nelas desenvolvendo-se no quadro luminoso de uma paisagem que palpita, é a multidão, são nuvens de guerreiros, de um detalhe em que todas as figuras uma a uma realçam, que se batem num choque furioso... Bem faz, pois, o sr. Paulo Guedes, editor desta formosa obra educativa, em reunir todos os desenhos num album. Na verdade estes *Quadros da Historia de Portugal* não podem encantar apenas olhos infantis.

Tem razão Chagas Franco, que é um escritor illustre, um temperamento de artista, e João Soares, um proficiente professor, motivos de sobejo para se felicitarem pela realisação que teve, brilhantissima, a sua concepção dos *Quadros historicos de Portugal*.

A ambos endereçamos os agradecimentos pelo exemplar dessa obra vasta que gentilmente nos ofereceram.

De O Seculo de 28 de Julho de 1916:

Quadros da História de Portugal.— Uma artistica e interessante publicação

Dois artistas e dois professores, Roque Gameiro e Alberto de Sousa; Chagas Franco, professor do Collegio Militar, e João Soares, dos Pupilos do Exercito, deram-se as mãos

para a execução de um admiravel trabalho, os *Quadros da Historia de Portugal*, divididos em oito cilos, outros tantos quadros parietais, correspondentes a oito epochas da Historia da nossa nacionalidade.

Editados pela papelaria Guedes e primorosamente ilustrados pelo processo da tricromia, sendo a maior parte deles feitos nas officinas da *Ilustração Portuguesa*, os *Quadros da Historia de Portugal* são um preciosissimo auxiliar do professor, atraindo a atenção do aluno pelos seus desenhos e constituindo, ao mesmo tempo, um verdadeiro primor de arte.

Cada *Quadro* encerra, correspondendo á sua epocha, reproduções do moedas, armas, ourivesaria, indumentaria, tipos, monumentos, sinaes e selos, rodeando em artistica disposição outros desenhos maiores, que podem constituir o tema das lições, taes como a partida de Vasco da Gama para a India; Gil Vicente na cõrte de D. Manuel; a expulsão dos jesuitas; batalhas celebres, etc.

Tal é o superior criterio que presidiu á realisação d'esta obra, valiosissima, sob todos os aspectos, para paes, alunos, professores e educadores,

De *O Mundo* de 28 de Julho de 1916:

Os *Quadros da Historia de Portugal* constituem uma bela obra patriotica e são uma esplendida iniciativa do professor sr. Chagas Franco

Já nos temos referido a este trabalho de historia e de pedagogia. Nem por esta razão deixamos hoje de patentear ao publico entusiasta pelas coisas de arte e de patriotismo algumas notas curiosas, que se referem mais directamente á iniciativa da formosa obra, que mereceu o justo louvor do conselho superior de instrução publica. Os «*Quadros da Historia*» serão postos por estes dias á venda, após uma solemne exposição no teatro Nacional, exposição que constituirá um triumpho de arte,

de pedagogia, de historia e de arrojo patriótico. Nesta obra se reproduzem todos os quadros feitos da historia portugueza, nela passam todos os fulgores, todos os encantos, todas as alegrias, todas as lagrimas da nossa tradição nacional. Antevê-se, sonha-se na contemplação das estampas emolduradas em oito grandes quadros todo o esplendor português dos seculos passados, aspira-se toda a grandeza do Portugal velho. Para as escolas estes quadros constituem a melhor lição, e representam o maior incentivo á alma da criança: abrem-lhe os olhos do espirito para a contemplação das nossas glorias e revigoram-lhe as energias para a luta do futuro. São estes quadros na opinião unanime dos pedagogos, dos artistas, dos professores, dos jornalistas, dos homens de sciencia, a melhor obra de ensino pratico de historia que se tem concebido nos ultimos tempos. E' justo que nos ocupemos dos seus autores; é indispensavel que nos referamos á iniciativa e ao seu iniciador.

UM EXAME DE HISTORIA —
UM ANTIGO GOVERNADOR QUE
ACÓDE Á IDEIA — UM EDITOR
A TEMPO

O sr. Chagas Franco, nosso querido amigo, homem de letras apaixonado e vigoroso, dedicado em extremo a estudos historicos da nossa terra, é professor de historia no Collegio Militar. Numa tarde de exames, emquanto como membro do juri ouvia a exposição exacta mas fria, apagada, frouxa e lenta de um estudante, que era até dos mais distintos, Chagas Franco encarou de frente, luminosamente, um problema que ha muito o preocupava. Tocára-o o fogo sagrado da ideia, que hoje se desenvolve. E' que o examinando desenrolava avidamente o ponto de historia com uma glacial monotonia, que bem traduzia a inconsistencia do estudo recebido, a má impressão dos factos remotos, a que nem o calor do professor, ou o capricho do aluno, conseguiam dar vida. Era necessario patentear nas escolas,

pela interpretação do desenho, pela côr, pela reprodução de costumes, de trajes, de instrumentos, pela composição de scenas antigas, revestidas de fidelidade e pressão, o que foi a nossa historia, o que foi o nosso Portugal. Dar ao alumno a expressão da verdade historica — seria a maior obra de um professor e de um patriota. Dali para o futuro Chagas Franco não descançou. Um belo dia chega a Lisboa o seu grande amigo João Soares, professor tambem de historia, espirito francamente republicano e um dedicado estudioso do nosso passado. Vinha da Guarda, onde exercera o cargo elevado de governador civil; vinha cansado, abatido fisicamente, e precisava, para se revigorar, uma forte emoção espiritual. Recebeu a. A ideia dos «Quadros» apaixonou-o á segunda descrição. Oh! A ideia era bela de mais para que apenas os dois escriptores a tentassem realizar. Foi então que lhes surgiu o nome de Paulo Guedes, editor arrojado e decidido, de larga iniciativa, e que, desfeitas algumas hesitações, aceitou a ideia. Nesta altura surge a conflagração europeia; estalou a guerra. Outras almas pobres de energia e iniciativa desanimariam, e estariam hoje tranquilamente a reler as paginas sublimes do Marne, as folhas espantosamente belas de Verdun. Aquelles não. Olharam para a frente, e foram, um pouco como os Diogenes das ideias, á procura de aquarelistas historicos. Havia-os em França, na Italia, na Espanha? Ah! Portugal tê-los-hia com certeza, e dos mais vigorosos. E assim um belo dia — não era difficil — acharam-os.

ROQUE GAMEIRO — ALBERTO DE SOUSA — ESTUDOS E COMPOSIÇÕES RIGOROSAS — COMPLETA-SE A PARTE SCIENTIFICA DA OBRA

Roque Gameiro foi o primeiro nome procurado. O artista comprehendida a extensão da obra a sua difficuldade hesitou um momento não sob toque amarelo da cobardia artistica,

mas sob a inconsciente impressão de responsabilidade. O trabalho era de facto largo, e o tempo para a execução diminuto; assim Gameiro propôs um colaborador (que já tinha sido lembrado), Alberto de Sousa, que tinha sido discípulo de Gameiro, e que decididamente era um belo elemento de trabalho e — sobretudo — de estudo. E ahí está como estes cinco homens — de organizações e qualidades por vezes opostas — Chagas Franco, João Soares, Paulo Guedes, Roque Gameiro e Alberto de Sousa, se ligaram, se entenderam, se uniram, transigindo mutuamente quando era necessario, para que a execução da formosa iniciativa fosse quanto possivel perfeita e dignificadora. Os *Quadros da História* vão ser conhecidos do publico: desde o artista rigido ao simples contemplativo, desde o critico temperado ao observador exigente, desde o professor ao discípulo, do sabio ao ignorante, todos desfilarão diante das aquarelas esplendidas dos dois mestres da historia ilustrada. Aquellas quasi maravilhas de estudo, de composição e de paciencia, que são a *Tomada de Lisboa*, a *Batalha do Salado*, a de *Aljubarrota*, o quadro esplendoroso que nos mostra Gil Vicente, a figura elevadissima de Sebastião José de Carvalho e Mello, as figuras de 1820, e outras passarão aos olhos do publico selecto. Será essa a melhor manifestação de agrado nos autores da obra, e seria essa a maior e a mais justa consolação espiritual do nosso amigo o professor Chagas Franco.

Da *Capital* de 28 de Julho de 1916:

Modernizando o ensino. — Quadros da Historia de Portugal, coordenação de Chagas Franco e João Soares, ilustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

Paulo Emilio Guedes metteu hombros a um das mais arrojadas tentativas editoriaes que nos ultimos annos se tem feito em Portugal, ao editar os «Quadros da Historia de Portu-

gal», obra em que colaboraram assiduamente durante dois annos dois distinctos professores — Chagas Franco e João Soares — e dois aguarelistas cujo nome é bem conhecido para que precisem dos nossos elogios — Roque Gaimero e Alberto Sousa.

Os «Quadros da Historia de Portugal» são divididos em oito ciclos, condensando n'elles os acontecimentos mais notaveis e que maior impulso deram á nossa nacionalidade. Vêem-se tratadas exuberantemente as batalhas do Salado, d'Aljubarrota, de Ceuta, d'Alcacer Kibir, Montes Claros e Bussaco, a tomada de Santarem, o episodio sentimental de Alvallade, Egas Moniz perante o rei de Leão, Martim de Freitas em Toledo perante a sepultura de D. Sancho II, em resumo, os factos mais importantes da nossa historia, que occupam nos «Quadros» um maior espaço.

Juntamente vêem-se aguarellas mais pequenas representando outros factos de menor importancia — relativamente — chegando a minuciosidade a reproduzir as moedas dos differentes reinados. E' uma lição de historia vivida, palpitante, a que os nossos olhos vêem e que se fixa indelevelmente na memoria do alumno.

Todas as aguarellas são reproduzidas por trichromias executadas por todos os nossos gravadores nacionaes e impressas em varias officinas do paiz, o que torna monumental edição apreciavel por toda a arte graphica nacional.

A trichromia mostra um-respeito absoluto pelo trabalho dos distinctos artistas.

Para que o publico possa avaliar da importancia do arrojo editorial, basta dizer que anda por perto de 8:000 escudos o seu custo e se trabalhou, como dizemos, dois annos nos «Quadros da Historia de Portugal», que marcarão — não temos duvidas a tal respeito — uma «étape» nos novos methodos de ensino.

A Chagas Franco e João Soares, se não tivessem de ha muito a sua reputação feita como excellentes professores que são, bastaria a presente obra para lh'a conferir.

De *O Combate* de 29 de julho de 1916:

«Quadros da Historia de Portugal»

—por Chagas Franco e João Soares

A evolução no ensino e educação da creança tem de ser.

E' uma lei da vida, e as leis da vida, podendo desviar-se da linha réta por curvas interminaveis, não se embarga.

Quando muito, demora-se. E' o que tem sucedido.

O egoismo brutal do homem constitue o privilegio. A primeira aspiração do privilegiado é o parasitismo.

O parasitismo tornou-se aspiração de classe, de casta. O Sacerdocio é o parasitismo por excellencia erguendo-se em raizes fundas, talvez dos seculos.

A sua força fez-se poderosa. Arvore de mil ramos colossaes, bebeu seiva de milhões de vidas. Até hoje a sua alimentação foi sangue humano.

O Sacerdocio pretende continuar o seu parasitismo por mais, por todos os seculos. Desta pretensão, a ancia de embargos a tudo que represente progresso.

Embargar o progresso no ensino, na escola, eis o ideal a que dá atualmente o maior esforço. Da intensidade do esforço resulta a sua raiva. E' ve-lo espumando aí contra a Republica.

A Republica é progresso. Já o era o Liberalismo. Contra o Liberalismo ergueu-se a voz do secular orgulho, da secular mentira, da secular tirania omnipotente e infame, a voz do Papado gritando excomunhões. O *Syllabus* é amaldiçoante.

Porem o Liberalismo ficou, embora corrompido pelo Sacerdocio. Tomou a curva, mas assim mesmo veio dar na Republica. Contra esta aquella voz continua a erguer-se, na ancia da corrupção. Embora; hade ficar.

Pará que fique trabalham almas grandes e nobres.

Entre essas e das mais esforçadas, aí es-

tão os nossos queridos amigos João Soares e Chagas Franco.

Almas de eleição, iluminadas da intensa e clara luz que deve ser o verbo da vida moral e social, professores distintos, possuidores dos conhecimentos precisos á orientação que deve dar-se ao ensino, com que devem encaminhar-se os primeiros passos da creança, eí-los creando essa obra sublime *Quadros da História de Portugal*, obra de evolução para a evolução se dirigindo, bela e vigorosa.

O ensino da historia na escola primaria vae ser, em fim, racional, criterioso, proficuo.

Deixa de ser martirio, como tem sido todo o ensino para a creança, para ser distração e recreio.

Postos os quadros em frente da creança, o professor carinhosamente discorrendo sobre o que esse quadro representa e significa, a creança deixa sentir a conhecida repulsão que sentia para sentir atração e desejo do estudo.

Ha apenas um obice, uma dificuldade: o professor. Está o professor habilitado a servir-se do quadro com o discerrimento exigido, para a obtenção dos devidos resultados?

Sem o minimo intuito depreciativo, e o professor conhece bem como estamos sempre ao seu lado, defendendo-o e enaltecendo-o, dizemos que a muitos professores falta essa habilitação e a alguns falta a vontade. Mas lá estão os restantes, e em bom numero, devidamente aptos para o manejar desse instrumento de ensino e educação com todas as vantagens.

Para aqueles, porem, ao encontro da sua falta e para a suprir ou atenuar, os autores dos *Quadros da História de Portugal* resolveram tambem a publicação dum livro, explicativo e elucidativo, complemento da obra sublime de que falamos, o qual deverá sair em Outubro proximo, isto é, a data da abertura do novo ano letivo.

Para avaliar do valor deste livro, na sua forma, seus intuitos e fins, daremos um trecho no proximo numero, referente a um dos quadros.

E por hoje terminaremos, dizendo aos lei-

tores que os *Quadros da História de Portugal* se acham em exposição nesta cidade; no salão do teatro Bombeiros Voluntarios, podendo, quem os quizer vêr ir ali, todos os dias, desde as 17 ás 21 horas,

A colêção exposta foi gentilmente oferecida ao nosso Diretor, oferta que em seu e nosso nome agradecemos.

De *O Seculo* de 30 de Julho de 1916:

«Quadros da História de Portugal» — Uma obra de arte ao serviço da instrução

Editados pela papelaria Guedes, acabam de ser postos á venda os «Quadros da História de Portugal», esplêndida obra de intuitos educativos e patrióticos, em cuja execução cooperaram dois illustres professores, os srs. Chagas Franco e João Soares, e dois insignes artistas da aguarela, Roque Gameiro e Alberto de Sousa.

A edição dos «Quadros da História de Portugal» representa um dos mais inteligentes e valiosos serviços que nos últimos anos tem sido prestados á causa do ensino nacional. O papel que elles desempenham no estudo da história corresponde ao que as cartas geográficas desempenham no ensino da geografia. Em face dêles, o aluno adquire rápidamente dos grandes acontecimentos da nossa história uma noção exacta, vívida, palpitante, que de nenhum modo lhe poderia ser dada pela descrição feita no livro, por mais sugestiva que esta fôsse.

Ante os olhos do aluno passam perfeitamente reconstituídos, quasi animados, não só os episódios célebres e os vultos notáveis da história pátria, mas ainda uma série infinita de pequenos elementos secundários, como as bandeiras, moedas, faianças, ourivesaria, sellos, indumentária, armas, architectura, etc., das várias épocas a que o quadro se refere.

Os «Quadros da História de Portugal» são oito, de grande formato e impressos em ma-

gnífico cartão. Cada um corresponde a um ciclo da nossa história, reunindo uma, duas ou três grandes aguarelas em que são reproduzidos os factos mais destacantes da vida portuguesa, como a tomada de Lisboa, as batalhas do Salado, Aljubarrota, Ceuta, Alcácer Kebir, Montes Claros e Bussaco; a partida de Vasco da Gama para a Índia, a tomada de Santarém, Pombal estudando a reconstrução de Lisboa, Egas Moniz perante o rei de Leão, Martim de Freitas em Tolêdo perante a sepultura de D. Sancho II, as revoltas populares do Minho, o 31 de Janeiro e a proclamação da República.

Em outros pequenos quadros, harmónicamente dispostos, veem-se os pequenos pormenores episódicos a que já nos referimos e entre os quais é digna de menção uma série de tipos das várias camadas sociais, segundo os trajes e costumes das diferentes épocas.

A execução dos quadros, feita em tricromia, em grande parte nas oficinas da *Ilustração Portuguesa*, é primorosa, respeitando fielmente, no traço e no colorido, as belíssimas aguarelas originaes. Por isso a esplêndida colecção, cuja edição custou cerca de 8:000 escudos, pode considerar-se, além dum precioso elemento de estudo, uma esplêndida obra de arte, digna de figurar nas mais bem escolhidas galerias dos amadores de aguarela.

Os originaes dos «Quadros da História de Portugal» vão, como já dissemos, ser expostos ao público, o que deve constituir uma atraente diversão, sabendo-se que Roque Gameiro e Alberto de Sousa são, incontestavelmente, dos primeiros aguarelistas portugueses.

4—10—915.

Do Boletim de assinatura dos Quadros

Ex.^{ma} Senhor

A idea de vulgarizar quanto possível pela gravura de todas as scenas mais importantes da História do nosso país levou-nos a editar

os trabalhos de dois illustres professores do ensino secundário que pensaram, pela primeira vez entre nós, em dotar as nossas aulas de história com um material verdadeiramente notável pela sua intenção patriótica e pela sua soberba execução artistica.

Esse material, composto de oito esplêndidos quadros parietais, evocando numa colecção soberba os mais belos factos da nacionalidade e as mais lidimas proezas dos seus heróis, será executado pelos nossos melhores artistas como

ROQUE GAMEIRO e ALBERTO SOUSA

reproduzido pelas mais belas tricromias que se teem conseguido em Portugal e merecerá igualmente um acolhimento favorável não só dos **directores das nossas escolas** como dos **simples particulares**.

Com effeito urgia dotar as nossas escolas com esse brilhante material que tanto se impõe á imaginação das crianças, com essas magnificas gravuras—de que juntamos um specimen reduzido—mercê das quais os pequeninos cérebros podem sentir, comparar e apreender os factos historicos; urgia pôr-lhes deante dos olhos a noção viva e estimuladora do progresso, a noção justa, emancipadora e nobilitante dos estádios vencidos, das liberdades e garantias conquistadas; urgia que as escolas portuguezas, como as da França, da Inglaterra, da Bélgica, da Alemanha, como as das libérrimas nações da América brilhassem de coloridos painéis, agasalhassem as collecções bizarras que—fortalecendo na criança tôdas as suas qualidades morais e por ventura fazendo germinar nela algumas qualidades artisticas—são de um alcance patriótico insosismavel.

Mas igualmente a execução desta obra interessa aos particulares:—mercê dela todos poderão possuir, por preço deveras módico, muitos dos mais belos trabalhos dos nossos melhores artistas, verdadeiros primores inéditos do pincel de Roque Gameiro e de Al-er-

to de Sousa, que assim porão em todos os lares, dos mais modestos aos mais confortavelmente elegantes, as claras, as consoladoras notas do seu génio artístico.

As reproduções que acompanham esta noticia, apesar de muito reduzidas, dão bem idea da delicadeza, do mimo, do disvêlo, com que serão feitas as coleções; cada um dos oito grandes quadros com as dimensões de $0,70 \times 0,97$ compôr-se há dos mais diferentes assuntos de **arte, de indumentária, de armaria, de história política, de pitorescos costumes** e todos os QUADROS serão reproduzidos pela fotografia a cores com tal perfeição, que a obra será verdadeiramente um monumento, um padrão, uma conquista do nosso tempo benéfica e civilizadora.

VARIAS

CARTAS

31 — Agosto — 915.

Querido amigo:

Recebi, com verdadeira alegria, a notícia da sua saúde, e com verdadeiro prazer artístico o anúncio dos quadros históricos.

Há muito tempo que eu andava a escrever às livrarias pedindo quadros educativos e instrutivos de história pátria, para a escola do Asilo, e raro encontrava, aqui e além, notícia de um ou outro, dados em brindes de publicações.

Calcule, por isso, a alegria com que recebi a notícia!

Escrevi imediatamente um postal aos editores pedindo a assinatura dos quadros.

Tome lá um grande abraço, um entusiástico abraço, pela magnífica lembrança do seu espírito!

Do meu contentamento participou o dr. Prazeres, que estava a meu lado, dizendo-me que ia fazer encomenda para o liceu.

Pode o meu bom amigo contar com a humildade da minha opinião, para afirmar, em toda a parte, a beleza e utilidade dos quadros da história, principalmente entre os professores que conheço, pois creio que a publicação, pelo seu tamanho, se destina principalmente às escolas.

Se a grandeza da obra se não amesquinhasse e os artistas pintores — que são excelentes — pudessem reduzi-la a álbum, teriam os visitantes estrangeiros alguma coisa de Portugal para levar aos filhos e aos amigos, em troca dos álbuns fotográficos reproduzindo as nossas avenidas e as nossas ruas — que são imitações miseráveis das avenidas e das ruas dos seus países.

Outro abraço! mais outro ainda!

E não estranhe o entusiasmo!

Bem sabe quanto eu amo as obras belas, e então quando elas reflectem a alma e a vida da nossa Terra, estremeço-as, e exálto-me quando elas partem de amigos que muito estimo.

Seu do coração

Alvaro Almeida

Guimarães, 3—Novembro—1915.

Meu ex.^{mo} amigo:

Felicito-o pela sua obra, que considero admirável para as escolas e até salutar estímulo de patriotismo para as nossas casas.

Faço, pois, duas encomendas: uma, para o Internato Municipal; outra, para este

Seu dedicado amigo
e admirador at.^o e grato

Eduardo d'Almeida.

Guarda, 3—11—915.

Meu amigo:

Saúde. Tenho muito prazer em assinar a sua história, porque estou convencido de que ela será uma coisa interessante, nova e muito útil.

Com as minhas antecipadas felicitações, subscrêvo-me, como

Amigo certo

António J. Castela Júnior.

Braga, 6—11—915.

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.:

Terei na devida conta a recomendação de V. Ex.^a, relativamente aos «Quadros da História Portuguesa», cuja publicação representa um valiosíssimo serviço pelo interesse que o estudo desta disciplina despertará nas crianças.

Mande V. Ex.^a, em tudo, o que é, com a maior consideração,

De V. Ex.^a, cr.^o mt.^o obg.^o

Manuel Justino Pereira da Cruz.

Fafe, 6—11—915.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. e meu Ex.^{mo} amigo

Rogo a V. Ex.^a o favor de considerar como assignante dos Quadros da Historia Portuguesa a Camara Municipal de Fafe, com 4 exemplares para as quatro escolas primarias da villa.

Logo que haja verba sufficiente mandarei a V. Ex.^a communicacão para nos fornecer mais alguns exemplares para outras escolas.

A assignatura é por ciclos.

De V. Ex.^a Att.^o V.^o Cr.^o,
amigo muito grato e obrigado

Arthur Vieira da Costa

Ex.^{mos} Srs. Autores e Editores dos Quadros da Historia de Portugal

Na ultima reunião da Direcção da Liga Nacional de Instrução com séde provisoria na Sociedade de Geografia, tendo-se trocado impressões sobre os quadros da História de Por-

tugal que V. Ex.^{as} se propõem publicar e que já alguns membros desta Direcção tiveram ocasião de ver, a mesma Direcção, congratulando-se por uma tão bela e patriótica iniciativa, deliberou felicitar V. Ex.^{as} e que gostosamente me apresso a fazer.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1916.

Pelo Secretário da Direcção

Alvaro Viana de Lemos

QUADROS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

ÁLBUM

Concluídos os *Quadros da História de Portugal*, vamos iniciar a sua publicação em *Álbum* no formato 37×47, tendo aproximadamente cento e sessenta páginas;

esse álbum abrangerá todas as gravuras dos *Quadros*, igualmente impressos a cores sobre o magnífico cartão couché deste boletim;

essas gravuras sobressaindo duma meia tinta, artisticamente escolhida, serão intercaladas num texto expressamente redigido, de maneira a tratar todos os principais episódios da História Nacional;

esta obra dum género absolutamente novo na beleza e disposição das suas policromias, nos empolgantes períodos da sua literatura, formará um imprevisto e delicioso conjunto a que uma capa executada sobre um desenho de Roque Gameiro, dará um especial e luxuoso realce.

PREÇO DA ASSINATURA

Paga no acto da assinatura.....	9.80
Paga quando a entrega.....	11,—
Fascículo de 8 páginas.....	.70

CHAGAS FRANCO E ANIBAL MAGNO

PRIMEIROS ESBOÇOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

aprovado oficialmente para as

ESCOLAS PRIMÁRIAS

PREÇO .25

GEOMETRIA para o IV ano dos liceus ...	.45
» » V » » »	.45